



UNEB

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I

PRÓ-REITORIA DE ENSINO E PÓS-GRADUAÇÃO



GESTEC

**MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO E TECNOLOGIAS
APLICADAS À EDUCAÇÃO - GESTEC**

ADELAIDE HENRIQUE GOMES

**POLÍTICA DE EJA DA REDE ESTADUAL: IMPLANTAÇÃO E
IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR TEMPO
FORMATIVO NO COLÉGIO ESTADUAL LUÍS CABRAL**

SALVADOR

2013

ADELAIDE HENRIQUE GOMES

**POLÍTICA DE EJA DA REDE ESTADUAL: IMPLANTAÇÃO E
IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR TEMPO
FORMATIVO NO COLÉGIO ESTADUAL LUÍS CABRAL**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado da Bahia, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação. Área De Concentração 1 – Gestão aa Educação E Redes Sociais. Para Obtenção do Título de Mestre.

Orientação: Prof.^a Dr^a. Elizabete Santana

SALVADOR

2013

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Gomes, Adelaide Henrique

Política de EJA da rede estadual: implantação e implementação da proposta curricular tempo formativo no Colégio Estadual Luís Cabral / Adelaide Henrique Gomes . - Salvador, 2013.
157f.

Orientadora: Elizabete Santana.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação. Campus I. 2013.

Contém referências e anexos.

1. Educação de adultos. 2. Educação do adolescente. 3. Aprendizagem. 4. Currículos. I. Santana, Elizabete. II. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação.

CDD: 374.012

FOLHA DE APROVAÇÃO

POLÍTICA DE EJA DA REDE ESTADUA: IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR TEMPO FORMATIVO NO COLÉGIO ESTADUAL LUÍS CABRAL

ADELAIDE HENRIQUE GOMES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de Pós-Graduação (scripto sensu) Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, Área de Concentração I – Gestão da educação e Redes Sociais, em 03 de dezembro de 2013, como um requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Elisabete Conceição Santana
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Educacion Moral y Democracia
Universidade de Barcelona.

Prof. Dr. André Ricardo Magalhães
Universidade de Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Educação Matemática
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Prof^a Dr^a Maria Couto Cunha
Universidade federal da Bahia - UFBA
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Dedico este trabalho às jovens (filhas) Jéssica e Amanda, que me inspiram a seguir acreditando na possibilidade de mudança; e a todos os jovens e adultos, que lutam pela sobrevivência e percebem na educação um instrumento de luta para a conquista da cidadania.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus a oportunidade de vivenciar momentos tão especiais de aprendizagem e criação.

À todos os professores do CELC pela contribuição, em especial a diretora e amiga Lilia Cristina.

À Orientadora Elizabete Santana pela paciência e competência com que orientou e conduziu este trabalho.

O Homem pode converter-se no mais divino dos animais, sempre que se eduque corretamente. Converte-se na criatura mais selvagem de todas as criaturas que habitam a terra, em caso de ser mal educado.

(PLATÃO, As leis. 766 ac.).

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar o processo de implantação e implementação da proposta curricular para Educação de Jovens e Adultos, Tempo Formativo, no Colégio Estadual Luís Cabral (CELC). Para tanto foi realizada uma pesquisa qualitativa utilizando como método o estudo de caso e como procedimentos metodológicos a análise documental, a observação participante e a entrevista. O levantamento bibliográfico contemplou entre outras as ideias de Jean Piaget, Paulo Freire e Miguel Arroyo autores que forneceram suporte teórico para a elaboração do documento *Política de Educação de Jovens e Adultos da Rede Estadual* no qual está inserida a proposta curricular estudada. Os resultados apontaram a existência de problemas relacionados com a reação dos professores diante de mudanças construídas sem a sua participação e a falta de investimento que inviabilizou a formação continuada dos professores, a aquisição de material didático adequado e a confecção dos diários de classe. Na conclusão foi apresentada uma proposta de intervenção para melhorar a implementação da proposta curricular na escola que foi objeto da investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Proposta Curricular; Aprendizagem.

ABSTRACT

This work aims to analyze the process of establishing and implementing the proposed curriculum for Young and Adults , Formative Time at Colégio Estadual Luís Cabral (CELC). For both a qualitative research method using as a case study design and document analysis as methodological procedures, participant observation and interview was conducted. The literature survey included among others the ideas of Jean Piaget , Paulo Freire and Miguel Arroyo authors who provided theoretical support for the preparation of the document Policy on Education for Young and Adults in the State Network which is inserted the proposed curriculum studied . The results indicate the existence of problems related to the reaction of teachers before changes built without their participation and the lack of investment that prevented the continuing education of teachers, the acquisition of appropriate teaching materials and the production of the daily class. In conclusion an intervention proposal was presented to improve the implementation of the proposed school which was under investigation.

KEYWORDS: Young and Adult Education; Proposed Curriculum; Learning

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tempo Formativo e EJA I - II e III em equivalência com as séries	39
Quadro 2: Modelo Curricular para o Tempo Formativo EJA	42
Quadro 3: Matriz Curricular EJA	46
Quadro 4: Modelo Curricular Tempo Formativo Juvenil	48

LISTA DE ABREVIATURAS

AC – À Construir

PC – Processo Construído

CEAP - Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica

CEE - Conselho Estadual de Educação

CELC – Colégio Estadual Luís Cabral

CONFINTEA - Conferencia Nacional para a Educação de Jovens e Adultos

CNE - Conselho Nacional de Educação

DIREC -Diretoria Regional de Educação

EC – Em Construção

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENEJA –Encontro Nacional da EJA

EP – Em Processo

FUNAPE – Fundação de Apoio de Pesquisa e Extensão

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MOVA - Movimento de Educação de Base

PC – Percurso Construído

SEC – Secretaria da Educação do Estado da Bahia

SESI - Serviço Social da Indústria

SMEC -Secretaria Municipal de Educação e Cultura

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFG – universidade Federal de Goiânia

UNESCO -Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SMEC - Secretaria Municipal de Educação e Cultura

SSA – Salvador

Sistema S - Rede de escolas, laboratórios e centros tecnológicos que atuam com a educação profissional em todo o Brasil, criadas pelos setores produtivos (indústria, comércio, agricultura, transportes e cooperativas) para formar e qualificar mão de obra.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CONCEPÇÕES TEÓRICAS E PRINCÍPIOS IDEOLÓGICOS E POLÍTICOS QUE SUSTENTARAM A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR DA EJA – TEMPO FORMATIVO	20
2.1 Concepções teóricas que nortearam a construção da proposta Tempo Formativo	20
2.2 Contexto ideológico e político no qual a proposta foi concebida	30
3 A PROPOSTA CURRICULAR – TEMPO FORMATIVO	35
3.1 Estrutura da proposta curricular tempo formativo e diretrizes para a seleção e organização dos conteúdos	38
3.2 Princípios e diretrizes propostos para a organização do processo de ensino aprendizagem	43
3.2.1 Metodologia	43
3.2.2 Acompanhamento e avaliação da aprendizagem	43
3.2.3 Material Didático	44
3.2.4 A matrícula dos alunos e sua inserção na proposta	44
4 O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR DA EJA NA VISÃO DE DIFERENTES ATORES	49
4.1 O colégio estadual Luís Cabral (CELC): o <i>lócus</i> de implantação da proposta	50
4.2 O processo de implantação e implementação da proposta na visão dos entrevistados	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E INDICAÇÕES PARA MELHORAR O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO	65
6 REFERÊNCIAS	71
7 ANEXOS	75
7.1 Roteiros para entrevistas	75

7.2 Entrevista com a coordenadora da EJA	87
7.4 Entrevista com coordenadora pedagógica do CELC	94
7.3 Entrevista com diretora do CELC	98
7.5 Entrevista com os professores do CELC	116

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi construído a partir dos resultados de uma pesquisa qualitativa sobre o processo de implantação e implementação da proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos Tempo Formativo, no Colégio Estadual Luís Cabral (CELC), uma escola pública de ensino básico, da cidade de Salvador. A proposta curricular da EJA configura-se como política pública direcionada para a Educação de Jovens e Adultos na Bahia. Sua inserção nas escolas foi iniciada no segundo semestre do ano letivo de 2009.

O CELC está situado no bairro de Caixa D'água, e tem como modalidade de ensino exclusivo a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Funciona nos turnos matutino e noturno, em uma área física extensa, bem localizada, tem uma boa ambiência com salas de aulas amplas, bem arejadas; tem biblioteca, sala de vídeo e de informática. Possui um quadro de professores especialistas e comprometidos com a educação, e uma gestão participativa. Contudo, tem vivenciado altos índices de evasão e retenção escolar. Esta é uma realidade presente nas escolas públicas do Brasil, entretanto, esta descontinuidade nos estudos é mais frequente, segundo estatísticas, nos cursos da EJA.

Para reduzir os índices elevados de evasão e garantir aos jovens e adultos o direito à educação, a Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC) implantou no ano letivo de 2009, uma nova proposta curricular para a EJA, que implicava mudanças curriculares e metodológicas.

Esta proposta está inserida no documento intitulado *Política de Educação de Jovens e Adultos da Rede Estadual*, escrito para orientar os trabalhos das unidades escolares, auxiliar a organização do currículo dentro da nova perspectiva da EJA e oferecer suporte para o acompanhamento da aprendizagem de educadores e educandos.

Após ser concluída, em meados de 2009, a proposta foi encaminhada às escolas para implantação imediata. No Colégio Estadual Luís Cabral, gestores e professores foram tomados de surpresa, pois desconheciam a nova política para o ensino da EJA e as informações contidas na proposta curricular apresentada. Eles demonstraram muita dificuldade para entender o que estava sendo proposto, e como

deveriam conduzir o trabalho pedagógico na escola a partir daquele momento, passaram por conflitos pessoais suscitados pela necessidade de mudanças de paradigmas que a proposta impunha, e conflitos nas relações interpessoais no âmbito escolar promovido pela falta de entendimento para a condução da proposta.

Diante da situação instalada é pertinente levantar alguns questionamentos: como foi inserida a proposta curricular da EJA na escola. O que ainda pode ser feito para corrigir os eventuais pontos negativos gerados na implantação e no decorrer da implementação da proposta no CELC?

Essas e outras questões serão tratadas no decorrer desse relatório de pesquisa que analisa a implantação e implementação da proposta curricular da EJA (Resolução de 2009), no Colégio Estadual Luís Cabral, utilizando uma abordagem qualitativa, o método de estudo de caso e os seguintes procedimentos metodológicos: análise documental, observação participante e entrevistas.

A escolha do tema: análise do processo de implantação e implementação da proposta curricular Tempo Formativo decorre da possibilidade da autora intervir no Colégio Estadual Luís Cabral (CELC) - unidade onde atua como gestora há 12 anos - para aperfeiçoar a implementação da proposta. Para atingir este objetivo será realizado um estudo do documento Política de Educação de Jovens e Adultos da Rede Estadual e análise da proposta curricular Tempo Formativo; a investigação do processo de concepção e implantação da proposta na Rede, e do processo de implantação e implementação da proposta no CELC.

Ao surgir à oportunidade de participar do curso de mestrado profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação, em 2011, na Universidade do Estado da Bahia- UNEB, a autora pensou imediatamente em construir um projeto que lhe possibilitasse fazer intervenção no funcionamento pedagógico da escola com o objetivo de reduzir a evasão.

Inicialmente, escolheu o tema: sistematização da informação na escola pública, por conta de problemas vivenciados no CELC, quando em 2009 a Secretaria da Educação do Estado (SEC), determinou mudanças na metodologia curricular do curso da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A forma como as informações sobre a nova proposta foram transmitidas dificultou o entendimento das

mesmas e gerou conflitos entre gestores e professores interferindo no desenvolvimento do processo pedagógico.

No decorrer do curso e, principalmente, a partir do exame de qualificação que foi realizado em 03/01/2013, tornou-se evidente que o problema que afligia a autora naquele momento - a desorganização e desarticulação da informação -, suscitada anteriormente como tema, era apenas parte do problema maior que estava relacionado com a implantação e a implementação da proposta na escola tomada como referencia para a pesquisa.

Com este trabalho, a autora tem a expectativa de que os resultados da pesquisa possibilitem a intervenção na implementação da proposta curricular, considerando que a mesma encontra-se em fase de construção coletiva, como admite o documento normativo que originou a proposta.

A utilização da análise documental, da observação participante e de entrevistas atende as orientações de Yin (2010), que defende que o uso de várias fontes de evidencia no estudo de caso é um ponto importante da coleta de dados, porque possibilita investigar vários aspectos em relação ao mesmo fenômeno, e ainda representa uma importante vantagem que é o desenvolvimento de linhas convergentes de investigação.

A pesquisa teve início com a observação participante, já que a autora, como gestora da unidade, está diretamente envolvida no processo analisado. A análise documental foi realizada a partir da descrição do documento intitulado *Política de EJA da Rede Estadual*, da análise da proposta curricular *Tempo Formativo* e de outros documentos que complementaram a pesquisa. As entrevistas foram semi estruturadas, gravadas e conduzidas através de um roteiro de questões previamente elaboradas, mas flexíveis.

Os roteiros foram elaborados com tópicos comuns a todos os entrevistados do CELC (06 professores, 01 coordenadora pedagógica, 02 vices diretores 01 diretora), contudo, a sua flexibilidade permitiu que fossem feitas adequações no decorrer da entrevista. Os roteiros voltados para as entrevistas com a coordenadora da EJA tiveram tópicos um pouco diferenciados dos primeiros, porque priorizou

questões relacionadas com a concepção, construção e inserção da proposta nas escolas.

Portanto, foram seguidos os princípios propostos para uma pesquisa qualitativa que utilizou a metodologia do estudo de caso, considerando, como definem Bogdan e Biklen (1994, P.149), que os dados são “materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar, são os elementos que formam a base da análise”.

Neste relatório, todos os dados levantados foram analisados e confrontados seguindo uma linha convergente de investigação construída em torno da premissa: “A forma como a proposta curricular da EJA foi inserida no CELC dificultou o entendimento das informações contidas na proposta e o desenvolvimento do trabalho pedagógico na escola” e da questão: Como ocorreu a implantação e implementação no CELC da proposta curricular da EJA intitulada *Tempo Formativo*?

Na construção deste texto, o capítulo introdutório traz as questões que motivaram o autor à escolha do tema e uma breve descrição da unidade de ensino que constitui o campo de pesquisa e o caminho metodológico seguido, para atingir o objetivo da pesquisa.

O segundo capítulo traz breves apreciações sobre a epistemologia de Paulo Freire, a psicogenética de Piaget e as colocações de Miguel Arroyo sobre a Educação de Jovens e Adultos, considerando que são autores que influenciaram, teoricamente, a proposta curricular da EJA na Bahia. No mesmo capítulo se faz uma descrição do documento intitulado: *Política de Educação de Jovens e Adultos* da Rede Estadual, o qual descreve a fase de concepção da proposta, traz a proposta na íntegra com seus apêndices - que são documentos de cunho pedagógico para orientar o trabalho pedagógico na escola; também se faz uma análise da proposta Tempo Formativo considerando o seu referencial teórico, legal e ideológico.

No terceiro capítulo apresenta-se a análise do processo de implantação e implementação da proposta no CELC. Nele encontra-se a descrição e análise dos dados da pesquisa de campo levantados através de entrevistas junto à coordenação da Educação de Jovens e Adultos, na Secretaria de Educação do Estado (SEC), entrevistas junto aos professores, coordenadores e diretores do Colégio Estadual

Luís Cabral. Também inclui dados resultantes da observação participante do trabalho pedagógico da escola e da análise de documentos da própria escola e da SEC.

Nas considerações finais, último capítulo, será elaborada uma proposta de intervenção, com a perspectiva de contribuir para a construção de uma nova postura dos gestores e professores do CELC na condução da proposta.

Acredita-se que outras unidades de ensino estaduais vivenciaram na implantação e implementação da proposta questões semelhantes às enfrentadas pelo Colégio Estadual Luís Cabral. Espera-se que com a divulgação dos resultados desta pesquisa essas unidades possam também avaliar os seus processos e construir propostas de intervenção.

Espera-se ainda fomentar em outros pesquisadores o interesse pelo tema, já que a carência de estudos nessa área é significativa e, também, incentivar a SEC a avaliar os processos de implementação da política de EJA com o objetivo de fazer intervenções voltadas para a melhoria dos processos pedagógicos desenvolvidos na Educação de Jovens e Adultos.

2 CONCEPÇÕES TEÓRICAS E PRINCÍPIOS IDEOLÓGICOS E POLÍTICOS QUE SUSTENTARAM A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR DA EJATEMPO FORMATIVO

Este capítulo foi construído a partir das obras: *A Epistemologia Genética, Sabedoria e ilusões da Filosofia* de Piaget (1978) traduzido por Nathanael Caixeiro, Zilda Daeir, Célia di Pierro (1978); *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (1987) e do artigo do professor Miguel Arroyo (2007) intitulado *Balanço da EJA: O que mudou nos modos de vida dos jovens - adultos populares?*¹. Não houve aqui a intenção de realizar estudos aprofundados sobre essas obras, mas, mostrar de forma sucinta as ideias defendidas por esses autores, que influenciaram teoricamente a proposta pedagógica Tempo Formativo.

O conhecimento da proposta *Tempo Formativo* foi construído através da leitura do documento *Política de EJA para a Rede Estadual*. Para compreensão dos aspectos relativos ao direito dos jovens e adultos a educação foram consultadas a Constituição Federal de 1988, no capítulo III, Seção I da Educação e a Lei de Diretrizes de Base da Educação (LDB 9.394/96). O entendimento dos princípios ideológicos que fundamentaram a proposta Tempo Formativo foi alcançado a partir da leitura dos documentos que fazem referência às Conferências Internacionais para a Educação de Jovens e adultos (CONFINTEAs), aos Fóruns formados por grupos envolvidos com a EJA, principalmente o Fórum EJA Bahia, e aos Encontros Nacionais da EJA (ENEJAS).

2.1 Concepções teóricas que nortearam a construção da proposta Tempo Formativo

Como indica o documento *Política de Educação de Jovens e Adultos da Rede Estadual*, a construção da proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos,

¹Tema desenvolvido por ocasião da 67ª plenária do Fórum Mineiro de Educação de Jovens e Adultos, realizada na Faculdade de Educação da UFMG, no dia 29 de junho de 2007, ocasião que se comemorou o 9º aniversário desse Fórum (espaço de discussão criado por grupos envolvidos com a EJA em todo o Brasil). Disponível em: <forumeja.org.br/go/files/Balanço%20da%20EJA%20-20Arroyo.pdf> Acesso em 10 de novembro de 2012..

foi assessorada pelo professor Miguel Arroyo, e teve como referencial as teorias da psicogênese de Piaget e a concepção de educação de adultos de Paulo Freire. Portanto, se faz necessário apresentar ainda, que de forma sucinta, o que estes teóricos concebem em relação à aprendizagem, para compreensão da proposta.

Segundo Piaget, (1978) a construção do conhecimento pelo sujeito - sujeito ativo, consciente, capaz de interpretar a realidade, intervindo sobre ela, transformando-a e ao mesmo tempo transformando-se em movimento de reciprocidade- ocorre quando o indivíduo age, física ou mentalmente, sobre os objetos, provocando o desequilíbrio do conhecimento adquirido anteriormente.

E para que se concretize esse movimento interno de construir conhecimento, faz-se necessário um agir e um interagir do sujeito com o objeto, no qual vai produzindo a sua capacidade de conhecer, através de esquemas de ação mental tendo como resultado a construção da sua própria aprendizagem.

Ainda segundo Piaget (1978), o conhecimento nunca é cópia da realidade, não está no sujeito nem no objeto, mas se constrói no processo de interação entre os dois. Nesse caso, o ideal para a construção do conhecimento é aprender a aprender. Não é elevar o conhecimento ao máximo, mas, desenvolvê-lo.

A inteligência, portanto, se constrói no sujeito, a partir das interações com o objeto e, sobretudo da qualidade das aprendizagens que se fazem ao longo da vida. Isso quer dizer que quanto mais aprendizagens o homem fizer ou construir, no decorrer da sua existência, mais inteligente se tornará. Portanto, a aprendizagem não resulta do homem supostamente nascido inteligente, mas das suas intervenções sobre o mundo.

Para Piaget (1978), a aprendizagem não decorre de uma justaposição interna de informações, isto é, uma sobre outras, sem misturar-se ou fundir-se, mas decorre de um movimento intrínseco onde o sujeito recebe as informações novas que vão sendo assimiladas - ação mental - e que irão agregar-se aos conhecimentos anteriores, possibilitando o estabelecimento de múltiplas relações entre ambos. Dessa forma, o conhecimento torna-se um todo, não fragmentado.

Esse processo gradativo de ressignificação do conhecimento, sob o ponto de vista do ato de conhecer, é profundamente rico, cheio de contradições, oportuniza o surgimento da crise, lugar de conflito, por vezes o sujeito fica em completo desequilíbrio cognitivo frente ao seu saber. É a hora da construção e reconstrução de hipóteses e ideias sobre o seu objeto de aprendizagem.

A partir daí ocorrem os esquemas de ação mental como: assimilação, acomodação, adaptação e, finalmente a equilibração, tendo como resultado a aprendizagem.

Como Piaget, Paulo Freire vê a aprendizagem como um ato de recriação, de ressignificação de significados. Freire utiliza o método de aprendizagem focado no aluno, para que a alfabetização conduza à libertação, criando sujeitos autônomos e conscientes.

Para desenvolver este método de aprendizagem, Paulo Freire (1983) se fundamenta em princípios que afirmam que a educação está intrinsecamente associada à conscientização, que a educação é a construção e reconstrução de significados da realidade, que estes significados prever a ação do homem sobre a realidade e que esta ação pode ocorrer casualmente ou conscientemente, conduzida por uma ação /reflexão que tem o poder transformador.

O método Paulo Freire teve início com a investigação temática. Trata-se de uma pesquisa sociológica para investigar o universo vocabular e os modos de vida da população. Os resultados são obtidos através de entrevistas realizadas com futuros educandos e pessoas de destaque na comunidade, por ser morador mais antigo ou mais consciente. Esses resultados são utilizados para a formação do universo vocabular de onde são extraídas as palavras geradoras que são chamadas assim “porque através da combinação de seus elementos básicos propiciam a formação de outras” (FIORI, 1987). Conjuntamente, com os aspectos sociais percebidos, são formados os temas geradores gerais, que serão trabalhados nos grupos.

O tema gerador geral está ligado à noção de interdisciplinaridade a qual está presente na metodologia de Freire, que tem como princípio metodológico a promoção de uma aprendizagem global, não fragmentada. Do tema gerador sairá o

recorte para cada uma das áreas de conhecimento ou, para as palavras geradoras que deverão estar ligadas a ele. Através da seleção das palavras geradoras, realiza-se a codificação e decodificação desses temas buscando o seu significado social, ou seja, a consciência do vivido. Através do tema gerador geral é possível avançar para além do limite de conhecimento que os educandos têm de sua própria realidade, podendo assim melhor compreendê-la a fim de poder nela intervir criticamente.

Cada palavra geradora deverá ter a sua ilustração, que por sua vez deverá suscitar novos debates. Essa ilustração (desenho ou fotografia) sempre ligada ao tema tem como objetivo a "codificação", ou seja, a representação de um aspecto da realidade, de uma situação existencial construída pelos educandos em interação com seus elementos. Depois, ocorre a criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar. São situações desafiadoras, codificadas e carregadas de elementos que serão descodificados pelo grupo com a mediação do educador. São situações locais que discutidas abrem perspectivas para a análise de problemas regionais e nacionais.

Finalmente, são construídas fichas que servem de roteiro para auxiliar os coordenadores de debate no seu trabalho. Estas deverão servir como subsídios. Outras fichas são elaboradas com a decomposição das famílias fonéticas correspondentes aos vocábulos geradores. Esse material poderá ser confeccionado na forma de slides, fotograma ou cartazes.

Neste processo, o professor tradicionalmente detentor do saber sai do lugar de origem para ocupar o espaço do orientador de aprendizagem. Agora, os educandos são componentes do grupo de estudos que é conduzido pelo orientador que tem a função de coordenar os debates e problematizar as discussões. Para tanto, o orientador deve conhecer o universo vocabular do grupo e a sua vivência social. Neste caso, a bagagem cultural trazida pelo educando é de suma importância para que estabeleça entre eles um diálogo enriquecedor.

Freire afirma que:

O diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro,

nem tampouco tornasse simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p. 45)

Para Freire, o ato educativo tem que ser dialógico, é necessário que o diálogo se estabeleça para que haja uma relação pedagógica enriquecedora, promotora de uma visão crítica do mundo.

Este diálogo deve ser estabelecido entre os educandos, o facilitador e o objeto do conhecimento. Deve ser firmado a partir da busca dos conteúdos programáticos que são definidos diante do reconhecimento das condições sociais e do universo vocabular do educando; o que concede ao método promover uma educação para a formação de sujeitos conscientes.

Já o professor Miguel Arroyo (2007), em seu artigo intitulado “*Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares?*”, faz uma reflexão a cerca das especificidades da educação de jovens e adultos, e de seus sujeitos. Argumenta que a juventude, os adolescentes e os adultos estão, hoje, mais demarcados pela concretude de suas histórias de vida, de seus trabalhos, de suas maneiras de sobreviver em um presente que é mais importante que o futuro. Questiona em que medida foi possível partir da vida humana para pensar os currículos, os tempos, os saberes e, sobretudo, as imagens que vêm sendo construídas sobre o que é ser jovem e adulto da EJA. Recomenda que todos os sujeitos envolvidos com a EJA – educadores, educandos, pesquisadores e gestores– devem buscar os caminhos que articulem a vida concreta dos sujeitos da EJA e suas especificidades, para a partir daí construir um currículo e uma escola que possam atendê-los (ARROYO, p.6).

Sobre as especificidades dos sujeitos da EJA, reflete-se que:

Cada vez mais ao longo desses últimos anos a juventude, os jovens e os adultos populares estão mais demarcados, segregados e estigmatizados. E o que está acontecendo é que as velhas dicotomias, as velhas polaridades da nossa sociedade não estão se aproximando de uma configuração mais igualitária, ao contrário, estamos em tempos em que as velhas polaridades se distanciam e se configuram, cada vez mais, com marcas e traços mais específicos, mais diferentes, mais próprios, mais distantes. A juventude popular está cada vez mais vulnerável, sem horizontes, em limitadas alternativas de liberdade (ARROYO, 2007. p.7).

O autor afirma ainda que a EJA se defronta com essas polarizações na forma de viver o ser jovem-adulto popular e interroga que projeto educativo pode ser utilizado.

Desta forma esclarece:

A EJA tem que ser uma modalidade de educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas. Sendo que, qualquer tentativa de diluí-los em categorias muito amplas os desfigura. A EJA tende a configurar-se, cada vez mais, como um projeto de educação popular dos jovens e adultos jogados à margem da sociedade. Daí, que a EJA continua tendo sentido enquanto política afirmativa desse coletivo cada vez mais vulnerável. Não poderá ser diluída em políticas generalistas. Em tempos, em que essa configuração dos jovens e adultos populares, em vez de se diluir, está se demarcando, cada vez com mais força, a EJA tem de assumir-se como uma política afirmativa com uma marca e direção específica. (ARROYO, 2007. p. 7.)

Miguel Arroyo reflete ainda que os sujeitos da EJA encontram-se na pobreza, na miséria, e no subemprego. Que a maior parte deles vive do trabalho informal, e que neste modelo de trabalho, não se tem a esperança de um futuro, tem que se viver é dando um jeito no presente. Que o presente passa a ser mais importante do que o futuro, embora os educandos ainda sonhem que através da educação terão outro futuro. Segundo o autor, isso traz consequências muito sérias para a educação, porque a educação sempre se vinculou a um projeto de futuro:

O futuro se distancia e, conseqüentemente, o presente se amplia. Uma coisa é estudar para o futuro e outra coisa é preparar-se para sobreviver num presente esticado, sempre esticado, sem horizontes de futuro. Isso nos obriga a mudar os nossos discursos em relação à educação, até mesmo da EJA. Esta tende a apresentar-se aos jovens adultos como a última porta para o futuro. No discurso da educação persiste o discurso das promessas de futuro e, talvez, o discurso deveria ser da garantia de um mínimo de dignidade no presente (ARROYO, 2007.p. 8).

Segundo o autor esta seria uma abordagem mais realista que mudaria a forma de alcançar esses sujeitos. Neste caso, procurar intervir no presente e não prometer futuros incertos.

Fazendo referência ao trabalho, Arroyo reflete que:

Como não há criação de empregos suficiente para tirar esses sujeitos da informalidade, porque na fila do desemprego, outros ocuparão a vaga antes que eles, restando-lhes por muito tempo, apenas o trabalho informal. isto mostra que esses jovens e adultos estão condenados ao que poderíamos chamar de um estado de permanente vulnerabilidade nas formas de viver. [...] viver significa ter o que comer, ter um salário, ter uns trocados quando até essas bases do viver são incertas, a incerteza invade seu viver. e qual EJA se configura para esse tipo de vulnerabilidade de formas de viver? Que currículos seriam necessários para essa juventude e vida adulta nesses níveis de vulnerabilidade, nesse trabalho informal? (ARROYO, 2007. p. 9).

Nesta reflexão Arroyo destaca que esta situação instável se tornou permanente e atinge a muitos, contudo a escola continua preparando os jovens e adultos para um trabalho que não existe.

Reflete que não se trata de não ter currículos, de não possuir conhecimento ou de negar o conhecimento, pensa que é preciso muito conhecimento para sobreviver nessa vulnerabilidade, tanto mais do que para sobreviver na segurança do trabalho. E assim sugere que currículos reinventar:

Ao menos currículos que deem centralidade aos conhecimentos sobre esses mundos do trabalho informal, da sobrevivência; que contemplem análises sobre o momento histórico que leva a essa vulnerabilidade de um dos direitos mais humanos, o trabalho; análises sobre a história do trabalho e de sua precarização. Conhecimentos que esclareçam suas indagações, que os ajudem a entenderem-se como indivíduos e, sobretudo como coletivos; currículos que os capacitem para ter mais opções nessas formas de trabalho e para se emancipar da instabilidade a que a sociedade os condena; conhecimentos e capacidades que os fortaleçam como coletivos e que os tornem menos vulneráveis, nas relações de poder (ARROYO, 2007. P.10).

Arroyo (2007, p. 11) faz referência a Paulo Freire para reafirmar que na educação de jovens e adultos temos que partir dos saberes dos educandos e de suas vivências. Contudo interroga: “que saberes se aprendem vendendo formas de viver tão instáveis? Que saberes aprendem esses jovens ambulantes e que saberes os acompanham para a EJA?”.

Como articular tempo de trabalho informal e tempo de EJA, questiona Arroyo, e concorda que, essa caracterização do desemprego e das formas de trabalho a que são submetidos jovens e adultos da EJA, além de interrogar os currículos, devem interrogar, também, a organização da própria EJA e, sobretudo a organização dos

tempos da EJA. O tempo destes jovens é tão instável quanto a sua forma de trabalhar. E acrescenta:

A maior parte dos jovens e adultos da EJA são vítimas da rigidez dos tempos escolares, desde o pré-escolar, e ainda, teimamos que eles se adaptem à mesma rigidez no tempo da EJA. Será que não há percepção de que não é possível obrigar jovens e adultos que não dominam os seus tempos, que têm que esticá-los, sempre, para poder sobreviver, a modelos rígidos de organização dos tempos escolares? Não esqueçamos que um jovem e um adulto já têm uma travessia longa, uma travessia de saberes, de percepções, de indagações, que tentou responder, ainda que não saiba ler nem escrever. Diante dessa caracterização dos tempos de trabalho pela instabilidade, que tempos da EJA se atreverão a ser estáveis? Como repensar os tempos de escola, as lógicas temporais com que organizamos os cursos da EJA, levando em conta o não controle do tempo ou a instabilidade dos tempos de sobrevivência a que estão submetidos os jovens e adultos?”(ARROYO, 2007. p.13.)

O autor sugere que essas indagações sejam trabalhadas no currículo, e conclui que há formas rígidas de aprender o conhecimento para quem não tem outra coisa que fazer na vida e há formas que têm que ser repensadas e reinventadas para quem não tem controle do seu tempo.

No decorrer da sua reflexão Arroyo trata também da violência como uma questão social importante no âmbito da escola, que vulnera aos jovens e adultos que a frequentam, quando estes frequentam, porque a violência, muitas vezes, não permite que os alunos compareçam a escola. Assim, afirma:

A violência passou a ser uma nova categoria segregadora, classificatória. A escola sempre trabalhou com categorias, sempre separou. O que a violência está trazendo de novo para a segregação é um referencial ético, não um referencial cognitivo. Violento não é aquele que tem problemas de aprendizagem, mas quem tem problemas de conduta, de valores. Essa categoria que estava distante da escola, a categoria moral, para classificar as pessoas e os alunos, está entrando de cheio, agora. Isso muda os tipos de classificação, de hierarquização, de polarização. Antes as escolas mandavam para a EJA adolescentes com problemas de aprendizagem, agora os mandam por problemas de indisciplina, de violência. (ARROYO, 2007. p.15)

Arroyo levanta questionamentos acerca de como o povo é classificado mediante a violência na sociedade. Segundo ele, antes os pobres eram vistos como ignorante, bom, ordeiro, coitado e confiável. Agora, é violento.

Nesta perspectiva o autor interroga:

Como trabalhar a questão ética dentro de um programa de educação de jovens e adultos? Se estamos num momento em que o divisor de águas são valores, são condutas e uma visão moralizante, será que não poderíamos nos contrapor trabalhando dimensões éticas? Será que não é possível mostrar que esses jovens e adultos que vão à EJA têm valores? Não apenas reconhecer que tem saberes, mas tem valores. Nesse momento estamos construindo um outro referente de jovem e adulto popular. Então, temos que pensar em outro projeto da EJA, porque, não pode ser mais o mesmo, até então vigente (ARROYO, 2007. 16).

Freire (1983 p.17) afirma que “reconhecer os jovens e adultos como membros de coletivos seria um horizonte muito interessante para a EJA. Identificar a que coletivos eles pertencem”, para pensar um currículo para coletivos que contemple conhecimentos para coletivos, e questões que tocam nas dimensões coletivas, e na história desses coletivos. Sobre esta diversidade, o autor ressalta que há muita reflexão que poderá fundamentar projetos de EJA que reconheçam, respeitem e incorporem a diversidade sócio educacional de gênero e território dos jovens e adultos, e reflete:

Aqui caberia destacar o movimento dos jovens. Apesar de toda essa negatividade, os jovens reagem enquanto jovens. Há favelas onde toda essa vulnerabilidade aparece com traços tão dramáticos que grupos de jovens, até de adolescentes, se organizam lutando pela elevação cultural daquela favela, como agentes culturais. Tentam criar um centro cultural, criar um centro da memória da própria favela, fazem levantamentos e pesquisas com os fundadores, com os que restam dos primeiros ocupantes da favela, para que contem as suas lutas. Tudo isso registrado, para dar outra imagem da favela para aquela comunidade (ARROYO 2007 p.18).

Assim, questiona: “como incorporar na EJA essa dimensão, já que esse é um dos traços mais marcantes, mais positivos da juventude popular?” (ARROYO, 2007 p.18).

Levantando perspectivas para o futuro da EJA, Arroyo ressalta que há mais um ponto a destacar, que lhe parece muito importante quando se pretende aproximar do que vem acontecendo com os jovens e adultos que frequentam a EJA:

São os movimentos sociais. Os movimentos sociais são o que há de mais oxigenado, de mais vida, de mais estimulante e confortante em nossa sociedade. Os movimentos sociais populares nos trazem outra vida, outra visão do povo. A grande disputa hoje, no imaginário sobre o povo, se dá, sobretudo, pelos movimentos sociais. Porque, apesar

de toda essa propaganda de que o povo não tem valores, apesar dos alertas: “cuidado com o povo”, “devagar com o povo”, “desconfia do povo”, “desconfia dos jovens e adultos”, apesar de tudo isso os movimentos sociais populares estão gritando que merecem confiança como coletivos populares. E merecem confiança por quê? Porque são populares e porque mostram outra face, outro rosto, outra imagem do povo. Uma imagem positiva. Não de um povo pacato, de um povo levado pelo cabresto, de um povo ordeiro, mas ao contrário, está se mostrando um povo desordeiro. Não desordeiro pela violência, mas desordeiro pela defesa dos direitos. Essa é a diferença e esse é um ponto importante (ARROYO, 2007, p. 18).

Arroyo (2007) afirma que esses coletivos populares, negros, quilombolas, do campo, sem terra, sem teto, sem universidade, sem transporte, todos aqueles a quem foi negado o direito a ser gente, hoje se organizam e mostram sua cara como coletivos. O que hoje existe de mais rico são essas lutas coletivas, essas lutas pelos direitos coletivos. E questiona o que isso poderia significar para um currículo da EJA provocando a reflexão de todos.

Arroyo conclui o artigo provocando de forma contundente a todos, poderes públicos e civis, com os seguintes questionamentos e reflexões:

E a EJA? E os dez anos da EJA? E o Fórum? Para onde caminhou? Continuamos no mesmo lugar? Repetimos as velhas políticas? Estamos, totalmente, apegados a uma forma escolar da EJA? Não conseguimos sair dessa forma escolar? Ela nos oprime, nos domina, nos limita e nos sentimos incapazes? O Poder Público, as Secretarias de Educação e os Conselhos de Educação nos obrigam a impor essa forma escolar? Obrigam-nos a encaixar os jovens adultos tão vulneráveis nessa forma escolar? A mesma que os reprovou e segregou? Atualmente, os sistemas de educação caminham para o que era mais tradicional, mais conteudista, mais positivista, mais utilitarista e se este é o novo velho horizonte, tenhamos certeza que a EJA vai ficar marcada por esse positivismo, por esse cientificismo, por esse pragmatismo, assim como todos os nossos sonhos, talvez. [...] Afinal, em nossas mãos estão mais nove ou dez anos para construir uma EJA que acompanhe o direito dos jovens-adultos populares a uma vida mais humana. Como? Aproximando-nos do que há de mais dinâmico em nossa sociedade, os movimentos sociais populares que retomam bandeiras que foram da educação de jovens e adultos: a transformação social, a libertação e emancipação (ARROYO, 2007. p. 19).

Arroyo refere-se, acima, aos dez anos de inauguração do fórum mineiro. Mostra-se preocupado com o caminho percorrido pela EJA, alerta que ainda há tempo para reestruturá-la e que depende muito dos movimentos formados em defesa da EJA em todo o Brasil, principalmente os fóruns.

Conclui afirmando que ainda há tempo para reconstruir uma EJA que considere o direito dos jovens adultos populares a uma vida mais humana, e sinaliza que o caminho é a aproximação com o que há de mais dinâmico em nossa sociedade, os movimentos sociais populares que retomam bandeiras que já foram da Educação de Jovens e Adultos: a transformação social, a libertação e emancipação.

As leituras realizadas demonstram que os autores referenciados neste capítulo, cada um no seu tempo, chamam a atenção para a construção do conhecimento, considerando o sujeito que aprende um agente criador e transformador do próprio conhecimento.

Piaget embora não tenha pretensões pedagógicas, contribui bastante para a educação, considera que o sujeito recria, ressignifica o conhecimento e que as aprendizagens ressignificadas tornam o sujeito mais autônomo, pois o ideal é aprender a aprender. O educador Paulo Freire também vê aprendizagem como um ato criativo, trata as questões de aprendizagem considerando o trabalhador e traz o diálogo como um mecanismo facilitador para a construção do conhecimento. Constrói uma metodologia centrada no aluno e uma alfabetização que conduz a libertação, criando sujeitos autônomos e conscientes.

Miguel Arroyo à luz desses autores vivencia os atuais problemas enfrentados pela educação brasileira. Comungando com as concepções de Freire no que diz respeito à educação popular apresenta de forma contundente as questões relacionadas à EJA. Identifica os sujeitos desta modalidade de ensino; traça um perfil desses sujeitos a partir da sua condição social e relação de trabalho; enfatiza a necessidade de se criar um currículo que atenda as especificidades do ensino da EJA; e alerta para o perigo de que o ensino da EJA não encontre um caminho coerente com as suas especificidades. Interroga, entretanto, os movimentos políticos e sociais que se formaram em todo o Brasil em defesa da EJA: os Fóruns.

Os parâmetros teóricos metodológicos e conceituais, descritos acima formatam o documento: *Política de Educação de Jovens e Adultos da Rede Estadual*, que apresenta a proposta curricular para o ensino da EJA, e que foi

construído com a consultoria do professor Miguel Arroyo e inserido no CELC e em outras unidades de ensino da EJA do Estado da Bahia, em 2009.

2.2 Contextos ideológicos e político no qual a proposta foi concebida

A proposta curricular para o ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA) atende a demandas resultantes do processo de discussão que se estabeleceu no Brasil a partir das Conferências Internacionais para a Educação de Jovens e Adultos (CONFINTEAs).

A Aprendizagem ao longo da vida foi um conceito construído na IV Conferencia Internacional para a Educação de Jovens e Adultos em 1985, e foi adotado pelo Brasil para afirmar o compromisso do Estado com a aprendizagem dos jovens, adultos e idosos. Essa garantia de direitos à educação foi assegurada em 1988, coma Constituição Federal que no Art. 208 determina:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria. II- progressiva extensão de obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio (BRASIL, 1988).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, no Artigo 2º retoma da constituição federal os princípios do direito à educação, garantindo o acesso à escola a todos os cidadãos. No Titulo V, Seção V, da Educação de Jovens e Adultos, o Artigo 37 determina que a “Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. Assim determina que:

1º - Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

2º - O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (BRASIL, LDB 9.394/96)

Assim, o governo federal assumiu legalmente o seu compromisso com a Educação de Jovens Adultos, e apoiou iniciativas para a construção de Resoluções que regulamentam a condução do processo de educação para jovens e adultos no país.

Foi com este apoio legal, num contexto de mobilização nacional, provocada pelos resultados da IV CONFINTEA realizada, em 1985, em Paris (França), e da V CONFINTEA realizada, em 1997, em Hamburgo (Alemanha), somados a preparação da VI CONFINTEA, que seria realizada no Brasil, em 2009, que a proposta curricular para EJA na Bahia foi construída.

A V Conferencia Internacional para a Educação de Jovens e Adultos foi considerada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como um marco importante na medida em que “estabeleceu a vinculação da EJA com o desenvolvimento sustentado e equitativo da humanidade e um entendimento amplo de educação e aprendizagem de adultos dentro da perspectiva da aprendizagem ao longo da vida”. (SESI - UNESCO, 1999 p. 07).

Na V CONFINTEA foram elaborados importantes documentos para assegurar o compromisso dos participantes com a EJA: a Declaração de Hamburgo², e a Agenda para o futuro. A agenda para o futuro “define de modo detalhado, os novos compromissos em favor do desenvolvimento da educação de adultos, preconizados pela Declaração de Hamburgo (SESI - UNESCO, 1999. p. 28)”. Nessa conferência também foi criado o Decênio da Alfabetização em homenagem ao professor Paulo Freire, medida considerada de suma importância para o Brasil e outros países da América Latina que conviviam com grande número de analfabetos.

²Declaração de Hamburgo: documento originado na V Conferencia Internacional para a Educação de Jovens e Adultos (CONFINTEAs). Na oportunidade delegados de vários países reuniram-se para elaborar o documento com o intuito de garantir ações que beneficiasse a EJA em todos os continentes. Disponível em: unesdocunesco.org/imagens/0012/001297/129773porb.pdf.

A VI CONFITEA, que foi realizada no Brasil, em dezembro de 2009, mobilizou para a sua preparação vários setores da sociedade civil e governamental envolvidos com a EJA. Criou uma Comissão Organizadora Nacional do Encontro Preparatório a VI CONFITEA, que foi responsável pela elaboração do Documento Nacional Preparatório a VI CONFITEA. O então secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade André Lázaro, avalia no documento:

De fato, a realização da Conferência no Brasil desencadeou um rico e democrático processo de discussão e construção dos documentos básicos do país. Durante os dois últimos anos, o Ministério da Educação, em parceria com os sistemas de ensino e movimentos sociais vinculados à educação popular, promoveu 33 encontros preparatórios a VI CONFITEA – 27 estaduais, cinco regionais e um nacional. A partir desse amplo debate com a sociedade, no qual interagiram gestores, educadores, alunos, organizações não governamentais e sindicais, universidades, coletivos e colegiados vinculados à educação, entre outros, foi possível obter um diagnóstico aprofundado e mapear a situação da EJA em todo o país”. (MEC/ FUNAPE/UFG, 2009. p. 08).

Esta intensa mobilização resultou na formação dos Fóruns, formados por grupos envolvidos com a EJA, estes Fóruns são dirigidos por instituições não governamentais e governamentais, movimentos sociais, educadores e sindicatos. Desde a sua criação em 1996, no Rio de Janeiro, estes Fóruns se multiplicaram em todo o Brasil. Os seus participantes reúnem-se anualmente no Encontro Nacional da EJA (ENEJA). A mobilização para estes encontros iniciou na Bahia, em 1999, um processo de criação do fórum que só se concretizou em 2002, após a realização do I Encontro Nacional da Educação de Jovens e Adultos da Bahia. Segundo relato, no texto *Histórico da EJA na Bahia*.

Esse processo envolveu participantes das Secretarias Municipais de Educação de Alagoinhas e de Salvador, da Secretaria Estadual da Educação, de ONGs, de Movimentos Sociais, do Serviço Social da Indústria (SESI), do Fórum de Educação no Campo, do Instituto Integrar, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (FÓRUM EJA BAHIA, 2013).

Portanto, foram duas décadas de mobilização, discussão e articulações em torno da EJA no Brasil. As ideias que circulavam nos mais variados grupos envolvidos com a EJA, e que eram discutidas nos encontros nacionais, estaduais e

locais influenciaram a construção do documento: Política de EJA da Rede Estadual, que também adotou a expressão “Aprendizagem ao longo da vida” para a EJA, e trouxe a proposta curricular intitulada *Tempo Formativo* para substituir o currículo utilizado no curso de EJA I, II e III, curso anteriormente ministrado no Colégio Estadual Luís Cabral e em algumas escolas do Estado.

3 A PROPOSTA CURRICULAR DA EJA - TEMPO FORMATIVO

O documento *Política de Educação de Jovens e Adultos da Rede Estadual*, elaborado no ano de 2009, traz a proposta curricular *Tempo Formativo* para o ensino da EJA, com apêndices que complementam a proposta e orientam o trabalho pedagógico na escola. O documento teve como consultor o professor Miguel Arroyo e como referências teóricas a psicogenética de Piaget que explica a construção do conhecimento, os princípios da epistemologia de Paulo Freire voltada para a educação popular e as ideias do próprio consultor sobre educação de jovens e adultos.

Logo no início do texto há referências ao processo de concepção da proposta enfatizando a forma democrática como foi construído e ressaltando a valorização do diálogo e da escuta. Logo, se define como resultado de um trabalho participativo. Afirma-se que o documento foi fruto da escuta dos principais sujeitos da EJA que são:

Educandos, educadores, gestores e coordenadores pedagógicos das Diretorias Regionais de Educação - DIREC, bem como representantes dos diversos segmentos que dão forma ao Fórum Estadual de EJA, quais sejam: Universidades (Universidade do Estado da Bahia - UNEB e Universidade Federal da Bahia - UFBA), Movimentos Sociais (Movimento de Educação de Base – MOVA), Sistema S (Serviço Social da Indústria – SESI), Organização Não governamental (Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica – CEAP), Gestão Pública (Secretaria de Educação do Estado - SEC/BA e Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC/SSA e Fóruns Regionais de EJA. (SEC/Resolução 2009. p. 9).

Seus autores asseguram ainda, que no percurso da escuta, buscaram construir e partilhar espaços dialógicos por meio de reuniões, seminários, fóruns, encontros, como também realizaram a coleta de dados através de questionários respondidos pelos educandos de diferentes escolas e cursos de EJA, da capital e interior do estado. Também contaram, como espaço de diálogo, com o Conselho Estadual de Educação (CEE), de forma a garantir a conformidade do projeto às exigências legais que regem a educação no nosso país.

A proposta curricular que integra o documento inclui mudanças nos conteúdos, na metodologia e na avaliação, embora deixe claro que se trata de um

processo em construção, e que deve haver o diálogo entre educandos e educadores para que esta construção se efetive.

No documento defende-se a garantia do direito dos jovens e adultos à educação básica e reconhece que:

Em sua maior parte, os sujeitos da EJA são negros e, em especial, mulheres negras. São moradores/moradoras de localidades populares; operários e operárias assalariados (as) da construção civil, condomínios, empresas de transporte e de segurança. Também são trabalhadores e trabalhadoras de atividades informais, vinculadas ao comércio e ao setor doméstico (BAHIA/SEC, Resolução 2009. p. 10).

Para assegurar esse direito e legitimar a política, o documento firma os compromissos do Estado com a EJA, que estão assim definidos:

- Inserir a EJA no campo de direitos coletivos e de responsabilidade pública.
- Assumir a política de EJA na atual política do Estado, definida no documento Princípios e Eixos de Educação na Bahia.
- Assegurar a EJA como oferta de educação pública de direitos para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas experiências de vida e de trabalho, garantindo as condições de acesso e permanência na EJA, como direito humano pleno que se efetiva ao longo da vida.
- Fazer a opção político-pedagógico pela Educação Popular, pela Teoria Psicogenética que explica a construção do conhecimento, e pela Teoria Progressista / Freireana (à luz da visão do ser humano integral e inacabado).
- Adotar os s Eixos Temáticos da identidade, do trabalho, da cultura, da diversidade, da cidadania, das diversas redes de mobilização social e da Pedagogia da Libertação.
- Garantir o princípio básico de que todo ser humano tem direito à formação na especificidade de seu tempo humano, assegurando-lhe

outros direitos que favoreçam a permanência e a continuidade dos estudos.

- Respeitar e implementar os princípios pedagógicos tão caros à Educação Popular e, conseqüentemente, à EJA, quais sejam: o fazer junto, a dialogicidade e o reconhecimento dos saberes dos educandos.

O documento traça um perfil para o professor da EJA. Logo, o professor da EJA deve:

- Ter formação acadêmica ou em serviço com os tempos da juventude e vida adulta;
- Conhecer a comunidade em que atua e sua formação: como vivem e trabalham os jovens e adultos; participar, conhecer, entender os Movimentos que se organizam em torno da luta por conquista de direitos para os populares;
- Comungar com os ideários e exercitar os princípios da Educação Popular;
- Cooperar, de forma crítica e competente, com a elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola, assegurando direitos para a EJA;
- Construir uma prática dialógica nos espaços, tempos e processos de EJA, considerando os saberes da vida como conteúdos fundantes do processo pedagógico;
- Entender e respeitar, de maneira positiva, a diversidade de território, idade, gênero, sexo, raça/etnia, crenças e valores, assumindo-a como elemento pedagógico;
- Apresentar projeto de trabalho solidário para intervenção na realidade sociopolítica e cultural dos educandos da EJA.

Segundo o documento, com base nesse perfil é que a Secretaria de Educação (SEC) deve investir na formação em serviço dos profissionais que farão

carreira no magistério enquanto educadores de jovens e adultos. Afirma que o processo de formação inicial e continuada dos educadores da Educação de Jovens e Adultos deve ser construído no contexto da nova Política de EJA assumida pelo Estado. Que os coletivos de educadores da EJA serão formados a partir de uma seleção interna na SEC. Para tanto, esses devem optar por participar do coletivo e assumir algumas construções necessárias ao fazer na EJA. O texto enfatiza que para conduzir esse novo modelo curricular deverá haver reformulação na formação do educador, que deveria passar por um processo de mudança de paradigmas para construir uma postura adequada à nova proposta. Informa ainda que o processo de formação inicial e continuada dos educadores da Educação de Jovens e Adultos deve ser construído no contexto da nova Política de EJA assumida pelo Estado.

Portanto, segundo determina o documento, “esses profissionais devem considerar os Princípios e Eixos da Educação na Bahia,³ os tempos humanos de aprendizagem, a concepção de Educação de Jovens e Adultos construída na (e em) rede estadual; o caráter circular da Estrutura Curricular: Tempos de Aprendizagem – Eixos Temáticos – Temas Geradores – Áreas do Conhecimento.”.

3.1 Estrutura da proposta curricular Tempo Formativo e diretrizes para a seleção e organização dos conteúdos.

Enquanto o curso EJA I, II e III, anteriormente ministrado no CELC, era fracionado em estágios de conhecimento para o ensino fundamental I e II, e m áreas de conhecimento para o ensino médio, a nova proposta está organizada em tempos de formação e aprendizagem (1º, 2º e 3º tempos) nos quais são trabalhados Eixos Temáticos com quatro temas geradores por ano letivo.

Na nova estrutura curricular mantém-se a equivalência com o ensino fundamental e ensino médio, como está representado no Quadro 1.

Os tempos formativos sinalizados na proposta (1º tempo: aprender a ser, 2º tempo: aprender a conviver e o 3º tempo: aprender a fazer) tiveram origem na

³Princípios e Eixos para a educação na Bahia definidos na proposta pedagógica: *Uma Escola de Todos Nós*, no período de 2007 a 2010, pela Secretaria de Educação do Estado. Disponível em :<http://consed.org.br/rh/resultados/2012/planosestaduaisdeeducacao/eebapdf>

discussão de temas levantados em conferências como “os quatro pilares da Educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser” (SESI – UNESCO, 1999. p. 31).

Desta forma a nova proposta procura atender demandas levantadas na V CONFINTEA, respaldadas no documento *Agenda para o futuro* que sugere ações em favor da EJA, ou seja, iniciativas que possibilitem o cumprimento da agenda no Brasil e em todos os países que colaboraram na construção da Declaração de Hamburgo.

Quadro 1: Estrutura do currículo no curso EJA (2008) e no curso Tempo Formativo (2009)

Curso Anterior (EJA)	Equivalência com as séries	Tempo formativo (2009)
EJA I • Estágio I • Estágio II • Estágio III	Fundamental • 1ª série • 2ª e 3ª série • 4ª série	1º Tempo • Eixo I • Eixo II • Eixo III
EJA II • Estágio IV • Estágio V	Fundamental • 5ª e 6ª série • 7ª e 8ª série	2º Tempo • Eixo IV • Eixo V
EJA III • Áreas I e II • Área III	Ensino médio • I - Linguagens, códigos e suas tecnologias. • II - Ciências humanas e suas tecnologias. • II - Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias.	3º Tempo • Eixo VI • Eixo VII

Fonte: Elaboração nossa a partir do documento (BAHIA/ SEC/CEJA. 2009).

Como está demonstrado no Quadro 1, não houve mudança na forma de organização das áreas e na sua equivalência em relação às séries, nesse sentido mudou apenas a nomenclatura destinada ao curso e as suas fases. Os conteúdos devem ser organizados por eixos temáticos pré-estabelecidos distribuídos pelas três fases de aprendizagem do Tempo Formativo. A grade curricular do curso com as áreas de conhecimento traz como novidade as artes e atividades laborais em todos os tempos de aprendizagem. Para a inserção dessa matéria houve uma redução na

carga horária de outras disciplinas, e não foi designado professor específico para administrá-la. A determinação da Secretaria de Educação foi que todos os professores assumissem uma ou duas turmas desta disciplina, embora houvesse total desconhecimento dos conteúdos e dos objetivos a serem trabalhados. O currículo deverá contemplar a diversidade de gênero, orientação sexual, raça/etnia, cultura, valores e vivências específicas.

A Proposta pedagógica é estruturada por Tempos Formativos, e o seu modelo curricular traz a seguinte formatação: (Quadro 2).

- 1º Tempo: Aprender a Ser, contendo 03 Eixos Temáticos, com 01 ano de duração cada um (Identidade e Cultura; Cidadania e Trabalho; Saúde e Meio Ambiente) que corresponde à área de conhecimento de linguagens (língua portuguesa e artes), matemática, estudos da natureza e da sociedade.
- 2º Tempo: Aprender a Conviver, contendo 02 Eixos Temáticos, com 01 ano de duração cada um (Trabalho e Sociedade; Meio Ambiente e Movimentos Sociais), que corresponde à área de conhecimento de linguagens (língua portuguesa, artes e língua estrangeira), matemática, estudos da natureza e da sociedade.
- 3º Tempo: Aprender a Fazer, contendo 02 Eixos Temáticos, com 01 ano de duração cada um (Globalização, Cultura e Conhecimento) linguagens, códigos ciências humanas e suas tecnologias (Economia Solidária e Empreendedorismo). Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias e atividades e artes laborais.

Os conteúdos devem ser selecionados conforme a realidade e interesse do educando, com ênfase nas dificuldades apresentadas, organizados por eixos temáticos e interdisciplinares, e trabalhados de forma contextualizada contemplando o desenvolvimento de habilidades e competências. São indicados saberes necessários para cada tempo formativo, que são estudados na medida em que ajudem na compreensão dos conhecimentos presentes nos eixos temáticos e nos temas geradores.

Quadro 2. Modelo curricular da proposta Tempo Formativo - EJA

1º TEMPO: APRENDER A SER				
EIXOS TEMÁTICOS	DURAÇÃO	TEMAS GERADORES	DURAÇÃO	ÁREAS DE CONHECIMENTO
I - Identidade e Cultura	1 ano	Diversidade Cultural Gênero: o lugar da mulher na Sociedade Identidade Afro-Brasileira e Indígena A Família e Sociedade Rural: Crise e Sentidos	1 bimestre cada tena	Linguagens (Língua Portuguesa e Artes); Matemática; Estudos da Natureza e da Sociedade
II - Cidadania e Trabalho	1 ano	Ações coletivas para a construção da Cidadania Aldeias e Quilombos: espaços de luta e resistência O Cidadão como Sujeito de Direitos e Deveres O Desemprego, a fome e suas consequências	1 bimestre cada tena	
III - Saúde e Meio Ambiente	1 ano	A Saúde do Planeta Direito à qualidade de vida dos setores populares Segurança e defesa da vida As drogas lícitas e ilícitas como ameaça à vida	1 bimestre cada tena	
2º TEMPO: APRENDER A CONVIVER				
EIXOS TEMÁTICOS	DURAÇÃO	TEMAS GERADORES	DURAÇÃO	ÁREAS DE CONHECIMENTO
IV - Trabalho e Sociedade	1 ano	Relações de poder no mundo do trabalho Experiências Históricas da Emancipação O movimento Sindical e as Relações de Trabalho Estratégias de Emancipação e participação Política nas Relações de Trabalho	1 bimestre cada tena	Linguagens (Língua Portuguesa, artes e língua Estrangeira); Matemática; Estudos da Natureza e da Sociedade
V - Meio Ambiente e Movimento Sociais	1 ano	Trajatória dos Movimentos Sociais Concepções de Meio Ambiente e suas implicações Movimentos em defesa do Meio Ambiente Atuação das lideranças populares em defesa da vida	1 bimestre cada tena	
3º TEMPO: APRENDER A FAZER				
EIXOS TEMÁTICOS	DURAÇÃO	TEMAS GERADORES	DURAÇÃO	ÁREAS DE CONHECIMENTO
VI - Globalização, Cultura e Conhecimento	1 ano	A Sociedade Globalizada O Conhecimento como instrumento de Poder e inserção social Informação ou Conhecimento? A Escola como espaço de socialização e construção de conhecimento	1 bimestre cada tena	Linguagens, Códigos Ciências Humanas e suas Tecnologias
VII - Economia Solidária e Empreendedorismo	1 ano	A Economia à serviço da vida O Cooperativismo como Prática Solidária Agricultura Familiar Desenvolvimento auto-sustentável e Geração de Renda	1 bimestre cada tena	Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; artes e atividades laborais

NOTA: Considerando os Temas Geradores como conhecimentos primeiros, indicados como possibilidades de Estudo / Trabalho e não como imposições, os Educadores devem identificar junto aos coletivos de sujeitos da EJA temas que sejam próprios à realidade destes e de necessidade de estudo. Destes temas devem emergir os conteúdos das diferentes Áreas de Conhecimento e disciplinas para estudo e aprofundamento.

Fonte: (BAHIA/SEC/CEJA. 2009).

3.2 Princípios e diretrizes propostos para a organização do processo de ensino aprendizagem

A organização do trabalho pedagógico, segundo o documento, contempla a diversificação do tempo e espaço de aprendizagem, as atividades são presenciais e não presenciais; a relação educando/ educador mais próxima e mais personalizada; a reorganização do trabalho docente com nova distribuição do tempo e novas atribuições do educando.

O tempo pedagógico deverá ser específico destinado ao processo de formação, de modo a garantir o acesso, a permanência e a continuidade dos tempos. O processo de aprendizagem, socialização e formação deverá respeitar e considerar a diversidade de vivências, de idades, de saberes cultural e valores dos educandos; o material didático deverá estar adequado a este tempo de educação, objetivando o desenvolvimento da pluralidade de dimensões da formação humana. Na condução do processo o professor deverá explorar pedagogicamente as potencialidades formadoras do trabalho como princípio educativo.

3.2.1 metodologia

A Metodologia deverá ser adequada às condições de vida dos jovens e adultos e relacionadas ao mundo do trabalho. Deve, portanto, possibilitar a problematização da realidade existencial favorecendo o aprender a conhecer e o fazer fazendo; o Tempo pedagógico deverá ser específico destinado ao processo de formação, de modo a garantir o acesso, a permanência e a continuidade dos tempos. O processo de aprendizagem, socialização e formação deverá respeitar e considerar a diversidade de vivências, de idades, de saberes cultural e valores dos educandos. Como inovação propõe-se a pesquisa e a produção de conhecimento como eixo da aprendizagem; a associação da prática e teoria; oficinas como procedimento didático e arte como linguagem.

3.2.2 Acompanhamento e avaliação da aprendizagem

A avaliação processual, coletiva, incorporando a auto avaliação (educando/educador) e priorizando a dimensão qualitativa é mais uma mudança que

a proposta traz e que necessita de atenção especial do professor que para a condução de todos esses processos necessita de sensibilização e formação.

Todo o curso é pautado em Percurso Formativo, e o foco do acompanhamento é a aprendizagem. A finalidade do acompanhamento é a formação para a humanização e emancipação, e o foco para formação é o processo.

As fichas de acompanhamento do percurso são compostas dos seguintes itens: área de conhecimento; aprendizagem desejada; saberes necessários; legenda e fonte de consulta.

O resultado do processo ensino aprendizagem é avaliado por tempos formativos e deve contemplar os saberes cognitivo e sócios formativos construídos pelos educandos.

O acompanhamento está estruturado nas seguintes etapas: registro individual diário; registro bimestral, parecer descritivo individual bimestral; parecer descritivo final. Os registros devem ser realizados pelo professor no diário do aluno, são esses registros que definem os conceitos bimestrais e o parecer descritivo final.

Os resultados são registrados bimestralmente utilizando os conceitos: AC – A Construir; EC – Em Construção e C – Construído. E, ao final de cada tempo formativo, o Parecer Descritivo Final será traduzido nos seguintes conceitos: PC – Percurso Construído (Para o educando que construiu a aprendizagem necessária durante os eixos cursados, podendo avançar para outro tempo formativo); EP – Em Processo (Para o educando que ainda não construiu a aprendizagem suficiente para avançar, continuando no mesmo tempo formativo); e PC – Processo, construído (para o educando que foi aprovado). Ou seja, o diário viabiliza o acompanhamento do processo de aprendizagem do aluno.

3.2.3 Material didático

O material didático deve estar adequado a este tempo de formação, objetivando o desenvolvimento da pluralidade de dimensões da formação humana. Deverá explorar pedagogicamente as potencialidades formadoras do trabalho, como princípio educativo.

3.2.4 A matrícula dos alunos e sua inserção na proposta

Em relação à matrícula dos alunos o documento determina que o curso de Educação de Jovens e Adultos deverá considerar o nível de aprendizagem e, prioritariamente, a idade mínima de 15 anos para o ensino fundamental e 18 anos completos para o ensino médio, levando em conta a trajetória que o estudante já tem na EJA ou em outras modalidades educacionais e fazendo o aproveitamento dos estudos já realizados, relacionando-os aos Tempos Formativos. Assim determina que:

- O 1º Tempo Formativo - Aprender a Ser acolhe os educandos que estão iniciando a sua formação, bem como aquele que já cursaram um ou mais estágios da EJA I, ou uma ou mais séries da Educação Fundamental. Corresponde a Área I – Eixo II - Ensino Fundamental de 1ª a 2ª series; ou Eixo III - Ensino Fundamental de 3ª a 4ª series;
- O 2º Tempo Formativo - Aprender a Conviver, por sua vez, destina-se àqueles que já iniciaram a formação, tendo concluído a EJA I ou séries iniciais da Educação Fundamental, bem como os que estão cursando a EJA II ou o segundo Segmento da Educação Fundamental, corresponde a Área II – Eixo IV - Ensino Fundamental de 5ª a 6ª series, ou Eixo V - Ensino Fundamental de 7ª a 8ª series.
- O 3º Tempo Formativo - Aprender a Fazer inclui os educandos que já concluíram o segundo segmento da EJA ou a Educação Fundamental, bem como aqueles que estão no processo do curso EJA III ou Tempo de Aprender II. Corresponde a Área II -- Área III– I e II – Eixo VI - Ensino Médio, ou Área III – III – Eixo VII – Ensino Médio.

A matriz curricular do curso determina a carga horária total anual para cada eixo temático (800 horas), da disciplina e da hora/aula (40min). Apresenta também a grade curricular do curso com as áreas de conhecimento da base nacional comum (linguagens, matemática, estudos da natureza e sociedade) para o 1º e 2º tempos formativos; (linguagens, códigos, ciências Humanas e suas tecnologias, e ciências da natureza matemática e suas tecnologias) para o 3º tempo formativo, e arte e

atividades laborais como parte diversificada na área de conhecimento em todos os tempos formativos como pode ser verificado no quadro 3.

Quadro 3: Matriz Curricular – EJA

MATRIZ CURRICULAR - EJA									
1º TEMPO: APRENDER A SER									
EIXOS TEMÁTICOS	BASE NACIONAL COMUM						PARTE DIVERSIFICADA		TOTAL ANUAL
	ÁREAS DO CONHECIMENTO						ARTES E ATIVIDADES LABORAIS		
	LINGUAGENS		MATEMÁTICA		ESTUDO DA NATUREZA E SOCIEDADE		SEMANAL	ANUAL	
	SEMANAL	ANUAL	SEMANAL	ANUAL	SEMANAL	ANUAL			
I - IDENTIDADE E CULTURA	5	200	4	160	9	360	2	80	800
II - CIDADANIA E TRABALHO	5	200	4	160	9	360	2	80	800
III - SAÚDE E MEIO AMBIENTE	5	200	4	160	9	360	2	80	800
2º TEMPO: APRENDER A CONVIVER									
EIXOS TEMÁTICOS	BASE NACIONAL COMUM						PARTE DIVERSIFICADA		TOTAL ANUAL
	ÁREAS DO CONHECIMENTO						ARTES E ATIVIDADES LABORAIS		
	LINGUAGENS		MATEMÁTICA		ESTUDO DA NATUREZA E SOCIEDADE		SEMANAL	ANUAL	
	SEMANAL	ANUAL	SEMANAL	ANUAL	SEMANAL	ANUAL			
IV - TRABALHO E SOCIEDADE	5	200	4	160	9	360	2	80	800
V - MEIO AMBIENTE E MOVIMENTOS SOCIAIS	5	200	4	160	9	360	2	80	800
3º TEMPO: APRENDER A FAZER									
EIXOS TEMÁTICOS	BASE NACIONAL COMUM						PARTE DIVERSIFICADA		TOTAL ANUAL
	ÁREAS DO CONHECIMENTO						ARTES E ATIVIDADES LABORAIS		
	LINGUAGENS, CÓDIGOS, CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS			CIÊNCIAS DA NATUREZA, MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS			SEMANAL	ANUAL	
	SEMANAL	ANUAL	SEMANAL	ANUAL	SEMANAL	ANUAL			
VI - GLOBALIZAÇÃO CULTURA E CONHECIMENTO	15	720	---	---	2	80	800		
VII - ECONOMIA SOLIDÁRIA E EMPREENDEDORISMO	---	---	16	640	4	160	800		

Fonte: BAHIA/SEC/CEJA. 2009

O modelo curricular e a matriz curricular apresentados nos Quadros 2 e 3, respectivamente, constituem os apêndices da proposta. Esses instrumentos norteiam o trabalho pedagógico para o Tempo Formativo na escola. Entre o conjunto de apêndices encontram-se também: a estrutura didática, as dinâmicas de estruturas curriculares, o acompanhamento do percurso da aprendizagem, a matriz curricular 1º e 2º tempo formativo, a matriz curricular do tempo formativo, as orientações para a construção do planejamento coletivo, a reflexão coletiva para o trabalho pedagógico e a orientação para a construção do planejamento coletivo bimestral e orientação para a construção do planejamento coletivo semanal.

Observando a recomendação do Conselho Nacional de Educação sobre a política própria para o atendimento dos estudantes adolescentes, em 2010, foi elaborada uma proposta curricular para atender aos adolescentes de 15 a 17anos, intituladas: *Tempo Formativo Juvenil*. Com as mesmas características do *Tempo Formativo da EJA*, diferindo apenas na construção dos eixos temáticos e temas geradores conforme modelo do Quadro 4.

A proposta curricular para o tempo formativo Juvenil não consta no documento, Política de EJA da Rede Estadual, mas foi apresentada as escolas em 2011 para execução com o propósito de fornecer um atendimento diferenciado aos educandos adolescentes.

Quadro 4: Modelo Curricular Tempo Formativo Juvenil

Eixos Temáticos	Duração	Temas Geradores	Duração	Áreas do Conhecimento
I Identidade e Cultura	1 ano	<p>A Sociedade que Temos e a Sociedade que Queremos;</p> <p>O Adolescente e a Escola: tecendo o ser e o saber;</p> <p>O Apelo ao Consumo e a Reação do (a) Adolescente;</p> <p>Geração Digital: os adolescentes e o uso das tecnologias;</p> <p>A Convivência Social na Adolescência;</p> <p>O (a) Adolescente e a Experiência de Trabalho;</p> <p>O Adolescente e o Trabalho Informal;</p> <p>A Família como Primeiro Espaço de Formação Social.</p>	1 mês	Linguagens (Língua Portuguesa e Artes); Matemática; Estudo da Natureza e da Sociedade
II Saúde e Meio Ambiente	1 ano	<p>Ser Planetário: O adolescente como cidadão do mundo;</p> <p>Cultura Corporal e Comportamento Juvenil;</p> <p>O (a) Adolescente e o Direito à Vida;</p> <p>Drogas Lícitas e Ilícitas: o que o (a) O adolescente pensa sobre isso?</p> <p>Atitudes Juvenis em Defesa do Meio Ambiente;</p> <p>Como Viver a Sexualidade na Adolescência?</p> <p>O Planeta Terra: a casa das futuras gerações;</p> <p>Saúde e Condições de Vida do Sujeito.</p>	1 mês	Linguagens (Língua Portuguesa e Artes); Matemática; Estudo da Natureza e da Sociedade.
III Sociedade e Trabalho	1 ano	<p>A Sociedade que Temos e a Sociedade que Queremos;</p> <p>O Adolescente e a Escola: tecendo o ser e o saber;</p> <p>O Apelo ao Consumo e a Reação do (a) Adolescente;</p> <p>Geração Digital: os adolescentes e o uso das tecnologias;</p> <p>A Convivência Social na Adolescência;</p> <p>O (a) Adolescente e a Experiência de Trabalho;</p> <p>O Adolescente e o Trabalho Informal;</p> <p>A Família como Primeiro Espaço de Formação Social.</p>	1 mês	Linguagens (Língua Portuguesa), Artes e Língua (Estrangeira); Matemática; Estudo da Natureza e da Sociedade.

Fonte: (BAHIA /SEC/CEJA. 2010 p.15 a 18).

4 O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR DA EJA NA VISÃO DE DIFERENTES ATORES

Neste capítulo serão verificados os dados levantados através de entrevistas realizadas no período de 01 de agosto a 30 de outubro 2013, no colégio Estadual Luís Cabral. Foram entrevistadas um total de 10 pessoas: 06 professores, 01 coordenador pedagógico, 01 vice-diretor, 01 diretora, 01 coordenadora da EJA (entrevistada em outro ambiente). Como já citado na introdução desse relatório as entrevistas foram semiestruturadas, gravadas e conduzidas através de um roteiro de questões previamente elaborado, porém, flexível. Esta flexibilidade permitiu que fossem feitas adequações no decorrer das entrevistas.

Os roteiros foram elaborados com tópicos comuns para todos os entrevistados, de forma que todo o processo que envolveu a concepção, inserção, implantação e implementação da proposta Tempo Formativo fossem abordados. Visto que, a intenção da entrevista é investigar estes processos através dos diversos depoimentos dos atores neles envolvidos, as questões variaram de acordo com a função de cada entrevistado. Assim, as questões direcionadas para os professores enfatizavam mais o impacto da mudança curricular no processo de ensino, a condução da proposta em sala de aula e os sentimentos ocasionados pela necessidade da mudança de paradigmas.

As questões direcionadas a coordenadora pedagógica do CELC enfatizou o estudo da proposta, as dificuldades de entendimento, o comportamento dos professores em relação à proposta e o acompanhamento da Secretaria da Educação na escola.

As questões direcionadas a diretora e vice-diretora abordaram mais a inserção, implantação e implementação da política na escola, visando o acompanhamento e avaliação dos resultados.

A coordenadora da EJA, na Secretaria da Educação respondeu a questões que envolveram a concepção, implantação e implementação da política numa visão mais ampla considerando toda a rede estadual de ensino.

A participação dos entrevistados foi voluntária. Todos demonstraram entendimento do tema, que foi apresentado no início da entrevista, e responderam as questões de forma interessada. Falaram sobre suas percepções surpreendendo, por vezes, a pesquisadora no tocante às impressões que ainda não havia percebido no acompanhamento do processo, mesmo fazendo parte da equipe gestora da escola. Portanto, a experiência foi enriquecedora.

Na condição de vice-diretora do CELC, a autora vivenciou todo o processo de inserção, implantação e implementação da proposta Tempo Formativo o que lhe proporcionou condições para intervir na análise dos discursos dos entrevistados como coparticipante do processo.

A análise dos dados da entrevista foi organizada segundo os temas apresentados no roteiro e os novos temas que surgiram durante as entrevista e que representaram a fala da maioria dos entrevistados. Os entrevistados serão indicados nas citações do texto, pelas iniciais dos seus nomes próprios e/ou pelo cargo que ocupa.

Para complementar os dados da pesquisa foi introduzido neste capítulo as características do CELC, o perfil dos educandos, a formação dos docentes e as composições das equipes de trabalho na unidade.

4.1 O Colégio Estadual Luís Cabral (CELC): o *lócus* de implantação da proposta

O colégio Estadual Luís Cabral (CELC) foi inaugurado no ano de 1996, sob o Decreto Lei de número 5963. Ocupa uma grande área física que anteriormente acomodava um Centro Social Urbano e está localizado no bairro da Caixa D'água, na Rua Saldanha Marinho S/N, na cidade de Salvador, no Estado da Bahia. É dotado de uma ampla estrutura física: dois pavilhões com 10 salas de aula cada, que comportam biblioteca, laboratório de informática, sala de vídeo, sala para professores, sala de informática, depósito de alimentos, depósito para material de limpeza e material expediente, secretaria ampla, sala para coordenação pedagógica, sala para vice direção, sala para direção e laboratório de ciências.

Possui também auditório com capacidade para 400 pessoas, ampla área externa composta por duas quadras poli esportiva, um campo de futebol e uma pista de atletismo. Esses espaços são abertos à comunidade nos finais de semana para eventos e pratica de esportes.

O grupo gestor do CELC é composto por 01 diretora e 02 vices- diretores, que atuam em turnos opostos, e uma Coordenadora Pedagógica que atua no turno matutino, o turno noturno não dispõe de Coordenador Pedagógico. Tem um total de 14 professores. Quanto à formação, 90% do quadro de professores possuem mais de uma especialização, Apenas 01 possui especialização em EJA. O grupo gestor também é de especialistas.

Houve desde a inserção da Política no CELC (2009), mudança constante no quadro de docentes na escola: alguns aposentaram e foram substituídos; outros, com o advento da matrícula a cada ano, ficaram excedentes por não ter horário disponível na sua disciplina - neste caso foram transferidos para outra unidade - e outros foram inserido no quadro para cobrir disciplinas onde havia carência. Dessa forma permaneceram desde a implantação da proposta Tempo Formativo apenas 06 professores, destes, 05 atuam nos dois turnos (matutino e noturno).

O CELC tem um quadro de apoio composto por funcionários de serviços gerais contratados por empresas terceirizadas, desses profissionais oito atuam na limpeza, três na cozinha, quatro no serviço administrativo, dois na portaria e oito na vigilância; conta também com dois funcionários da SEC que são auxiliares administrativos e uma secretária que é estatutária.

O colégio, inicialmente, em 1996, ofertava o Ensino Básico Regular: Fundamental II (5ª a 8ª série) e Ensino Médio, e possuía algumas turmas de Educação de Jovens e Adultos - EJA no turno noturno. Posteriormente, ofertou o Curso de Regularização do Fluxo Escolar (5ª a 8ª série), nos turnos matutino e vespertino. A partir do ano de 2006, passou a ofertar nos três turnos apenas o curso de aceleração- EJA II correspondente ao Ensino Fundamental- da 5ª a 8ª série e EJA III- equivalente ao Ensino Médio. Devido à evasão em 2008, o turno vespertino deixou de funcionar.

Em meados de 2009, atendendo as prerrogativas da *Política de Educação de Jovens e Adultos do Estado da Bahia*, o CELC, de acordo com a proposta curricular estabelecida implantou o curso Tempo Formativo: Área II para o Ensino fundamental II, Eixo IV que equivale a 5ª e 6ª série e o Eixo V que equivale a 7ª e 8ª série, Tempo Formativo: Área III, eixos VI e VII para o Ensino Médio. A exemplo de muitas escolas públicas do estado, o CELC tem um alto índice de evasão e reprovação. Hoje funciona nos turnos matutino e noturno ocupando apenas 50% das salas de aula.

O educando da EJA apresenta especificidades que trazem para o seu cotidiano na escola várias consequências que os levam a interromper os estudos. São causas frequentes: baixo rendimento, violência, drogas, greve de professores, gravidez na adolescência, trabalho entre outros.

No CELC esta realidade não é diferente. Os educandos tem idade entre 15 e 60 anos. São jovens repetentes, oriundos do ensino regular com grande dificuldade de aprendizagem, envolvidos muitas vezes com as drogas e a violência da comunidade que habita, são adolescentes repetentes, que desejam acelerar a conclusão do ensino fundamental. São meninas que conhecem a maternidade ainda na adolescência, são também jovens e adultos trabalhadores que não dispõem de tempo para o estudo, são infrequentes, portanto, não acompanham o processo de ensino, diante das baixas pontuações, desistem.

São também pais e mães de família que deixaram de estudar há muito tempo e retornam para completar o ensino básico, muitos não se adaptam a convivência com os mais jovens, não reconhecem no comportamento desta adequação para a sala de aula, não suportam a falta de respeito que cerca os mais jovens atualmente, entre outros motivos, também, frequentemente não acompanham o processo de ensino.

Contudo, estima-se que 40% dos alunos matriculados permanecem no CELC até a conclusão do ano letivo, destes só 20% conseguem a aprovação. Esta é uma realidade vivenciada pela pesquisadora no cotidiano do seu trabalho enquanto vice-diretora da escola.

Esta realidade não foi modificada com a implantação da proposta curricular da EJA, *Tempo Formativo*. A implementação da política se processou na CELC

conforme imposição da SEC. Passaram-se quatro anos desde a implementação. Portanto, cabe perfeitamente neste momento uma análise desse processo de implantação e de implementação desta política para possibilitar a avaliação e possível intervenção nas ações, no intuito de viabilizar o sucesso da proposta curricular.

4.2 O processo de implantação e implementação da proposta na visão dos entrevistados

Participação dos professores na concepção e elaboração da proposta e forma de inserção na escola

O documento intitulado Política de EJA da Rede Estadual foi concebido entre os anos 2008 /2009 pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC) representada pela Coordenação de Jovens e Adultos. Segundo o documento (2009, p. 9) “a proposta curricular *Tempo Formativo* é resultado de um trabalho participativo e é fruto da escuta dos principais sujeitos da EJA” .

A professora M.S. S, coordenadora da EJA nos momentos de concepção, divulgação, inserção, implantação e implementação da proposta nas unidades escolares do Estado, afirma que a política foi amplamente divulgada através de seminários com a presença de movimentos sociais, da capital e do interior e das Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade do Estado da Bahia (UNEB) que deram muita contribuição na formatação da proposta. Afirma também que os professores foram ouvidos, que foram aplicados questionários nas escolas, em 2008, e professores e alunos opinaram e participaram do processo na concepção da proposta. Foram também realizados encontros com os professores na capital e no interior.

Souza Neto (2010), concluindo investigação realizada em 04 (quatro) escolas que atuam com a modalidade da EJA, em Salvador- Bahia constatou a necessidade de se ampliar a participação de professores e gestores na elaboração da proposta pedagógica das escolas.

Conformando com essa afirmação os gestores e professores do CELC são unânimes em assegurar que só tomaram conhecimento da política no momento em

que foi inserida na escola. Segundo a gestora da escola o documento foi encaminhado pela SEC através de um comunicado direcionado a todos (gestores e professores). Ela providenciou de imediato a divulgação do mesmo e estimulou em seguida o estudo da proposta, mas, só implementou no ano letivo de 2010, por que estava em meio a um processo e optou por não interrompe-lo.

Todos os professores e gestores do CELC afirmam que as orientações sobre a proposta foram transmitidas aos professores pela coordenadora pedagógica, que recorria constantemente à coordenação da EJA - via ligação telefônica - para tirar dúvidas sobre as informações contidas nos diversos documentos encaminhados à escola, para estudo e aplicação da proposta.

A coordenadora do CELC ressalta que utilizava as reuniões de Atividade Coordenada (AC) para estudar os documentos junto aos professores, mas, nem sempre tinha condições de orientá-los. Como as dúvidas permaneciam apesar das leituras exaustivas do material encaminhado à escola, e dos arquivos da internet indicados, foram feitas sistemáticas solicitações de visita para a coordenação da EJA. Esta, finalmente esteve presente na escola, um ano depois da inserção da proposta, em uma reunião com a coordenadora pedagógica da escola e em dois momentos junto aos professores: com uma palestra e uma oficina que tinha a intenção de orientar a equipe pedagógica (coordenadora e professores) sobre o preenchimento dos diários de classe que representou mais uma novidade a ser desvendada. Que será analisada posteriormente.

Sobre a inserção da proposta nas escolas a ex-coordenadora da EJA na SEC, M.S.S. discorre:

No início foi muito complicado. Foi muito difícil... agente costuma dizer que tomou muita porrada, por dois motivos fortes: primeiro porque há um descrédito da escola (professores e diretores) em relação a secretaria, no que tange as propostas e as políticas, eles desconfiam de tudo que vem da secretaria e a gente vinha representando essa secretaria. E segundo, que eles não tinham noção da EJA na dimensão dos seus sujeitos, não conseguiam romper com o modelo de escola que está posto. Não conseguiam perceber o tempo e o espaço pedagógico da forma que está posto. Questionavam muito, porque agente levava algo completamente diferente. Era outra lógica.

A autora pôde testemunhar essa dificuldade enfrentada pela coordenação da EJA, quando participou de um curso de formação em 2011, com professores e gestores de várias unidades de ensino. Havia notadamente entre esses sujeitos desinformação e má vontade em relação à proposta, visto que tratavam as técnicas da SEC, que tentavam conduzir as oficinas, com desdém. Nesse encontro (único após a implementação da proposta) não foi possível divulgar conhecimentos sobre a proposta, ou tirar dúvidas, que era a intenção da equipe do CELC, devido ao tumulto que se formou com a contestação dos professores e gestores que lá se encontravam.

Mediante tal observação se verifica que muitas escolas passaram por processos semelhantes ao do CELC para a implantação da proposta.

Souza Neto (2010, p.77) em relato de investigação em escolas de Salvador, cita depoimentos de gestoras que revelam as dificuldades de implantação da proposta Tempo Formativo nas suas escolas.

[] Quando mudou a matriz curricular para os tempos formativos foi um choque e continua sendo nas escolas. Até hoje agente esta trabalhando com a Secretaria da Educação, com a Coordenação da EJA. Estamos querendo saber como se trabalha com os tempos formativos.(Participante 08, Escola 1)

[] aqui foi implantado os Tempos Formativos, os professores estão com dificuldade para trabalhar porque não receberam formação, quer dizer, implantou-se um curso e o corpo docente não foi preparado para trabalhar com os alunos.” (Participante 06, escola 4)

A ex-coordenadora M.S.S esclarece que o processo de formação dos professores ocorreu ao mesmo tempo em que a proposta ia sendo implantada, que foram 1500 escolas em todo estado. Que a coordenação havia pensado outra forma, mas que a secretaria exigiu que fossem todas as escolas ao mesmo tempo.

Havia falta de recursos, afirma, decorrente do desinteresse da SEC em relação a Educação de Jovens e Adultos. Porque a EJA não é reconhecida pela SEC. Não havia uma preocupação com a EJA, não há até hoje, não havia recursos para fazer formação, fizemos mas não foi suficiente.

Em relação ao quantitativo de professores que participaram dos encontros para a formação, a ex-coordenadora M.S.S. informa que em 2010 participaram da formação para a EJA 1.500 professores, em 2011 também 1.500, e apenas 300 em

2012 devido a greve de professores da Rede Estadual de Ensino, que durou mais de 100 dias. E revelou também outra dificuldade - a presença de grande número de professores do regime temporário de contratação (REDA) nos cursos da EJA no período - isso porque os professores tinham os contratos vencidos e saíam da escola, dando lugar a outros professores sobre o mesmo regime, que tinham que participar do processo de formação. Este fato impossibilitou uma abrangência de um maior número de professores na formação para a implementação da proposta curricular Tempo Formativo.

Em relação a formação continuada para os professores do CELC, verifica-se que os encontros tardios com a coordenação da EJA (ocorridos em dois momentos na escola em 2010, e em um momento em outro ambiente, com outras unidades da rede em 2011) não foram suficiente para capacitar, tranquilizar ou conformar os professores. A insatisfação se tornou evidente entre a maioria dos docentes. Houve muita dificuldade em compreender também como seria aplicado o diário de classe já que ele não se adequava às séries aplicadas na escola

A coordenadora pedagógica da CELC analisa:

Na ocasião agente questionou os diários, eles não eram adequados para o ensino médio. Me parece que foram pensados para o fundamental I e colocado para o fundamental II e ensino médio. Totalmente inadequados.

O que se pôde observar foi que apesar dos questionamentos, nenhuma providencia foi tomada. O diário foi utilizado (adaptando) no ano letivo de 2010, e nos anos seguintes (2011, 2012) até os dias atuais estes não chegaram à escola. Quando questionada a SEC informa que os diários estão disponíveis na internet e que devem ser impressos pela escola. A gestão escolar esclarece que não imprime porque é muito material e a escola não dispõe de recursos para este fim. A providência apresentada pela direção foi a retomada dos antigos diários de classe, que também são adaptados para a atual proposta curricular.

Sobre os diários de classe a ex-coordenadora M.S.S. explica que não havia financiamento para o mesmo. Que só em 2010 enviou para as escolas, que inicialmente ele era bem detalhado para que o professor entendesse a dinâmica da

avaliação, mas que hoje ele foi reduzido. E ressalta a dificuldade para se comprar materiais para a EJA na SEC.

A autora também pode observar que os professores em meio a tantas mudanças e imprevistos demonstravam muita insatisfação, por conta da incerteza da efetividade do método, e a constatação da necessidade de mudança de paradigma.

Porque tudo se apresentava como novo para eles, nova metodologia, nova forma de seleção de conteúdos, nova forma de avaliar, novos impressos a serem preenchidos. Enfim, todo o processo exigia mudanças no trabalho do professor dentro e fora da sala de aula, sem que houvesse uma formação adequada.

A observação participante permite também afirmar que os conflitos gerados na escola pela implantação e implementação da proposta criou entre gestores e professores permanente discordância no que se refere às inovações.

Não se observa nos professores a disposição de se comprometer com as mudanças propostas pela política, poucos assumiram a postura desejada para o professor da EJA. Continuam presos a tradicionais formas de avaliar. Enxugam os conteúdos das séries regulares como se estivessem trabalhando com séries aceleradas e não conseguem ter a postura de mediador da aprendizagem como preconiza a proposta.

A esse respeito, a diretora do CELC adverte: “Talvez o professor queira fazer e não sabe como fazer”.

Sobre os critérios para avaliação da aprendizagem

Ainda sobre a resistência dos professores, a coordenadora pedagógica do CELC analisa:

Na verdade, o professor tem resistência a mudar de foco, principalmente no que se refere a avaliação [] não temos mais a nota, que era uma “arma”. Agente trabalha agora em cima de critérios quando vai avaliar.

Neste sentido todos (professores e gestores) concordam, os critérios de avaliação foi a mudança mais conflituosa que a equipe pedagógica do CELC vivenciou desde a implantação da proposta. “O mais conflituoso foi levar em

consideração os aspectos sócios formativos na hora de avaliar” afirma o professor B.M.

A avaliação é parte do processo de ensino/ aprendizagem, é o momento em que se verifica a eficácia do método utilizado. Logo, a forma de avaliar não pode estar dissociada da metodologia e dos conteúdos utilizados, portanto, se o professor não conseguiu inovar nestes dois aspectos dificilmente conseguirá realizar uma avaliação processual, coletiva, auto avaliativa priorizando a dimensão qualitativa como preconiza a proposta. “A avaliação dos alunos não pode ser dissociada das opções relacionadas a outros parâmetros [...]” (PERRENOUD, 2002 p. 36).

Como o resultado da avaliação deve ser exposto no diário escolar de forma descritiva e conceitual, obrigando os professores a demonstrar o resultado do seu trabalho, percebe-se claramente que esta ação, se traduz para eles, em grande conflito. Porque não conseguem explicar os baixos conceitos dos alunos frequentes, muito menos os altos conceitos dos infrequentes que comparecem para fazer uma única avaliação. O que demonstra que os professores fazem avaliações pontuais, considerando apenas o conhecimento científico, desconsiderando totalmente as orientações da proposta.

A escola colabora para esse desfecho determinando semana de provas, na tentativa de organizar o processo e garantir o tempo limite de cada bimestre.

Sobre os materiais didáticos

O livro didático é outro dilema no CELC, chegou à escola em 2011, para o ensino fundamental II, mas poucos professores (em torno de 10%) utilizam esses livros, justificam afirmando que o livro é muito conteudista, que não condiz com o que é sinalizado pela proposta, não está em conformidade com os eixos temáticos trabalhados por eles. Enfim, não utilizam, embora sejam orientados pela gestão a considerar e adequar os livros as suas atividades didáticas.

A professora L B utiliza o livro e não consegue entender porque tanta resistência dos colegas em utilizá-los. Afirma que enfrenta dificuldade na sala de aula porque outros professores não usam o livro e induz o aluno a dizer que o livro

“não tem nada”. “Muitos nem leram!.. nem abriu o manual que dá todas as dicas de como trabalhar com o livro”. Desabafa.

Sobre o livro didático, a ex-coordenação da EJA informou que solicitou ao Ministério da Educação ((MEC) que incluísse o segmento (livro para EJA) na política do livro didático, mas que o MEC só conseguiu o livro para o ensino fundamental. Afirma ainda que o livros foram escolhidos pelos professores, que eles escolheram o livro que mais se aproximava da seriação, não escolheram os mais adequados para a EJA. E quanto a utilização do livro discorre: “Há uma rejeição ao livro didático, o que é um grande equivoco. O livro precisa ser usado, cabe ao professor fazer uma seleção, usar o livro didático politicamente.

Sobre a composição das turmas

Para o professor B.M, outro fator que traz dificuldades na condução da proposta, é a diversidade de perfil dos alunos na mesma sala de aula.” São realidades diferentes: jovens que saíram do ensino regular na 8ª série, e adultos que tem 30 anos que não estudam, na mesma turma”.

A diferença de idade dos alunos na mesma classe também é mais uma dificuldade que os professores enfrentam na sala de aula.

A esse respeito o documento, Política de EJA da Rede Estadual traz a seguinte afirmativa:

[] a permanência de alunos adolescentes (de 14 a 17 anos) na EJA têm trazido grandes prejuízos à prática dos educadores, que se sentem perdidos frente às expectativas, saberes e ritmos tão variados. Além disso, é preciso atentar para o fato de que não há metodologia nem material didático que possa dar conta de tamanha diversidade. Conseqüentemente, compromete-se a aprendizagem dos educandos, os quais atribuem valências diferentes à escola e ao processo de formação (BAHIA, SEC/ RESOLUÇÃO 2009.p.12).

Segundo o próprio documento esta dificuldade foi sinalizada por educandos e educadores da EJA. Para solucionar esta questão elaborou-se uma proposta específica para atender aos adolescentes, que complementa a proposta *Tempo Formativo* para Jovens e Adultos, intitulada *Tempo Formativo Juvenil*.

A proposta do *Tempo Formativo Juvenil* foi inserida nas escolas no início do ano letivo de 2011. O documento determinava que fossem organizadas classes

exclusivas para adolescentes (jovens de 15 a 17 anos) com uma carga horária de 55min/ aula e com eixos temáticos e temas geradores específicos para atender aos mais jovens.

Segundo a coordenadora da EJA no período, algumas escolas atenderam as determinações da EJA Juvenil. Contudo essa proposta não foi aprovada pela SEC, “porque o secretario não queria gastos”. Uma nova proposta implicava em gastos com materiais, formação de professores livros didáticos etc. Foi informada recentemente que a proposta pode ser aprovada para o ano letivo de 2014 porque os adolescentes de 15 a 17 anos, de acordo com a Resolução Nacional, só podem permanecer na EJA até 2013.

No CELC foram feitas algumas tentativas para a inserção do *Tempo Formativo Juvenil*.

As matrículas dos adolescentes foram canalizadas para o turno matutino para se formar turmas específicas, contudo, ainda se verifica a presença de adultos e idosos nessas turmas por conta da matrícula descentralizada (realizadas em postos espalhados em todo o Estado) e da permanência destes contingentes no ensino fundamental II, porque informam a necessidade de trabalham no turno noturno e frequentar o turno diurno. Como não há quantitativo de alunos suficiente para dividir as turmas, eles permanecem na mesma sala.

Estas turmas seguem com a carga horária de 40min/aula, como na educação de adultos. A justificativa apresentada pela direção da escola foi a não compatibilidade nos horários do ensino fundamental e médio, assim, a coordenadora do CELC considera: “Por questão de termos o atendimento ao ensino fundamental e médio, e o mesmo professor atuar nos dois segmentos, se fez a opção de 40min de aula. Acredito que prejudicou muito o EJA Juvenil”.

Sobre a duração das aulas

Há uma inquietação em relação à carga horária da EJA, expressa pela autora e também por gestores e professores do CELC: com 40min\aula é impossível atender a prescrição de 800horas anuais preconizadas pela Lei de Diretrizes e Bases

da Educação, portanto, a carga horária utilizada é insuficiente também para a educação de adultos.

Nos anos anteriores a implantação da proposta Tempo Formativo, a hora/aula no turno matutino era de 50min, para o ensino médio e fundamental. O que garantia diariamente ao educando 3h20min de tempo pedagógico, hoje a permanência diária do aluno no CELC na sala de aula é de apenas 2h40min.

Sobre a grade curricular

Outra observação importante é que a proposta introduziu as disciplinas artes e atividades laborais na composição da grade curricular do curso, reduzindo a carga horária de outras disciplinas como: matemática, física, química, biologia, geografia e história no 3º tempo formativos(Ensino Médio), língua estrangeira e ciências no 2º tempo formativo (Ensino Fundamental). E o agravante é que não foi enviado para a escola professores para trabalhar essa disciplina, a orientação dada pela Coordenação da EJA foi que os professores de outras disciplinas assumissem os horários.

A diretora do CELC acrescenta que não compreende a finalidade dessa disciplina, que não foi apresentado conteúdo para a mesma, que ouviu da coordenação da EJA, que foi uma solicitação dos alunos ouvidos durante a construção da proposta.

O professor B.M. vê a disciplina de artes e atividades laborais como mais um prejuízo para os educandos, porque até hoje não foi entendida pelos professores do CELC. Ele diz que a coordenadora até tenta no início do ano formalizar um programa, mas que depois disso se perde e cada professor puxa os conteúdos para a sua disciplina.

Há na verdade muita insatisfação do professor quando tem essa disciplina inserida no seu horário. Termina aceitando porque ela serve para complementar a sua carga horária evitando que ele seja colocado em disponibilidade (devolvido a SEC por falta de horário para atuar na escola)

Sobre os resultados da proposta

São muitos os problemas vivenciados por professores do CELC que foram agravados pela inserção inesperada da proposta Tempo Formativo na escola. Os resultados do trabalho pedagógico desses profissionais têm demonstrado que os propósitos aos quais foram destinados a proposta pedagógica – redução dos índices de evasão e retenção – não foram atingidos.

No período entre 2009/2013, houve elevação nos percentuais de reprovação e evasão na escola. Hoje o índice de abandono gira em torno de 60% e os índices de retenção em torno de 70%. Esses resultados decorrentes de avaliações internas realizadas pela gestão são socializados para os professores e discutidos em conselhos de classes bimestrais. É uma constatação inquietante, contudo não provoca na equipe pedagógica da escola reação, mudança e comprometimento.

Nos encontros para o Conselho de classe os professores tem a oportunidade de avaliar o seu trabalho em sala de aula, avaliar as classes e cada aluno individualmente, mas o que se observa é a crítica ao aluno: que não frequenta, que não tem disciplina, que não aprende. Se a gestão sugere uma auto avaliação, gera desconforto.

No segundo semestre deste ano letivo (2013), após avaliar os resultados, detectar os baixos conceitos e os altos índices de abandono, a decisão tomada foi a introdução da recuperação no final do ano letivo, segundo a gestão, com a intenção de oportunizar ao aluno recuperar-se no percurso, reduzir o índice de retenção e evitar o aumento nos índices de evasão.

A recuperação final de conteúdos não é preconizada pela proposta, até porque é incompatível com os tempos formativos. O que se admite é que no final de cada bimestre trabalhado, ocorra a ressignificação – retomada dos conteúdos trabalhados de acordo com o “feed back” apresentado pelos alunos– o que daria ao educando a oportunidade de melhorar os conceitos de aproveitamento. Contudo, isso não é efetivado pelos professores do CELC e muito menos é cobrado pela gestão.

Não se verifica no CELC ações efetivas para o cumprimento da proposta ou ações, que mesmo contrárias às prerrogativas do tempo formativo, ensejem mudanças para recuperar o trabalho pedagógico da escola.

A professora M.J.R. enfatiza:

Acho que se peca na escola por não obedecer a esta proposta, acho que o pecado está aí, por esta proposta não ter sido discutida, ainda [...], uma discussão interna. Se a equipe gestora tem consciência disso não precisa da SEC. Se todos tem consciência disso não precisa da SEC.

Sobre a motivação e empenho do professor e sobre o futuro da proposta

O que a observação direta permitiu verificar no CELC, é que, com a implantação da nova proposta, o trabalho pedagógico realizado anteriormente, por alguns professores se perdeu, embora as mudanças preconizadas pela proposta não tenham sido efetivadas. É como se a confusão estabelecida pelas mudanças introduzidas pela proposta provocasse nos professores forte desmotivação. Logicamente, que não se trata aqui da totalidade dos docentes do CELC. Contudo a desmotivação de alguns parece contagiar toda a equipe.

Vislumbra-se, portanto, grande prejuízo para a implementação da proposta pedagógica Tempo Formativo no CELC. Porque o professor é o transmissor do conhecimento, é o gestor do trabalho pedagógico na escola. Necessita, portanto, estar motivado para promover a efetivação da política.

A esse respeito a professora A. C. concorda “ quando o professor não quer é difícil [...] acho que toda proposta para dar certo a pessoa tem que vestir a camisa. Depende da vontade da pessoa”.

A diretora acredita que as capacitações devem ajudar muito para a efetivação da proposta, que os coordenadores pedagógicos devem estar semanalmente à frente das Atividades Coordenadas (ACs). Mas acrescenta a dificuldade em realizar as Atividades Coordenadas no CELC devido ao desinteresse dos professores em participar das reuniões e cumprir as atividades solicitadas pela coordenadora.

Para a coordenadora pedagógica do CELC, ainda há recuperação, acredita que depende da formação continuada, do acompanhamento da SEC e do compromisso do professor.

O professor B.M. também acredita que a presença da SEC na escola e a formação continuada ajudarão na implementação da proposta. Já a professora L.M.

acha que a direção deveria ser mais contundente na exigência para o cumprimento da proposta.

Pode-se concluir que, a atuação do professor é imprescindível para o sucesso da proposta. Cabe ao professor gerir o processo pedagógico e conseqüentemente a proposta curricular Tempo Formativo na sala de aula. Para atender as novas prerrogativas que a proposta traz, as estratégias do professor deverão estar centradas, principalmente, na iniciativa do aluno, valorizando o conhecimento que ele já traz e avançando com ele na descoberta de novas formas de trabalho, onde o aluno vai adquirir uma nova compreensão do significado e da utilidade daquilo que faz, e conscientizar-se de que é o agente criador e transformador do próprio conhecimento.

A escola tem a responsabilidade de apoiar o professor na condução da proposta, garantindo-lhe condições de atuar atendendo as novas prerrogativas exigidas para o ensino da EJA. Tem também a responsabilidade de viabilizar a implementação da política vislumbrando o sucesso da mesma para que os jovens e adultos tenham uma educação coerente com as suas necessidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que a construção da proposta pedagógica Tempo Formativo foi uma iniciativa positiva da Secretaria de Educação do Estado (SEC), porque a EJA necessitava, a muito, de um currículo próprio que atendesse ao perfil dos seus educandos. Os professores percebiam a necessidade de mudança na condução metodológica dispensada a esses sujeitos. Eram evidentes as especificidades apresentadas por eles, e os altos índices de reprovação e evasão apresentados nas pesquisas inquietavam a todos, professores e gestores.

Havia um anseio dos que atuavam com esta modalidade de ensino no Estado da Bahia para encontrar soluções para os problemas apresentados pelos alunos que frequentavam a EJA.

A Política para EJA da Rede Estadual (Resolução 2009) contemplou também as propostas decorrentes das mobilizações realizadas em torno da EJA em todo o Brasil, nos últimos vinte anos, os resultado das Conferencias Internacionais para a Educação de Jovens e Adultos (CONFINTEAs) e dos Fóruns de discussões que foram inaugurados em vários estados, inclusive na Bahia, em 2002. Atendeu também as prerrogativas legais da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), que fundamentada na Constituição Federal determinava o direito a educação aos jovens e adultos.

Logo, a proposta curricular Tempo Formativo foi uma iniciativa pioneira do Estado Bahia, que no momento da sua concepção buscava consolidar o ensino da EJA e garantir aos jovens e adultos o direito a uma educação que atendesse as suas especificidades.

Contudo, para uma implantação e implementação exitosas seria necessário que houvesse uma escuta ampla e irrestrita dos profissionais que trabalham com a EJA, desde a sua concepção.

Neste contexto Schneckenberg (1999 p.118) afirma que:

Uma política de reforma educacional é legítima quando conta com o envolvimento e a participação dos atores que atuam nas escolas, [...]pois apenas assim poderá haver um verdadeiro compromisso de todos no seu desenvolvimento. [...] a participação de todos ou de sua representação na elaboração

da proposta compromete o envolvimento destes no desenvolvimento e avaliação do programa.

Os dados da pesquisa mostram que não houve a participação de professores, e gestores do CELC, assim como professores e gestores de 04 escolas de Salvador pesquisadas por SOUZA Neto (2010) revelam que não houve consulta durante a concepção da política, da mesma forma que não houve informação, sensibilização e formação antes que a proposta fosse inserida nas escolas, embora o documento *Política para EJA da Rede Estadual* registre a participação das escolas, e a professora M.S.S., que coordenava a EJA no período, confirme categoricamente que ela existiu.

A ausência da SEC nas escolas para orientar e acompanhar a implantação e implementação da política, aliada a falta de formação continuada para a equipe pedagógica da escola, representaram também pontos negativos de grande prejuízo para a efetivação da proposta o que gerou muita insatisfação entre o corpo docente do CELC.

A formação continuada dos professores assim como o fornecimento de material didático adequado estão garantidos como direito no documento que apresenta a política da EJA. Contudo, “a falta de investimento por parte da SEC inviabilizou o trabalho da coordenação da EJA nesse sentido”, afirma a coordenadora M.S.S.

A capacitação realizada após a implantação da proposta não foi suficiente para o entendimento das mudanças que o Tempo Formativo preconiza.

Os conflitos gerados na escola pela forma com que a proposta foi inserida causaram desestímulo entre o corpo docente. Faltou à gestão escolar gerenciar de forma mais contundente estes conflitos, e criar ações efetivas para o cumprimento das mudanças estabelecidas pela proposta.

Pode-se garantir pelos dados da pesquisa que todos esses fatores apresentados causaram prejuízo para a efetivação da proposta e para a condução do trabalho pedagógico na escola.

Contudo, a proposta está “posta”, na visão da ex- coordenadora da EJA, ela foi efetivada na Rede, embora a SEC não tenha criado um instrumento para avaliação, nem tenha acompanhado a implementação **in loco**.

Resta então aos gestores e professores avaliar internamente os seus processos pedagógicos e intervir para a efetivação da proposta *Tempo Formativo na EJA*, já que a aprendizagem dos alunos depende do sucesso dessa política e a escola tem a responsabilidade de promover ações que viabilizem o processo de ensino/ aprendizagem para garantir a promoção dos educandos.

A mudança curricular na CELC provocou nos docentes conflitos, incertezas, e resistência. Contudo, todos esses sentimentos fazem parte do processo de mudança ao qual eles foram submetidos.

Prededy, Glautier, Levacic & Cals (2006. p. 81) fazem algumas considerações sobre mudança curricular e afirmam que:

As mudanças ocorrem ao longo do tempo, [...] uma mudança efetiva é demorada, e a persistência é o atributo crítico da mudança bem sucedida [...]. Conflitos e desacordos não são apenas inevitáveis, mas, são fundamentais para uma mudança planejada ser bem sucedida, a resistência é normal, a colaboração tem haver com fazer uso de conflitos. [...] toda mudança bem sucedida requer uma resposta individual. Frequentemente a experiência de mudança é ameaçadora e desconcertantes para o indivíduo, razão porque precisamos de cenários organizacionais nas escolas que apoiem os professores e os alunos no processo de mudança. Esses cenários precisam ser primeiramente organizados para a conscientização de que a mudança é um processo em que os indivíduos alteram suas formas de pensar e agir.

Conclui-se, portanto, que o processo de implementação da proposta curricular *Tempo Formativo no CELC* tem ainda um longo caminho a percorrer e, também, que a intervenção para viabilizar o processo é necessária. Dessa forma sugere-se que os gestores e professores do CELC, considerem os resultados desta pesquisa e efetivem a intervenção na escola.

Para tanto, devem considerar a seguinte Proposta de Intervenção:

- a) Atualizar o Projeto Político Pedagógico da escola que deve estar coerente com a proposta pedagógica *Tempo Formativo*.

- b) Promover a atuação conjunta dos profissionais da escola nos diferentes turnos
- c) Desenvolver ações coletivas no sentido de superação dos problemas.
- d) estabelecer o diálogo em rodas de discussões permanente com os professores para elencar ações que garantam a efetivação das mudanças curriculares preconizadas pela proposta Tempo Formativo. (Participação dos gestores nas reuniões de AC)
- e) O professor deve se comprometer com a base curricular estabelecida no PPP, com o cumprimento das ações construídas pela equipe nas rodas de discussões e seguir as orientações da coordenação pedagógica.
- f) A coordenação pedagógica do CELC deve fazer acompanhamento sistemático do trabalho do professor e conduzir o trabalho pedagógico no sentido de efetivar as ações construídas pela equipe nas rodas de discussões. Para esse fim deve:
- Definir os momentos de AC semanais por área de ensino para que os professores troquem ideias e experiências e avaliem os possíveis problemas observados em sala de aula para que em conjunto possam encontrar solução para o problema;
 - Criar espaço no momento de AC para análise e acompanhamento do processo de evolução do aluno, proporcionando trabalhar coletivamente a partir dos erros, visando contribuir para maior apreensão do saber e formação do senso crítico do alunado;
 - Monitorar os alunos com dificuldades de aprendizagem e baixo rendimento escolar visando melhorar os resultados;
 - Proporcionar momentos de diálogos que melhorem o relacionamento aluno-aluno e aluno-professor e propiciar condições de acesso e permanência na escola;

- Promover projetos interdisciplinares, projetos de leitura, produção textual entre outros;
- Adequar as mudanças a realidade da escola e as necessidades do educando.
- Avaliar periodicamente as ações implementadas para a efetivação da proposta.

Deve-se reconhecer que não basta a ação interna na escola. Para que se efetive a institucionalização da política, fase em que, segundo Prededy, Glautier, Levacic&Cals (2006. p. 79), “a inovação e a mudança deixam de ser consideradas algo novo e tornam-se parte da maneira usual de fazer as coisas na escola”. Existe a necessidade da Secretaria de Educação garantir às escolas os mecanismos de apoio estabelecidos no documento, tão necessários ao cumprimento da proposta Tempo Formativo.

Sugere-se que a SEC crie instrumentos para avaliar os processos de implementação da política nas unidades de ensino da rede como forma de viabilizar ações em apoio à intervenção na escola. Sugere-se, ainda:

- um acompanhamento constante da coordenação da EJA na escola, junto à equipe pedagógica. (coordenador e professores)
- maior investimento financeiro da SEC para formação de professores, compra de material didático apropriado e confecção do diário escolar específica para os tempos formativos.
- indicação de um coordenador pedagógico para atuar no turno noturno.

As sugestões direcionadas a SEC independem, logicamente, da escola, mas, não devem inviabilizar o processo de intervenção interno. Devem ser feitas cobranças constantes junto a Secretaria da Educação para que providencie os elementos necessários à consolidação da proposta.

Faz-se necessário também o amplo apoio da sociedade. Os movimentos sociais que compõem os Fóruns devem intervir junto às instancias públicas para que sejam tomadas providencias para garantir a efetivação da política. As escolas

devem também participar mais dos espaços de discussão em torno da educação, como os Fóruns de EJA.

Os mais de 20 anos de mobilizações realizadas em torno da EJA não devem se perder, os grupos que apoiam a EJA e que compõe os Fóruns não devem se conformar só com os projetos passageiros de alfabetização. A educação continuada é que garante a formação do sujeito e o seu acesso à cidadania.

Cabe, portanto, ao Estado:

Assegurar a EJA como oferta de educação pública de direitos para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas experiências de vida e de trabalho, garantindo as condições de acesso e permanência na EJA, como direito humano pleno que se efetiva ao longo da vida (BAHIA/SEC/RESOLUÇÃO 2009.p.13).

Portanto, a política deve ser atendida principalmente por quem a concebeu, é imprescindível que o Estado cumpra o que determina o documento Política de EJA para a Rede Estadual, e que principalmente, dê condições para que as escolas implementem exitosamente a proposta Tempo Formativo. Cumprindo dessa forma as determinações da Declaração de Hamburgo, e atendendo os anseios de toda a sociedade que se manifesta através dos Fóruns de EJA. E, principalmente, proporcionando ao educando da ELA uma educação coerente com as suas especificidades.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens adultos populares?. Revista de Educação de Jovens e Adultos, V. I; 2007. Disponível em: <forumeja.org.br/go/files/Balanço%20da%20EJA%2020Arroyo.pdf> Acesso em 2 de Novembro de 2013

BAHIA. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Política de EJA da Rede Estadual. Aprendizagem ao Longo da Vida. Salvador. Coordenação de Educação de Jovens e Adultos. Secretaria da Educação 2009.

_____. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental. Brasília, 2002. Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1e.pdf Acesso em 12 de novembro de 2012

_____.FORUMEJA Como surgiu o Fórum EJA Bahia. Disponível em: <<http://www.forumeja.org.br/ba/?q=node/169>> Acesso em 02 de Novembro de 2013.

_____.SEC/DEB/CEJA. Educação de Jovens e Adultos. Tempo Formativo Juvenil. Secretaria da Educação. 2010.

_____.SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Princípio e Eixos da Educação na Bahia, definidos na proposta pedagógica: Uma Escola de Todos Nós, no período de 2007 a 2010. Disponível em:

<http://consed.org.br/rh/resultados/2012/planos-estaduais-de-educacao/pee-ba.pdf>

Acesso em 12 de novembro de 2012.

BEISIEGEL. Celso Rui. Estado e Educação Popular. São Paulo, Pioneira. 1974.

_____. Política e Educação Popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. Ensaios 85. São Paulo, Ática. 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org). BRINGUIER, Jean-Claude. Conversando com Piaget. Difel, Rio de Janeiro. 1978.

_____. O Educador: Vida e Morte. Ed. Graal, Rio de Janeiro. 1982.

_____. O que é Método Paulo Freire. 18 ed. São Paulo, Brasiliense. 1981.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA) /Ministério da Educação (MEC). – Brasília: MEC; Goiânia:FUNAPE/UFG, 2009. Disponível em: portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_d - - Acesso em 02 de Novembro de 2012.

_____.MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Lei 9394 de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília. 1996. Diário Oficial da Republica Federativa do Brasil. Brasília. de 21 de dezembro de 1996.

_____.GOVERNO FEDERAL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília Senado federal 1988. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em 02 de Novembro de 2012.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho nacional de Educação continuada. Câmara de Educação Básica. Secretaria de educação Básica. Diretrizes curriculares Nacionais para a educação de jovens e adultos. Parecer CNE/CEB n.11/2000.Brasilia.10 maio 2000. Disponível em:

<portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf> Acesso em 02 de Novembro de 2012.

_____.MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA) / Ministério da Educação (MEC). – Brasília: MEC; Goiânia:FUNAPE/UFG, 2009. Disponível em:<portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task...> Acesso em 10 de Novembro de 2012.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Os Parâmetros Curriculares Nacionais. Documento introdutório, Versão preliminar. Brasília. 1995. Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf Acesso em 20 dezembro 2012.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1983.

_____. Educação e Mudança. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

GOODE, J.W. HATT, K. P. Métodos em Pesquisa Social. Ed, Nacional. 1979.

LUCK, Heloisa. Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores. v. 17, n. 72. P.11 a 32, fev./jun. 2000.

PAIVA, V. Educação Popular e Educação de Adultos. São Paulo: Loyola, 1987.

NÓVOA, Antônio. A formação da profissão docente

PERRENOUD, Philippe. Escola e Cidadania: O Papel da Escola na formação da democracia. Porto Alegre, ARTEMED. 2005.

_____. Philippe. THURLER, G. M. e colaboradores. As Competências para ensinar no século XXI: formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre, ARTEMED. 2002.

PIAGET, Jean. A Epistemologia Genética, Sabedoria e ilusões da Filosofia. Problemas da Psicologia Genética – tradução de Natanael Caixeiro. Zilda Dacier, Célia de Pierro – 2ª ed. - São Paulo, Os Pensadores: Abril Cultural. 1978.

PREEDY, MARGARET. GLAUTIER, R. LEVACIC, R. & CALS. Trad, Gisele Klein. Gestão em Educação: estratégia, qualidade e recursos. Porto Alegre Artmed. 2006.

RODÃO, Maria do Céu, gestão Curricular Fundamentos e praticas. Para uma formação de professores construída dentro da profissão In. António Nóvoa Universidade de Lisboa. Lisboa. Portugal. 1999.

SAVIANI, Demerval. Educação Brasileira, Estrutura e Sistema. 8ª edição. Coleção Educação Contemporânea, Campinas, São Paulo, Autores associados. 2000.

SCHNECKENBERG, Marisa. LÜCK Heloísa.(Org). A Relação entre Política. Pública de Reforma Educacional e a Gestão do Cotidiano Escolar 2000. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 72, p.3-5, fev./jun. 2000

SESI/UNESCO. V Conferencia Internacional sobre a educação de adultos. Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro. Brasília.1999. Disponível em; unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129773porb.pdf.

SOUZA NETO. João Marciano de. . Escolarização de jovens e adultos: análise sobre o desenvolvimento dos cursos em escolas exclusivas da rede estadual na cidade de Salvador-Bahia. 2010, 132 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia Departamento de Educação Campus I, 2010.

TARFID, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. 12 ed. Petrópolis R. J. vozes, 2011.

TEIXEIRA, Anísio. Educação no Brasil. Rio de Janeiro, 3ª Ed. UFRL. 1999.

TEIXEIRA. Evilásio. F. Borges. A Educação do Homem Segundo Platão. São Paulo, PAULUS. 1999.

UNESCO. Declaração Mundial sobre educação para todos: satisfação das necessidades básicas de Aprendizagem. Jomtien,1990. Disponível em www.direitoshumanos.usp.br Acesso em 02 de Novembro de 2013.

UNESCO.MARCO DA AÇÃO DE BÉLEM. VI Conferencia Internacional de Educação de Adultos. Belém. Abril 2010.

UNESCO. CONFINTEA VI. BOLETIM Nº 1 FEVEREIRO.2009. Disponível em: http://www.unesco.org/fileadmin/multimedia/institutes/uil/confintea/pdf/Bulletin/confinteavi_boletim_fevereiro2009_pt.pdf. Acesso em 11 de novembro 2012.

YIN. K. Robert Estudo de Caso: Planejamento e métodos. Tradução: Ana Thoreli. Porto Alegre. Bockman.2010.

7 ANEXOS 1

Roteiros utilizados nas entrevistas

ROTEIRO PARA ENTREVISTA DO COORDENADOR DA EJA

Esta entrevista tem a finalidade de compor um trabalho de pesquisa, que tem como tema a análise da implantação e implementação da proposta pedagógica Tempo Formativo no Colégio Estadual Luís Cabral.

CARGO: Coordenador da EJA de 2009 a fevereiro de 2013

1. O PROCESSO DE CONCEPÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR TEMPO FORMATIVO

Segundo o documento da nova proposta da EJA “a proposta é resultado de um trabalho participativo e o material apresentado é fruto da escuta dos principais sujeitos da EJA”.

1;1 Com base na afirmativa você pode discorrer sobre como ocorreu o processo de construção da proposta curricular da EJA de 2009? Quantas escolas participaram? E professores?

1.2. Existem registros – atas ou relatórios – das atividades de divulgação? Estão disponíveis para consulta?

1.3. Qual foi a participação que o teórico Miguel Arroyo teve na construção da proposta?

2. O PROCESSO DE DIVULGAÇÃO E INTRODUÇÃO NA ESCOLA

2.1 Como proposta curricular foi introduzida na escola? (processos de divulgação)

2.2. Para quem foram direcionadas as informações iniciais nas escolas: diretor, coordenador, professor? Quais atividades foram realizadas para comunicar as informações iniciais?

3. AÇÃO DA SECRETARIA NAS FASES DE IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA

3.1. Quais recursos e materiais foram oferecidos para apoiar a escola na implantação e implementação da proposta?

No documento divulgado encontra-se: “O processo de formação inicial e continuada dos educadores da Educação de Jovens e Adultos deve ser construído no contexto da nova Política de EJA assumida pelo Estado”.

3.2 Com base nesta afirmativa você pode discorrer sobre as atividades de formação continuada que a SEC desenvolveu durante as fases de divulgação, implantação e implementação da proposta?

No mesmo documento também se lê: “A aquisição/construção e distribuição de material didático próprio às especificidades do processo de ensinar e de aprender na EJA”.

3.3 Que material didático foi encaminhado a escola? Em quais momentos?

3.4 Sobre o diário escolar específico para o ensino da EJA . Quando foi encaminhado às escolas? Antes ou após o início do processo? Foi bem aceito pelos professores? Quais providências estão sendo tomadas em relação ao diário.

4.4 Sobre a inserção do EJA Juvenil em 2010 nas escolas, qual foi o encaminhamento da SEC para a adequação.

4.SOBRE OS RESULTADOS DA IMPLANTAÇÃO E DA IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA NAS ESCOLAS

4.1 A SEC tem feito acompanhamento da implementação?

4.2 Quais são as dificuldades na implementação da nova proposta da EJA no Estado da Bahia?

4.3 Quais informações a SEC tem sobre os resultados da implementação? Qual o grau de sucesso?

4.4 Qual o papel dos professores, diretores, coordenadores pedagógicos na efetivação do sucesso da implementação?

4.4. Existem escolas nas quais a implementação pode ser considerada exitosa? Você pode citar nomes? Ao que a SEC atribui o êxito da implementação nessas escolas?

4.5 Qual a sua expectativa em relação a proposta.

Gostaria de fazer mais alguma observação? Fique à vontade.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA DA DIRETORA DO CELC

Esta entrevista tem a finalidade de compor um trabalho de pesquisa, que tem como tema a análise da implantação e implementação da proposta pedagógica Tempo Formativo no Colégio Estadual Luís Cabral.

CARGO: Diretora do Colégio Estadual Luís Cabral (há 15 anos)

1. SOBRE OS PRIMEIROS CONTATOS DA ESCOLA COM A PROPOSTA

- 1.1. Quando e como tomou conhecimento da proposta da EJA?
- 1.2. Para quem foram direcionadas as informações iniciais na escola: diretor, coordenador, professor?
- 1.3. Como ocorreu o processo de entrada e divulgação da proposta na escola? Que atividades foram realizadas?
- 1.4. A forma como a proposta foi introduzida permitiu aos gestores e professores conhecer a sua operacionalização? Conhece bem a proposta e os seus fundamentos teóricos ? Piaget / Paulo freire / Miguel Arroyo
- 1.5. O que acha do modelo curricular apresentado na proposta? Comparando-o com o anterior, o que mudou? Conteúdos / metodologia / avaliação / a organização do trabalho pedagógico.
- 1.6. Sobre a grade curricular houve mudança significativa. Quanto a introdução da matéria arte e atividades laborais? Foi bem aceita pelos professores? porque?
- 1.7. Das mudanças colocadas quais foram mais conflituosas?
- 1.8. Quais mudanças se efetivaram de fato?

2 SOBRE A IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA NA ESCOLA

- 2.1 Que recomendações você recebeu da SEC para orientar os processos de implantação e implementação.
- 2.2 Que processo a escola utilizou para divulgar a proposta? Houve dificuldades para divulgar?

2.3 Como diretora, você tinha todos os elementos necessários para apoiar as dificuldades de entendimento dos professores? Recebeu algum treinamento?

2.3 Como começou a implantação da proposta? Com que atividades? Que tipo de material a SEC enviou para este fim?

3.4 Qual foi o grau de receptividade dos professores? Que sentimentos e reações os professores expressaram no início da implantação? Ao que você atribui esta reação?

3 SOBRE A ATUAÇÃO DA ESCOLA

3.1 A proposta sugere que a escola também deve inovar. Neste sentido o que foi feito pela gestão escolar. (coordenação e diretores)

3.2 A escola tem avaliado o processo. Quais medidas tem tomado.

3.3 A escola recebeu material didático para trabalhar na nova proposta? Quando? Esse material foi utilizado pelo professor?

3.4 A escola recebeu diário de classe para trabalhar com a nova proposta? Quando? Este diário era adequado?

3.5 O que a escola tem feito em relação ao uso do diário/ qual a importância do diário de classe na condução da proposta.

Em 2011 a SEC introduziu nas escolas o EJA juvenil, para ser aplicado aos adolescentes (15 os17 anos) no ensino fundamental.

3.6 Quais orientações foram trazidas por esta resolução?

4.5 Quais medidas foram adotadas pela escola para atender as orientações

4. SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR E FORMAÇÃO

4.1 Na sua concepção, qual o papel do professor na proposta?

4.3 Quais conteúdos teóricos deveriam ser trabalhados em atividades de formação continuada destinadas a preparar o professor para desenvolver a proposta?

5. SOBRE CORREÇÃO E AJUSTES A INTRODUIR NO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA

5.3 O que ainda é possível fazer para melhorar o processo de implementação da proposta?

5.4 O que a direção e a coordenação pedagógica ainda podem fazer para o êxito da proposta

6.4 Que tipo de apoio a SEC poderia dar a escola?

Gostaria de fazer mais alguma observação? Fique à vontade.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Esta entrevista tem a finalidade de compor um trabalho de pesquisa, que tem como tema a análise da implantação e implementação da proposta pedagógica Tempo Formativo no Colégio Estadual Luís Cabral.

CARGO: Coordenadora Pedagógica do CELC (há 06 anos)

1. SOBRE OS PRIMEIROS CONTATOS DA ESCOLA COM A PROPOSTA

- 1.1. Quando e como tomou conhecimento da proposta da EJA?
- 1.2. Para quem foram direcionadas as informações iniciais na escola: diretor, coordenador, professor?
- 1.3. Como ocorreu o processo de entrada e divulgação da proposta na escola? Que atividades foram realizadas?
- 1.4. A forma como a proposta foi introduzida permitiu aos gestores e professores conhecer a sua operacionalização? Conhece bem a proposta e os seus fundamentos teóricos ? Piaget / Paulo freire / Miguel Arroyo
- 1.5. O que acha do modelo curricular apresentado na proposta? Comparando-o com o anterior, o que mudou? Conteúdos / metodologia / avaliação / a organização do trabalho pedagógico.
- 1.6. Sobre a grade curricular houve mudança significativa. Quanto a introdução da matéria arte e atividades laborais? Foi bem aceita pelos professores? Porque?
- 1.7. Das mudanças colocadas quais foram mais conflituosas?
- 1.8. Quais mudanças se efetivaram de fato?

2 SOBRE A IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA NA ESCOLA

- 2.1 Que recomendações você recebeu da SEC para orientar os processos de implantação e implementação.
- 2.2 Que processo a escola utilizou para divulgar a proposta? Houve dificuldades para divulgar?

2.3 Como Coordenadora, você tinha todos os elementos necessários para apoiar as dificuldades de entendimento dos professores? Recebeu algum treinamento?

2.3 Como começou a implantação da proposta? Com que atividades? Que tipo de material a SEC enviou para este fim?

3.4 Qual foi o grau de receptividade dos professores? Que sentimentos e reações os professores expressaram no início da implantação? Ao que você atribui esta reação?

3 SOBRE A ATUAÇÃO DA ESCOLA

3.1 A proposta sugere que a escola também deve inovar. Neste sentido o que foi feito pela gestão escolar. (coordenação e direção)

3.2 A escola tem avaliado o processo. Quais medidas foram tomadas para melhorar os resultados?

3.3 A escola recebeu material didático para trabalhar na nova proposta? Quando? Esse material foi utilizado pelo professor?

3.4 A escola recebeu diário de classe para trabalhar com a nova proposta? Quando? Este diário era adequado?

3.5 O que a escola tem feito em relação ao uso do diário/ qual a importância do diário de classe na condução da proposta.

Em 2011 a SEC introduziu nas escolas o EJA juvenil, para ser aplicado aos adolescentes(15 os17 anos) no ensino fundamental.

3.6 Quais orientações foram trazidas por esta resolução?

4.5 Quais medidas foram adotadas pela escola para atender as orientações

4. SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR E FORMAÇÃO

4.1 Na sua concepção qual o papel do professor na proposta?

4.3 Quais conteúdos teóricos deveriam ser trabalhados em atividades de formação continuada destinadas a preparar o professor para desenvolver a proposta?

5. SOBRE CORREÇÃO E AJUSTES A INTRODUIR NO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA

5.3 O que ainda é possível fazer para melhorar o processo de implementação da proposta?

5.4 O que a direção e a coordenação pedagógica ainda podem fazer para o êxito da proposta

6.4 Que tipo de apoio a SEC poderia dar a escola?

Gostaria de fazer mais alguma observação? Fique à vontade.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA DOS PROFESSORES

Esta entrevista tem a finalidade de compor um trabalho de pesquisa, que tem como tema a análise da implantação e implementação da proposta pedagógica Tempo Formativo no Colégio Estadual Luís Cabral.

1. SOBRE OS PRIMEIROS CONTATOS COM A PROPOSTA

1.1 Quando e como tomou conhecimento da proposta da EJA?

1.2 Você lembra como ocorreu o processo de entrada e divulgação da proposta na escola? Quem fez a introdução/divulgação? Através de que atividade? Quanto tempo durou essa atividade?

1.2 Como você se sentiu? Qual foi a sua reação? Qual foi a reação dos outros professores?

1.3- No momento da introdução/divulgação você conheceu a proposta integralmente?

1.4 – Você teve acesso a uma cópia integral da proposta para o seu uso ? (para consulta e leitura posterior)

2 SOBRE A PERCEPÇÃO DA PROPOSTA E DOS SEUS DIVERSOS ITENS

2.1 O que acha do modelo curricular da proposta? Que semelhanças e ou aproximações tem com o modelo de currículo com que vocês trabalhavam antes da proposta? Conhece os fundamentos teóricos da proposta? Piaget / Paulo freire / Miguel Arroyo.

2.2 Das mudanças colocadas no currículo: conteúdo / avaliação / metodologias quais foram efetivadas?

2.3 Sobre a grade curricular houve mudança significativa. Quanto a introdução da matéria arte e atividades laborais?

2.4 Das mudanças colocadas quais foram mais conflituosas?

2.5 Você já fez algum curso de formação para EJA. Foi proporcionado pela SEC?

Sobre o perfil para o professor da EJA que o documento coloca. Como você ver esta questão?

3 SOBRE A IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA

3.1 A forma como a proposta foi introduzida permitiu aos professores conhecer orientações concretas para a sua operacionalização?

3.2 Quais mudanças foram mais conflituosas?

3.3 A SEC criou algum processo de formação continuada para aprofundamento do entendimento da proposta?

3.4 A escola colaborou para o entendimento e implantação da proposta?

3.5 Recebeu material didático específico para trabalhar com a nova proposta? Quando? Utiliza este material?

3.6 Sobre o diário de classe, quando teve acesso? Qual a importância deste instrumento para o trabalho pedagógico?

4. SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR

4.1 Na sua concepção qual o papel do professor na proposta?

4.2 Que dificuldades e incerteza você e os demais professores sentiram durante a implantação e implementação da proposta?

4.3 Quais conteúdos teóricos deveriam ser trabalhados em atividades de formação continuada destinadas a preparar o professor para desenvolver a proposta?

5. SOBRE CORREÇÃO E AJUSTES A INTRODUIR NO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA

5.1 Como deveria ser a implantação da proposta?

5.2 O que os gestores (direção e coordenação pedagógica) devem fazer para melhorar o trabalho pedagógico da EJA no CELC?

5.3 Que tipo de apoio a SEC deve dar aos professores para que a proposta tenha êxito?

5.4 O que ainda é possível os professores fazerem para melhorar o processo de implementação da proposta?

5.5 Quais sugestões você daria para a continuidade e sucesso da proposta?

Gostaria de fazer mais alguma observação? Fique à vontade.

ENTREVISTA COM A CORDENADORA DA EJA

O objetivo desta entrevista é compor um trabalho de pesquisa sobre a implantação e a implementação da proposta pedagógica Tempo Formativo numa escola estadual aqui em Salvador

ENTREVISTADORA – O cargo que a senhora ocupa na SEC hoje?

– Hoje eu sou professora da rede. Professora de História da rede, né? E estive coordenadora da educação de jovens e adultos até fevereiro de 2013

ENTREVISTADORA – E iniciou essa coordenação quando?

– Eu iniciei em... 2010. A coordenação da Educação de Jovens e Adultos eu comecei em 2010.

ENTREVISTADORA – Então em 2008 e 2009 não era a senhora a coordenadora?

– Não, era a professora A. M.! Foi quem iniciou a política de EJA, né? Que tem o nome de TEMPO FORMATIVO, foi a Professora A. M. Com assessoria do Professor Miguel Arroio. Quando eu cheguei a concepção já estava elaborada, escrita já com a participação de movimento social. Inclusive eu participei do último encontro dos movimentos sociais no Colégio Central da Bahia para apresentação da concepção. Até então a gente ainda estava pensando em como materializar pedagogicamente a concepção, Eu acho que esse é o grande desafio de toda a proposta, de toda política, né? Pensar a gente pensa, até de forma ideal, mas como concretizar isso didaticamente, construindo o currículo, construindo as questões metodológicas, as questões, né, da avaliação, da aprendizagem, como a gente transformar isso em uma didática concreta. Acho que esse é o grande desafio e eu cheguei nessa hora que elas estavam pensando esta parte, né, pedagógica de como elaborar um currículo que traduzisse a concepção, como pensar num processo de planejamento de avaliação de metodologia que não fugisse dos princípios da concepção pensada, né? E eu cheguei nesse momento e a dificuldade maior era que elas estavam estreando, eu posso dizer isso com toda certeza, elas estavam estreando, a Bahia estava saindo na frente em uma concepção verdadeiramente de Educação de Jovens e Adultos. Que na realidade o Brasil trabalha com ensino fundamental e médio e atende a pessoas jovens, adultos e idosos mas na verdade não é Educação de Jovens e Adultos é atendimento aos jovens e adultos, é diferente não existe uma concepção específica de EJA e é por isso que a gente percebe que a EJA fracassa. E aí o discurso é que a EJA não tem dado certo, que é um faz-de-conta... porque, realmente, querer que jovens adultos e idosos que já tem uma experiência de vida, construída, saberes construídos, né? Aprenderem a partir de um ensino baseado pra criança, o que a gente sabe que, mesmo pra criança atualmente esse ensino já não

atende mais, o que no feriado disciplinar...com tempo de aula reduzido... não cabe mais no mundo de hoje, porque a gente vive num mundo de rede, não é? A gente sabe que o sistema de ensino não acompanha as mudanças e pra EJA isso é mais complicado ainda, pros adultos, isso mais complicado ainda porque a vida deles é rede o tempo todo.

ENTREVISTADORA – Então, assim, no momento em que estava sendo concebida a proposta, o documento diz que foi resultado de um trabalho participativo, né? E que houve assim, muita escuta, mas a senhora chegou um pouquinho depois ou chegou justamente nesse contexto de escuta?

– Cheguei no momento ainda de escuta. Final de escuta. Aliás, final não, ele é escuta o tempo todo. Ele foi escuta o tempo todo, por que mesmo pra... escutamos, a equipe eu não estava ainda no momento, mas no início da concepção, o professor Arroio ia discutindo o que era verdadeiramente uma concepção de adulto muito centrada nos seus sujeitos, o foco da construção estava nos sujeitos, tá? Então, a natureza desses sujeitos, as condições reais de vida desses sujeitos, o histórico desses sujeitos, e aí chegaram à conclusão do histórico de negação do direito, por isso eles são do jeito que são, está nos lugares que estão na sociedade e isso era o tempo todo discutido com os movimentos sociais.

ENTREVISTADORA – A senhora sabe dizer, precisar ou ter um documento que me norteie quantas escolas foram convidadas pra esta discussão?

– Menina, foi na época, quando a gente abriu pras escolas, pras escolas começarem também a participar mais efetivamente, foi logo no início, nós fizemos um documento que era um questionário perguntando as escolas e aos professores e aos alunos como deveria ser a Educação de Jovens e Adultos, o que eles gostariam de aprender na escola de jovens e adultos. Este questionário existe, ele está na coordenação de EJA. Ele existe lá esse questionário, e aí ele foi tabulado e com o que as escolas foram dizendo, né, do que gostariam, dos alunos e dos professores, a proposta foi pensada considerando muito que eles deram de retorno pra gente. Esse documento existe lá, isso foi em 2008 esse documento.

ENTREVISTADORA – E no momento de divulgação Como é que foi feita?

– A divulgação da proposta? Foi feita através de seminários, encontros no Colégio Central da Bahia foi um deles, estava presente UNEB, todas as universidades, os movimentos negros, os movimentos de mulheres, estava todo mundo lá e eles deram acréscimo, enriqueceram bastante, mesmo depois de sistematizado o que a gente pensava que era a sistematização final, não foi ainda a sistematização final porque eles trouxeram elementos fundamentais, né, pra gente pensar e a partir daí, era encontros direto com os professores, a gente foi para os municípios porque nem todos podiam vir pra Salvador, à gente começou a viajar aí pra Vitória da Conquista, pra Santo Antônio de Jesus, pra Bom Jesus da Lapa e aí fazia um polo ali com as escolas próximas e a gente ia fazendo essa discussão, Aqui foi com os professores

da DIREC 1A e 1B, foi ali no Hotel Villa Mar, inclusive muito bacana porque a gente já tinha um esboço de matriz e eles mudaram tudo a partir da concepção, fizeram um documento, esse documento existe, eu tenho esse documento em mão, nem tá lá ele está em minha mão, esse documento com a assinatura deles porque uma coisa que a gente discutia muito na política era que, no caso da Educação de Jovens e Adultos que é formação e não ensino, né, é formação neste sentido todas as áreas tem a contribuição igual pra dar pra formação, não existe uma que forme mais do que a outra, portanto, não pode ter uma com carga-horária maior que a outra. Então, a partir dessa conversa, desse princípio os professores chegaram à conclusão que a matriz não retratava isso, que geografia e história ainda estavam com carga-horária menor em relação a português e matemática aí eles redimensionaram e trouxeram uma nova proposta que a gente acatou como proposta final pra permanecer na proposta do TEMPO FORMATIVO.

ENTREVISTADORA – E a inserção dessa proposta na escola, como é que se deu?

– Menina, no início foi muito complicado, muito difícil. Muito difícil, muito difícil! A gente costuma dizer que a gente tomou muita porrada, mas muita porrada mesmo, assim, por dois motivos fortes: primeiro por que há um descredito, da escola, dos professores, de diretores em relação à Secretaria de Educação no que tange as propostas e as políticas, né a gente sente que eles desconfiam de tudo que vem do Estado, da Secretaria de Educação do Estado, então a gente vinha representando essa secretaria e inicialmente a porrada vinha muito por conta disso, e segundo porque eles não concebiam, eles não tinham noção do que era Educação de Jovens e Adultos numa dimensão de seus sujeitos, então pra eles era muito difícil romper com o modelo que está posto, né, como o modelo de escola que está posto. Feriado Disciplinar, com a hierarquia, né, curricular, eles não conseguiam perceber o tempo e o espaço pedagógico da forma como está posto. Eles não conseguiam ver diferente, aí eles questionavam muito porque a gente levava algo completamente diferente, era outra lógica. É outra lógica.

ENTREVISTADORA – E como é que se deu essa ordem? Primeiro se abriu à discussão dentro das unidades pra poder inserir a proposta ou primeiro a proposta foi encaminhada pra depois vocês chegarem até as unidades?

– Não, a gente já, não era um querer nosso, né, na realidade... Fosse por nós a gente ia fazendo isso gradativamente com projetos pilotos, eu acho que a gente ia dar muito mais certo e foi a proposta da gente e da coordenação na época ficou-se colocado como projeto piloto primeiro, nos centros de EJA primeiramente, que os centros de EJA trabalhassem só com educação de jovens e adultos e a gente entendia que os professores iam entender mais essas mudanças, essas diferenças, a gente pensou nisso, e depois a gente ampliar para o espaço escolar comum, mas

não foi aceito pela Secretaria de Educação na época, a política teve que ser implantada ao mesmo tempo em todas as escolas, na época eram 1500 escolas, agora eu não sei em quanto é que tá, e a gente teve que implantar e ao mesmo tempo ir formando. Conhecimento, todos já tinham que a gente já tinha feito uma discussão anterior e todos então já tinham conhecimento, mas o problema todo, o foco maior era a formação de professores para atuar porque a rede, não existe na rede, aliás, toda vez que eu falar em rede eu vou tá me reportando da rede do Brasil inteiro, não existe professores de Educação de Jovens e Adultos. Inclusive professores de educação básica para atuar em qualquer nível de ensino, né, então eles não tinham formação e eles reclamavam muito disso. “Como que a gente vai dar conta disse se a gente não tem formação pra isso?”, então ao mesmo tempo em que se implantou, iniciou-se o processo de formação.

ENTREVISTADORA – E assim, vocês como coordenadores tiveram muita dificuldade de fazer essa formação?

– Muita! Muita! Primeiro que a Educação de Jovens e Adultos não é reconhecida pela Secretaria de Educação. Hoje eu posso falar a vontade porque eu não estou mais na coordenação, talvez se eu estivesse eu não pudesse dizer o que eu estou dizendo agora, mas não havia uma preocupação com a Educação de jovens e Adultos. E não há ainda essa preocupação. Então, não havia disponibilidade de recurso pra gente fazer essa formação, era muita luta interna pra gente conseguir recursos pra fazer essa formação. Fizemos, mas se você perguntar se foi uma formação, assim, que satisfizesse que era necessária para o momento, não! Não, não, não era suficiente e ainda tinha uma questão que eu acho que você deveria registrar no seu trabalho que isso pra mim é sério, a gente pensou e implementou uma proposta de educação de jovens e adultos num momento em que a rede estava contratando só professores com contrato temporário, então a cada ano, mudava-se a equipe da escola. Então era uma formação que fazia em um ano e que no outro ano, não tinha mais ninguém atuando na EJA ou não estava mais na escola porque já tinha vencido o contrato. Então essa rotatividade a gente achava que estava sempre do começo. Os professores diziam “estou sabendo, é uma proposta muito boa, mas eu não sei nada, estou aqui pra aprender”. Então isso era uma constante nos quatro primeiros anos e continua, né? Até hoje isso continua.

ENTREVISTADORA – então, assim, a questão do recurso, que teve dificuldade de conseguir recurso para fazer esse trabalho.

– Muito difícil.

ENTREVISTADORA – Então assim, uma das coisas que o documento pontua é a questão formação continuada dos professores da necessidade dessa formação ser mantida durante algum tempo para que ele fosse capacitado pra lidar com a nova proposta. Então assim, quanto você pode mensurar, quantas

escolas de formação vocês conseguiram atingir, quantos professores você tem este percentual?

–Tenho sim eu tenho de cabeça isso, a gente, no final de 2008, a gente formou 1500 professores, no total da rede. 1500. Depois... isso em 2008. Em 2009 a gente conseguiu a mesma quantidade, mais 1500, mas como eu estou lhe dizendo, dos 1500 de 2008 não tinha nem 10% mais na escola ou atuando na EJA. Em 2009 mais 1500. Em 2010 a dificuldade começou a ser grande demais, a gente só conseguiu formar 800 professores em 2010 e em 2011, 1000. E 2012 a gente praticamente não conseguimos, formamos em média 300 a 500 professores porque explodiu a greve em 2012 e aí a gente... nós não conseguimos fazer a formação. Durou muito a greve, ela, já estava tudo planejado naquelas datas, quando a greve termina já em agosto do segundo semestre, só algumas DIRECs, alguns municípios que não aderiram assim fortemente a greve, que só depois da greve fizemos a formação. Depois da greve, durante a greve nós não atuamos.

ENTREVISTADORA – Outra questão que causou certa inquietação na escola, pelo que eu percebi, pela minha observação e pela conversa que eu já tive com os professores é a questão do diário escolar. Esse diário chegou à escola em meados de 2010 e aí foi mais um desafio enfrentado.

– E isso, assim, a gente pensou em tudo com antecedência, a coordenação pensou, mas a questão do recurso! Volto de novo a dizer, não havia uma preocupação, uma prioridade com a Educação de Jovens e Adultos. Ela não tem lugar, no sistema educacional público. Não tem. É a última das últimas, é uma luta insana lá dentro pra se conseguir alguma coisa. E assim, foi uma luta pra gente conseguir que saísse duas coisas: pra que a política saísse a edição oficial também não saiu logo, só saiu também em 2010, a oficial do estado a gente mandava era via e-mail ou xerocado e encadernado mas não era o documento oficial impresso em forma de edição, mesmo. A gente não tinha porque eles não liberavam o dinheiro pra gente fazer isso. Então, muita luta, conseguimos em 2010 da mesma forma que conseguimos os diários em 2010. Então a gente fez bastante diário, mas o que é que a escola fez? Primeiro que houve um ruído nas DIREC na distribuição, então entregou diário demais em algumas escolas e menos em outras. Quem recebeu mais não quis abrir mão, ficou com medo de não sair o próximo e ficar assegurado pros próximos anos. Então, teve muita confusão em relação à distribuição e a compra mesmo. Torno a dizer é muito difícil tudo lá dentro. Pra comprar as coisas ali dentro é muito difícil, mas você não tem ideia da dificuldade que é! E outra coisa é que o diário era completamente diferente da caderneta do ensino seriado regular. E isso também fazia com que os professores que, na realidade, não era que eles não entendessem. Muitos deles entendiam, mas não aceitavam porque a formação desses professores foi pra trabalhar dentro dessa dinâmica seriada, então eles não conseguiam, né, eles não aceitavam coisa diferente. Que fosse diferente, que a avaliação fosse diferenciada já que estava se tratando de uma proposta diferenciada, depois, eu

acho que depois de três anos, dois anos... Eu acho que teve escolas que desde o início assumiu isso com mais tranquilidade, mas teve escola que teve mais dificuldade.

ENTREVISTADORA – Lá no Colégio Luís Cabral esse diário chegou em 2010 e não chegou mais, né?

– É, a gente não conseguiu editar mais, agora, me parece que esse ano... Aí, a gente fez no processo. Porque no início, assim, o diário era bem detalhado inicialmente até pra marcar a diferença da caderneta do seriado porque se a gente fizesse igual aí ia dizer “ah, é tudo a mesma coisa, é só fantasia...” então realmente era mesmo diferente e tinha que mostrar que era diferente. Então foi mesmo detalhado no início. Até os professores entenderem a dinâmica diferencia da avaliação. Quando foi agora no final de 2012 eu ainda estava lá, então, eu consegui fazer o diário já mais condensado sem tirar os princípios básicos, mas algo que não precisaria mais, exemplo, tema gerador ao invés de assunto da aula, né, então tinha que demarcar que é tema gerador e não tema da aula, o tema é que definia o conteúdo, então algumas coisas ficaram, assim, bem pontuadas. Já que os professores estavam acostumados a trabalhar com tema já não precisava mais porque ele já ia automaticamente colocar o tema, então a gente foi tirando algumas coisas que a gente considerava que pelo tempo de implantação, as escolas já iam começar a ter já uma prática, né voltada pra esse novo tipo de concepção. Aí ficou bem mais reduzido o número de páginas, ficou bem mais tranquilo.

ENTREVISTADORA – Bem, no documento, também se lê: “Aquisição, construção e distribuição de material didático próprio às especificidades do processo de ensinar e de aprender na EJA”, então é também uma responsabilidade da política distribuir esse material didático nas escolas. E, assim, como foi? Vocês receberam, enviaram para as escolas?

– Não, na realidade foi assim: como havia muita discussão no Ministério, porque essa política não surgiu do nada, quando a gente começou a pensar em uma política específica da EJA, tem muita discussão dos fóruns nacionais de EJA, as conferências, a UNESCO, o Ministério, né, muita discussão e se discutia muito material didático específico pra EJA, tanto que a gente conseguiu entrar na política do livro didático, né, a gente conseguiu. Agora assim, comprova o que eu estou te dizendo que não existe no Brasil uma proposta específica para educação de jovens e adultos, o que existe é o ensino noturno com o mesmo sistema diurno, que na hora do MEC selecionar as coleções das editoras para EJA teve muita dificuldade. Muita! Tanto que de todo arsenal que dizia EJA, somente o Ministério só conseguiu selecionar três coleções, para o nível fundamental, médio não existia! Aí deu mais dois anos para que as editoras comesçassem a produzir material para EJA Médio e tanto que ficou de, esse ano, 2013, fazer a... O MEC fazer a seleção prévia e os professores fazerem a escolha, ficou pra 2013 não sei se isso aconteceu, porque o MEC também está em crise, já teve também varias vezes mudança do presidente da

FECADI, que é quem é responsável pela educação de jovens e adultos. O grupo que entrou nesta gestão de Dilma não abraçou a EJA então os fóruns tiveram muita dificuldade de dialogar. Cláudia Dutra foi a primeira, ela já saiu, entrou outro que também me parece que não tem muita abertura com a EJA aí já tem a NAEJA que é a comissão de educação de jovens e adultos. Os fóruns estão tendo muita dificuldade aí tudo está estacionado. Na realidade não houve de lá pra cá, né, nesses quatro anos... Paralisou, estacionou, então parou na política do livro didático do fundamental que foi distribuído, as escolas selecionaram.

ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA DO CELC (E. S.)

Esta entrevista tem a finalidade de compor um trabalho de pesquisa, que tem como tema a análise da implantação e implementação da proposta pedagógica Tempo Formativo no Colégio Estadual Luís Cabral.

CARGO: Coordenador Pedagógico do CELC (há cinco anos)

1.SOBRE OS PRIMEIROS CONTATOS DA ESCOLA COM APROPOSTA

ENTREVISTADORA- Quando e como tomou conhecimento da proposta ?

- Em 2009, através de documentos (Resoluções, pareceres e algumas leis)

ENTREVISTADORA- Para quem foram direcionadas as informações iniciais na escola: diretor, coordenador, professor?

-Foi encaminhado o para a direção da escola que encaminhou para mim.

ENTREVISTADORA- Que atividades foram realizadas para implementar a proposta?

-Encontro nos ACs para que o professor ficasse a par das novas orientações na escola.

ENTREVISTADORA- houve orientação da SEC.

- Depois de muitas solicitações nossas, tivemos a visita das coordenadoras da EJA Marlene e Arlene em três momentos. Infelizmente ficamos muito solitários nessa nova proposta da SEC. Um dos momentos foi uma palestra pra orientar como trabalhar com o diário, mas não ocorreu como a SEC pensou.

ENTREVISTADORA- A forma como a proposta foi introduzida permitiu aos gestores e professores conhecer a sua operacionalização? Conhece bem a proposta e os seus fundamentos teóricos ? Piaget / Paulo freire / Miguel Arroyo

- Conheço até porque preciso ler para socializar com os professores. Acontece é que não há educação continuada para que o professor tenha ferramenta para trabalhar.

ENTREVISTADORA- O que acha do modelo curricular apresentado na proposta? Comparando-o com o anterior, o que mudou? Conteúdos / metodologia / avaliação / a organização do trabalho pedagógico

- Os critérios são excelentes, porque não se trabalha com notas, mas com conceitos ligados a habilidade e competências (é polemico). O que precisa mesmo é de capacitação.

ENTREVISTADORA- O que tem a dizer sobre o perfil do professor da EJA trazido pelo documento.?

- Acredito que passa pela questão de formação, muitos não estão preparados para lidar com novas demandas, dessa juventude que vem adentrando o EJA. Muitos não se sentem capacitados.

2 SOBRE A IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA NA ESCOLA

ENTREVISTADORA- Que recomendações você recebeu da SEC para orientar os processos de implantação e implementação.

- Leitura de impressos na internet que falava sobre a nova formatação do curso, questão de avaliação organização dos diários.

ENTREVISTADORA - Como Coordenadora, você tinha todos os elementos necessários para apoiar as dificuldades de entendimento dos professores? Recebeu algum treinamento?

- NÃO

ENTREVISTADORA - Qual foi o grau de receptividade dos professores? Que sentimentos e reações os professores expressaram no início da implantação? Ao que você atribui esta reação?

- Expectativa, desafio, muitos sentiram medo e muitos ficaram resistentes à nova proposta.

3 SOBRE A ATUAÇÃO DA ESCOLA

ENTREVISTADORA - A proposta sugere que a escola também deve inovar. Neste sentido o que foi feito pela gestão escolar. (coordenação e diretores), escola tem avaliado o processo. Quais medidas tem tomado?

- Temos ao longo do tempo tentado sensibilizar para as concepções dessa nova proposta. Não estamos satisfeito. Porque temos muitos profissionais que resistem, por está no final da carreira, não apostam tanto na mudança que EJA propõe. Continuo afirmando que deve ter maior assistência da SEC. Formação em serviço.

ENTREVISTADORA- O que deveria ser trabalhado nesta formação em serviço?

- Avaliação. Ainda é um grande entrave. Não sabemos avaliar nesse novo formato, pois estamos presos a concepções antigas. Questões de conteúdos também deveriam ser trabalhadas. Porque tentamos enxugar os conteúdos do ensino regular, como se quisemos acelerar, é não é assim. Entender o que é jovem e

adulto. Entender que são protagonistas, e o que eles vem buscar na escola, e o que podemos dar enquanto professores. Então o foco muda.

ENTREVISTADORA - O diálogo que a proposta propõe você acha que acontece na sala de aula?

- Infelizmente não, não como gostaríamos.

ENTREVISTADORA- A escola tem algum planejamento?

- Temos o PPP, precisa ser recuperado e reescrito. Mas nos dar um norte.

ENTREVISTADORA- Você tem o percentual de evasão na escola?

- Temos perdido alguns alunos nesta questão de evasão e alunos reprovados em eixos onde não deveriam haver reprovações. Estamos em torno de 60% de evasão e de aprovação 30%.

ENTREVISTADORA - A escola recebeu material didático para trabalhar na nova proposta? Quando? Esse material foi utilizado pelo professor?

O tempo não. Vieram os livros muito depois da solicitação, inclusive os livros do ensino médio até agora não chegou.

ENTREVISTADORA- A escola recebeu diário de classe para trabalhar com a nova proposta? Quando?

- O diário até hoje não temos. Chegou em maio de 2010, após de ter iniciado o ano letivo. Mas 2011 e 2012 não trabalhamos com eles. A SEC alega que esta em licitação em mudança e até hoje não chegou. A SEC informa que o diário, agora em 2013, está na internet para ser impresso, a escola não imprime porque não tem verba para isto. Porque é muito material. Os diários são totalmente inadequados, parece que foram pensados para o ensino fundamental I e colocados para o fundamental II e ensino médio. Porque não cabe, as informações contidas neles não cabe. Totalmente inadequados.

ENTREVISTADORA- Em 2011 a SEC introduziu nas escolas o EJA juvenil, para ser aplicado aos adolescentes (15 os17 anos) no ensino fundamental. Quais orientações foram trazidas por esta resolução? Quais medidas foram adotadas pela escola para atender as orientações?

- A escola começou a estudar o documento para adequar porque os eixos temáticos e os temas são outros, diferentemente do EJA noturno. Porque o EJA juvenil é do diurno. Atendemos em parte porque só 20% dos nossos alunos estão na faixa etária para EJA Juvenil. Por questões de atendimento ao fundamental e ao ensino médio, e o nosso professor atender aos dois seguimentos fizemos a opção de 40min/hora aula. Acredito que prejuizo muito o EJA juvenil

4. SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR E FORMAÇÃO

ENTREVISTADORA- Na sua concepção qual o papel do professor na proposta?

- Mediador do conhecimento. Tá ali para fazer a mediação.

ENTREVISTADORA - O que o professor deve fazer para que essa proposta de certo?

- Conhecer a proposta, se comprometer. E vestir a camisa da proposta. Porque ela pede que o professor seja o gestor do conhecimento na sala de aula. Temos professor que por estar no fim da carreira não aposta tanto nesta mudança que a EJA propõe. Temos dificuldade, mas acreditamos que vamos vencer.

A dificuldade está na mudança de paradigma muitas vezes o professor tem dificuldade em mudar o foco do que vem trabalhando há muito tempo. Até porque agente não tem mais a nota que era uma arma. Hoje não existe mais. Temos outros critérios para avaliar e nem todos são unânimes com esses critérios quando vai avaliar.

ENTREVISTADORA - Que conteúdos teóricos deveriam ser trabalhados em atividades de formação continuada destinadas a preparar o professor para desenvolver a proposta?

Avaliação, por não sabemos avaliar. A avaliação ainda é um entrave nas nossas vidas.

5 SOBRE CORREÇÃO E AJUSTES A INTRODUIZIR NO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA

ENTREVISTADORA - O que ainda é possível fazer para melhorar o processo de implementação da proposta?

- Acompanhamento , poderíamos ser um centro de referencia de EJA e não somos. A SEC determina uma coisa e a EJA diz Outra.

ENTREVISTADORA- Que tipo de apoio a SEC poderia dar a escola?

- Acompanhamento sistemático através da coordenação da EJA. Acredito que um maior envolvimento da SEC na Escola, para construirmos juntos uma proposta condizente com os nossos alunos.

ENTREVISTA DA DIRETORA DO CELC (L.C.)

Essa é uma entrevista vai compor uma pesquisa sobre a implantação e implementação da proposta pedagógica Tempo Formativo no Colégio estadual Luiz Cabral

ENTREVISTADORA - O cargo que você ocupa nessa escola?

- Gestora escolar há 15 anos

ENTREVISTADORA - O tempo de atuação na Secretaria de Educação?

- Na secretaria de educação eu trabalho desde setembro de 1991 entrei como professora e nos três anos, quatro anos depois eu ingressei aqui no Luiz Cabral como vice-diretora e estou até hoje como gestora escolar.

ENTREVISTADORA - O tempo de atuação na educação de jovens e adultos?

- Adelaide desde que aqui cheguei, eu já vivencio classes de Educação de jovens e Adultos naquele formato aceleração, no meu turno especial matutino não havia só nas classes da tarde e da noite de manhã só trabalhávamos com classes regulares e nos outros turnos com classes da aceleração da EJA que hoje é o termo formativo, inclusive trabalhei à tarde em sala de aula com alunos, turma cheias bastante movimentadas bem assim efervescentes pedagogicamente né, na tarde em 95/96 quando eu cheguei aqui.

ENTREVISTADORA - Então assim, esse é um roteiro que vai nortear nossa entrevista, mais você pode estar falando à medida que for lembrando, fique a vontade para responder, então primeiro eu vou perguntar sobre os primeiros contatos da escola com a proposta pedagógica Tempo Formativo da SEC, quando e como você tomou conhecimento da proposta ?

- Na verdade a secretaria de educação desenvolve assim um perfil de estabelecer as metas, as ações, os projetos, as mudanças e não há essa via de mão dupla com as escolas, em que sentido? Em socializar essas informações, essas ações com os gestores e o corpo pedagógico das escolas até para que a gente der uma contribuição mas significativa ao processo. Eu soube como todos nós sabemos através do diário oficial através da coordenação de matrícula que implementou o

curso deu um novo formato ao nome, e vamos dizer assim no tombo a gente foi aprendendo e absorvendo as informações da EJA, nunca tivemos assim uma presença de um técnico um profissional que viesse até nos, ou fizesse uma reunião previa para nos esclarecer acerca do processo.

ENTREVISTADORA - Nós vamos chegar a esse momento. Mas, para quem foram direcionadas as informações na escola foi para o diretor, o coordenador pedagógico ou professor quem foi que recebeu o documento da EJA determinando o início da implementação da proposta na escola?

- Adelaide na verdade que eu me recorde assim, veio um comunicado a todos da escola, como o diretor é o primeiro elemento do processo para responder pela escola, mas até que veio de uma forma assim para poder passar os informes para toda a comunidade escolar em especial também que os coordenadores para preparar os professores.

ENTREVISTADORA - Bom esse processo de divulgação, para que ocorresse, que atividades foram realizadas dentro da escola?

- Foi trabalhado na jornada pedagógica, que já é um hábito de trabalhar a jornada pedagógica e preparando ações para o desenvolvimento do ano letivo em curso e também nas reuniões de AC.

ENTREVISTADORA – Essa proposta ela chegou a meados do ano de 2009?

- Exatamente já praticamente no segundo semestre, então para você perceber como nos percebemos já o processo em curso, então até para gente trabalhar isso, tanto é que em 2009 a gente manteve até o padrão antigo fechamos o ano letivo e começamos a descortinar e até colocar em prática de certa forma já no ano seguinte já em 2010, porque o percurso já estava, já em desenvolvimento como é que nos poderíamos dar um corte né, fazer esse recorte para voltarmos tudo era impossível.

ENTREVISTADORA - A forma como a proposta foi introduzida na escola permitia aos gestores e professores conhecer a sua operacionalização?

- Um pouco Adelaide, um pouco porque até nós gestores e coordenadores pedagógicos sentimos esta dificuldade, certamente os professores também, até porque existem aqueles professores que tem resistência ao novo, às mudanças e tem aqueles que até querem mas não tem como fazê-lo.

ENTREVISTADORA - Você conhece bem a proposta?

- Conheço a proposta, não posso dizer assim... Tão bem, conheço até porque não concordo com tudo que esta nela , muitos pontos não são saldáveis ao processo, a meu ver e de muitos colegas e da própria escola não só aqui como outras, deixam brechas falhas e talvez se nos estivéssemos sidos consultados anteriormente não estaríamos vivendo este tipo de situação.

ENTREVISTADORA - Bom então parece que você passou a conhecer a proposta a partir do momento que foi feito a divulgação nas escolas, mas da concepção da proposta você não participou a escola não foi convidada a participar?

Não em nenhum momento, nenhum um de nós foi acionado para participar, ouvimos até, de alguns técnicos da coordenação de jovens e adultos como a professora Marlene que hoje não participa mais do processo, mas naquela época sinalizou que foram ouvidos alguns professores e em especial alunos, e todos nós, inclusive eu em particular sempre questionamos quem foram essas pessoas, porque quando a gente faz uma leitura geral e que compartilha com um e com outro, socializa, todos pensam igual a nós, ninguém foi abordado.

ENTREVISTADORA - Você conhece os fundamentos teóricos da proposta os autores Piaget, Paulo Freire, Miguel Arroyo?

- A partir do momento que a proposta chegou até nós, tivemos que partir para conhecer , até para sofrermos menos no processo e minimizarmos o tombo, as dificuldades, então começamos a ler mais. Paulo Freire já é um autor assim já da nossa linha de estudos né, e também incluímos assim Arroyo além de Paulo Freire os outros todos até para nos dar um norte uma visão melhor do processo em si.

ENTREVISTADORA - Bom o que você tem a dizer sobre o perfil do professor da EJA determinado pelo documento?

- O perfil do professor que atua na EJA?

ENTREVISTADORA - É porque a proposta traz que o professor da EJA tem que ter um perfil, diz até que vai fazer um levantamento dos professores que querem permanecer na EJA, que vai selecionar esses professores, que vai formar esses professores para ele ser o professor da EJA, daí assim em relação a esse perfil que o documento determina você identifica os professores que trabalham aqui na escola com esse perfil?

- Adelaide alguns professores sim, se aproximam mais na minha visão outros não, até por algo que já comentei no início da entrevista da questão da resistência em mudar, em alargar a visão, em contextualizar o tempo de vida a experiência de vida desses alunos ao contexto pedagógico em sala de aula de fazer essa ponte né, mas assim eu penso que a secretaria deveria realmente não sei se ela terá condição e até creio que não, mas ela deveria fazer assim mesmo uma seleção ou colocar assim a disposição de deixar somente aqueles profissionais que se identificam com a proposta da EJA, com o perfil da EJA NE, de estarem atuando na EJA para que a gente pudesse pelo menos colocar essa proposta de uma forma mais efetiva, que não 100% mas pelo menos uma porcentagem um pouco maior.

ENTREVISTADORA - Então aqui na escola nunca foi feito nenhum levantamento em relação a esse perfil?

- Não foi feito porque assim, nos temos uma questão prática, é o curso que é disponibilizado e é o curso que tem para atender as demandas nosso e da escola, então assim se de repente esses profissionais não ficam, eles vão ficar excedentes, eles vão sair, então para eles até continuarem, muitos são bons profissionais são comprometidos eles ficaram de qualquer forma mesmo não sendo muitos da vontade, do agrado mas eles estão aí caminhando.

ENTREVISTADORA - Então o que você acha do modelo curricular apresentado na proposta, comparando com o anterior?

- O modelo curricular novo trouxe e introduziu artes e atividades laborais não existia no anterior, que inclusive eu ouvi como muitos colegas ouviram pela professora Marlene até então trabalhava lá coordenava o setor da EJA na SEC e de outros

técnicos que foi inclusive uma solicitação, um anseio vamos assim dizer dos alunos que foram ouvidos para que artes e atividades laborais fossem colocadas na proposta curricular da EJA, então assim, a proposta em si pode até ter a intenção pode até ser positiva mas a prática é um desastre, porque termos profissionais inclusive quando 2010 fomos colocar isso realmente a coisa em si o prático, eu tinha uma impressão que os professores que iriam ministrar as aulas de artes e atividades laborais seriam outros profissionais, talvez daquele formato nosso antigo que a gente conhece de educação artística de artes, aquela coisa toda, mas os próprios professores da coordenação de educação de jovens e adultos pontuou que seria os próprios professores de língua portuguesa, de língua inglesa e das outras disciplinas que estariam ministrando essas aulas de artes e que essas aulas de artes de para se trabalhar o lúdico, o fantástico né, o imaginário desses meninos para despertar assim aptidões teatrais, musicais né, poéticas e tal e tal, e que nos sabemos todos nós que convivemos com a EJA, que na verdade isso não acontece pelo menos no que a gente percebe aqui e em outros lugares não acontece, e porque também o próprio cliente que é o aluno não tem interesse nesse viés, são muito poucos talvez pela maturidade por eles serem adultos uma série de situações.

ENTREVISTADORA - Bom dessas mudanças e a questão de conteúdos e da metodologia a questão da variação, a organização do trabalho pedagógico na verdade o que efetivamente mudou aqui na escola?

- Muito pouco, posso estar até equivocada, mas no meu olhar de gestora que já trabalho, já caminho com esse grupo e com essa escola já há alguns anos eu não vejo muito resultado assim como você está pontuando aí na pergunta, certo, porque assim seria como eu falei até a pouco de se contextualizar a experiência de vida a necessidade de vida em especial dos alunos do noturno pela própria maturidade pela própria idade né, então assim, de contextualizar essa experiência que eles trazem de vida né, de trabalho que eles já vivenciam ao conteúdo dado em sala de aula, e assim existe essa resistência de fazer essa ponte ou talvez seja resistência ou talvez até queiram fazer e não estão sabendo como fazer né essa ponte, trazer adequar esse contexto essa experiência de vida é como a gente tem aprendido e lido através de Paulo Freire e de Arroyo.

Porque o aluno não vem vazio. uma tabua vazia, mas ele vem com alguma bagagem, e esta bagagem que ele traz precisa ser contextualizada ao conteúdo que está, se dando que esta sendo ministrado em sala de aula para se inclusive eles fizerem uma ponte para sua vida secular, sua vida funcional de trabalho, melhora até aquilo que ele já tem então existe essa dificuldade, conseqüentemente esbarra na avaliação, e ai quando se der um olhar para a avaliação já não se dá um olhar como se deveria dar para este contexto da EJA entendeu, então ainda se fica muito preso a questão de notas que agora são conceitos, nesse formato novo traz esse conceito, mas assim, ainda de nota aquela coisa as vezes de dar visto em caderno eu tenho dificuldade de entender tudo isso a gente não vai misturar um caderno ou uma frequência que o aluno esta na sala isso tudo é positivo, mas também o cognitivo adequar o qualitativo ao quantitativo e visse e versa, então muitos professores, alguns já conseguiram vislumbrar um pouco a ideia proposta graças a Deus mas outros ainda estão ainda muito fechados.

ENTREVISTADORA - Das mudanças que foram colocadas pela proposta quais foram as mais conceituosas para os professores?

- Eu creio que a avaliação a nível de conceito porque estão presos ainda né, de uma certa forma todos nos a questão do numero da nota sendo registrada através de números de nota 1,2,3,4,5 e com conceitos desconstrói todo esse processo de notas então no conceito o aluno vai ser avaliado no todo do eixo, por isso a gente sempre sinaliza né a importância de ele estar frequentando todas as aulas de segunda a sexta todas as disciplinas porque é um eixo só, então se ele não vai bem em uma disciplina ele vai prejudicar todo o andamento daquele eixo, então eu penso que a avaliação tem sido assim que ao resultado final do processo algo assim muito difícil do professor ainda encarar.

ENTREVISTADORA - Aqui na escola quais as mudanças que se efetivaram de fato? Em relação aos conteúdos em relação a matriz curricular? Em relação a todo esse processo o que de fato mudou?

- Nós mudamos o formato de registros nas cadernetas né, porque inclusive a própria Educação de Jovens e Adultos traz um formato novo de caderneta, que inclusive como você sabe e nos sabemos não temos essa caderneta atualmente, já

recebemos uma vez e ela veio num formato que só atenderia, se fosse assim ao fundamental I, mas para nos que trabalhamos com o fundamental II, vamos assim dizer e o ensino médio já é um pouco mais complexo mas, mesmo assim elas vieram, depois não vieram mais, e assim a questão do registro também de conceitos, estabelecer assim até quando o menino esta em A construir, há ser até quando ele esta em construção, e quando realmente construiu, então já fazemos isso já trabalhamos com esse tipo de padrão de caderneta dando parecer descritivo final, etc. O registro dos conceitos e como eu já até falei assim, alguns professores já conseguem dar alguns saltos assim, mesmo que tímidos mas alguns já na questão do olhar da avaliação, da metodologia, já estamos inserindo outras mudanças na pratica pedagógica através de um novo olhar nessa metodologia, pena que não são todos ainda e conseqüentemente na avaliação são mudanças um pouco tímidas ainda, mas, pelo menos conseguimos efetivá-las algumas já estão no processo.

ENTREVISTADORA - Bom, sobre a implantação e implementação, que recomendações a direção da escola recebeu para orientar o processo de implantação e implementação da proposta na escola junto aos professores?

- A própria escola. Nos buscamos como escola um auxilio dos próprios técnicos da EJA, que eles se comprometeram estar mais perto, mais não aconteceu de fato isso, estiveram aqui professora Marlene esteve aqui conosco, uma certa feita fez um momento, acho que foi Marlene se não mim engano, e teve um outro também que veio independente disso eles colocaram mesmo nesse processo de virem aqui esclarecer, fez um momento com os coordenadores pedagógicos assim para dar um suporte melhor, depois eles promoveram de tanto nós pedirmos e falarmos e mostrarmos as nossas angustias e duvidas em relação a proposta, fizeram uma capacitação onde nos participamos, foi praticamente somente isso, o restante nos fomos caminhando um se segurando no outro, um ajudando o outro e um buscando outros assim, de outros lugares.

ENTREVISTADORA - Você lembra assim quando foi o primeiro contato da escola com a coordenação da EJA para orientar a proposta?

- Logo que começamos em 2010, quando chegou em 2009 como já estava já praticamente já no segundo semestre não tinha mais como reverter, então decidimos em conjunto depois de um momento que fizemos de reuniões, deixamos mesmo para trabalharmos na nova proposta a partir de 2010, foi o que aconteceu, e daí então até quando eu também me deparei com a notícia que seriam os próprios professores das outras disciplinas que estariam trabalhando com arte e atividades laborais, foi mais um motivo da necessidade de ter alguém de lá que estivesse mais próximo de nos e por isso que esses profissionais vieram para nos auxiliar, mas assim sempre o processo foi assim capenga, sempre foi capenga assim, sempre deixou brechas deixou a desejar e se não fosse assim a boa vontade coletiva de todos nos de estarmos reunindo, vai por um caminho anda certo volta, busca tenta de novo e tal e tal, não estaríamos aqui hoje não.

ENTREVISTADORA - Então assim, quais foram as atividades utilizadas junto aos professores para dar início assim a essa implementação?

- Reuniões através dos AC, fizemos reuniões, reuniões mesmo independente dos AC como também não podíamos ficar fazendo suspensão de aulas para estarmos nesse volume de reuniões até porque tínhamos que envolver toda a comunidade escolar começamos a trabalhar de uma forma fragmentada nos AC, então os AC foram assim o canal na verdade mais forte para poder termos esse momento de discussão, de leitura de documentos, de entendermos a proposta, o olhar da metodologia da avaliação, da frequência, registro de conselhos para começar a se adequar e conhecer todas as ações que norteiam o processo, foram as únicas coisas que nos pudemos assim efetivar.

ENTREVISTADORA - Que tipo de material a SEC enviou para iniciar esse trabalho, eu digo assim a proposta determina que existe um material didático específico para trabalhar com o termo formativo então quero saber se a escola recebeu algum material?

- A escola recebeu alguns e-mails né na pessoa do coordenador da equipe gestora assim aqueles informes todos que eles sempre mandam, logo depois eles trouxeram também o Tempo Formativo Juvenil, o EJA juvenil, também disponibilizado a nível assim de slides através do e-mail mesmo do portal da própria secretaria de

educação que eu me recorde assim, porque são tantas as lutas e as angustias que a gente pode estar esquecendo, mas do que eu me recorde, assim bem vivo foram esses e-mails né, telefonemas.

ENTREVISTADORA – Esses e-mails eram documentos, ou a própria proposta?

- A própria proposta e outros documentos, slides assim mostrando o que era o que não era, sugestões de trabalho para mediar. Como nos colocamos sem um treinamento, sem chamar inclusive os professores que estariam atuando nas classes de educação, para ter assim um respaldo maior, um conhecimento maior até para quando começasse realmente a colocar em prática na sala estarmos mais respaldados né, mais assim pé no chão mais seguros.

ENTREVISTADORA - E aí qual foi o grau de receptividade dos professores que sentimentos e reações eles expressaram nesse início de implantação?

- De preocupação, de angustia, de impotência, de revolta, revolta porque mais uma vez as coisas são projetadas e colocadas e nos só fazemos receber os pacotes prontos não somos assim, comunicados, consultados como eu pontuei no início da entrevista que a SEC peca muito, porque poderia estar fazendo essa via de mão dupla entre a escola e a SEC, eu sei que existem ações que não podem nem precisam ser talvez assim consultados mais tarde porque existe uma autonomia aquela coisa toda em processo legal, mas em si tratando em especial de pedagógico que é o coração da escola a SEC deveria ter essa postura de promover reuniões, encontros se planejar coisas avisar de uma forma antecipada para dar tempo de reunir, de ouvir pelo menos fazer uma amostragem, porque nós e que estamos aqui na ponta somos nós que trabalhamos com eles, somos nós que vivenciamos com eles e conhecemos de perto por isso que volto a pontuar as brechas e as falhas que a própria proposta traz.

ENTREVISTADORA - Quais seriam essas falhas da proposta?

- Da proposta? Por exemplo, o eixo IV, sinaliza que não há retenção, do eixo IV para os alunos do eixo V, que eles são automaticamente aprovados salvo a única observação se eles não pontuarem os 75% de frequência anual conforme é citado e reza a LBB, então assim, nós que estamos na prática, nós que estamos na ponta,

que estamos no dia-a-dia desses alunos nos sabemos que nós temos alunos no eixo IV que não sabe ler nem escrever, não sabem calcular, pense bem como é que esses alunos que mal sabem escrever o nome, não sabem nem preencher um cabeçalho de uma prova, muitas vezes, não sabem copiar do quadro para seu caderno, como é que esses alunos poderão ou serão aprovados automaticamente do eixo IV para o V, só porque ele senta todo dia na cadeira e fica todos os dias ali de segunda a sexta, então eu penso que até para ele deslanchar e fazer um eixo V, um eixo VI, um eixo VII com mais efetividade, com mais coerência pedagógica ele deveria ter um bom embasamento nesse eixo IV e olhe que eles já estão chegando ao eixo IV completamente desestruturados, esse seria um ponto assim entendeu, essa questão do olhar da avaliação né que deixa muitas brechas então eu penso que tem muitos alunos que estão sendo assassinados, até pela própria resistência do professor, da escola, ou da falta de conhecimento de ambos, o desamparo do aluno umas brechas que estão sendo colocadas e que estão aí e que a gente... As artes laborais no eixo VII, por exemplo, são quatro aulas, foi retirada uma aula de cada disciplina do eixo VII, que eram cinco aulas e passaram a ser quatro e estas quatro que foram retiradas foram transformadas em artes e atividades laborais, então o que se propõe com artes e atividades laborais encher linguiça, fazer recorte e colagem, ficar batendo papo na sala né, fazendo cartaz e cujo cartaz é apresentado cheio de erros de ortografia e por aí vai, então efetivamente penalizou as disciplinas como matemática, física, química para se trabalhar. Porque se realmente fosse trabalhar na proposta. Se estivesse um sentido essas aulas de arte e atividades laborais a gente poderia até se conformar e entender e aceitar, mas do jeito que a coisa é feita é complicado.

ENTREVISTADORA - Então você acredita que só houve prejuízo para o conhecimento dos alunos?

- Para o conhecimento dos alunos, eu penso até que os alunos estão ficando até mais assim olha, mais como é que se diz... Assim mais, mim faltou a palavra, eles estão ficando assim mais cegos pedagogicamente, mais assim capengas e pessoas nesse perfil nesses Pais que nos vivemos onde não se leva a sério políticas, onde não se tem políticas serias de qualidade então quanto mais o povo sem instrução, sem conhecimento mais fácil de ser manipulado, mais fácil de ser massificado, de

ser discriminado, excluído e uma proposta dessa de educação de jovens e adultos inclusive a educação de jovens e adultos no cenário nacional não é visto com muitos bons olhos não, hoje já se teve alguns tímidos avanços, mais assim, ainda existe um olhar tanto é que eles ficam de fora de vários processos, eles são discriminados em concursos quando eles cursam EJA fazem EJA né, talvez tanto se clamar e se pedir já esta se abrindo um pouco mais assim, mais se a gente for olhar, der uma olhada na historia atrás como se diz né, a gente se percebe que eles são excluídos mesmo do processo por eles estarem diferentes inclusive em nível de conteúdo tudo isso, eles fazem o ensino médio em dois anos, eles fazem o fundamental também em dois anos enquanto os alunos dos cursos regulares estão tendo um tempo pedagógico muito maior, outra brecha a aula o tempo pedagógico uma aula de duração de 50 minutos, 40 minutos aliás e que em fração de instantes acaba a aula aquela bobagem, enquanto os outros alunos dos outros cursos educação profissional de um curso regular estão tendo aula de um tempo muito maior tudo isso é perda para eles.

ENTREVISTADORA - Em 2010 houve uma intervenção do conselho nacional de educação relacionado à idade do educando e a SEC criou mais uma resolução para o EJA juvenil você já falou até um pouco sobre isso, mas, foi elaborado em 2010, foi encaminhado às escolas no inicio do ano letivo de 2011 para ser aplicado, o EJA juvenil traz outro formato e exige principalmente uma carga horaria maior de aulas para esses alunos, até porque avaliando essa resolução, uma das discussões nela é que alunos adolescentes quando consultados falaram dessa forma de convívio difícil que eles tem com os mais velhos, e os professores também pontuaram a dificuldade que tem de trabalhar com tantas diferenças e foi por isso que se pensou EJA juvenil, então o que eu queria saber é se nessa escola foi atingido essa prerrogativa, se foram separada as classes do EJA juvenil?

- Repare bem, no turno matutino a nossa clientela é mais voltada mesmo para esse perfil do EJA juvenil, mesmo assim em algumas classes não são todas aparece algumas pessoas mais adultas, mais maduras, certo, isso é uma característica do matutino, então no turno matutino eles são mais adolescentes são mais jovens, certo as turmas deveriam porque inclusive o EJA juvenil veio somente para o fundamental

ainda teve isso, então até para a gente gerenciar dentro de unidade escolar, professores que trabalham nas duas modalidades fundamental e médio, até para montar carga horaria no EJA juvenil traria uma duração maior de aula o outro não, até para você amarrar tudo isso e ainda ter o professor feliz e satisfeito é um pouco complicado, então nos tentamos até começamos a tentar e percebemos que a coisa não iria funcionar justamente porque nos temos professores, a grande maioria passaram pelas duas modalidades pelos eixos IV e V do fundamental, e eixo VII e VII do ensino médio certo, mais as classes em nível de enturmação, tem sido até no mesmo padrão mais jovem, mas mesmo assim nos temos pessoas de 20 anos que já não estão mas, que o EJA juvenil faz uma previsão ate os 17 anos, mais mesmo assim temos muitos de 15,16,17 como também temos assim jovens de 20 anos de 19, de 21, de 22 e um caso ou outro de uma pessoa assim adulta, até que assim para o turno matutino acomodou melhor a enturmação esse ano inclusive de 2012 eu achei que acomodou mais, como a noite também estamos mais na mesma faixa etária né acima dos 17 já com jovens e adultos mesmo, agora é a própria EJA na visão de muitos também alunos eles tem que fazer para acelerar a vida deles, então muitos alunos que não deveriam estar na EJA estão, talvez a própria matricula dá essa brecha. eles entram, entendeu. Mas em nível do que você falou assim de arrumação de efetivação mesmo da proposta da EJA Juvenil nesse aspecto da enturmação tem funcionado e o professor diante dessa forma não tem tido muito trabalho né, às vezes se depara mais com até a questão não é nem da faixa etária mais a questão da aprendizagem que na própria sala apesar de estarem na mesma idade uns são mais capazes, alguns apresentam um perfil pedagógico melhor do que outros, e ai tem que achar um equilíbrio né.

ENTREVISTADORA - Então me parece que não foi possível atender em relação à carga horaria?

- Exato.

- É no tocante a durabilidade da o tempo aula, hora aula da enturmação a gente até melhorou bastante conseguimos, é como é que posso dizer assim, colocar nos mesmo padrão de faixa etária certo, agora a carga horária que deveria ser para o tempo juvenil um pouco maior, que é a proposta prevista não podemos fazer dessa

forma justamente por causa dessa arrumação da carga horaria do professor né, como não temos muitas turmas dificulta mais.

ENTREVISTADORA - Na grade curricular do EJA já determina a carga horaria de 40 horas aula né para o aluno, você consegue com o seu conhecimento matemático, encontra na finalização dessa carga horaria 800 horas anuais como determina a LDB?

- Não nem para curso de EJA que é o foco da nossa entrevista nem para curso nenhum, mas como nosso vamos ficar aqui voltados para EJA né.

ENTREVISTADORA - **Mais o interessante, não sei se você já percebeu que lá na grade curricular tem lá contas e no final tem 800 horas.**

- Tem 800hs no papel, teoricamente assim dizendo, mas efetivamente na pratica não, porque já não se cumpre pelo tempo do próprio EJA juvenil como é classificado e por todas as outras demandas que impede um professor de estar fazendo esse cumprimento dessa carga horaria.

ENTREVISTADORA - **A proposta sugeri que a escola também deve inovar, nesse sentido o que foi feito aqui no colégio estadual Luiz Cabral pela gestão para inovar?**

Creio que nada de excepcional a não ser essa sensibilização que a gente faz sempre, que nos fazemos, a direção a equipe gestora faz um chamamento para se repensar, para se estar presente, para se dar um novo olhar na parte de avaliação na metodologia, no próprio fazer pedagógico pelo menos essa sensibilização que nos temos feito através dos assuntos de conselhos de classes, das reuniões informais os próprios acertos essa chamada e sempre a gente esta puxando trazendo para esse viés entendeu efetivamente isso.

ENTREVISTADORA - **A escola tem avaliado o processo? E quais medidas tem tomado?**

- Tem avaliado o processo, tem constatado inclusive que existe um alto índice de abandono e reprovação, pelos dois tópicos assim, sempre tem passado todo o nosso processo inclusive atualmente, inclusive passado no formato da EJA

entendeu, é uma preocupação nossa da equipe gestora da escola o que é que nos temos além dessa reflexão? Gostaríamos até de promover capacitações mas, não dispomos de recursos financeiros para tal fim, então fazemos assim mesmo nas nossas conversas através dos acervos de textos, de pesquisas de buscas entre uns e outros, a gente uns com os outros. E assim, da sensibilização com os professores e nessa avaliação através dessa sensibilização dessas reuniões informais dessa busca que fazemos uns com os outros detectamos uma urgente necessidade em fazermos uma recuperação como constatamos recentemente agora, uma recuperação ao final do ano letivo que a EJA não contempla, o curso não contempla, talvez pela própria questão de se ter uma recuperação paralela, mas efetivamente como iríamos controlar essa recuperação paralela, de que forma todos fariam efetivamente essa recuperação paralela para que a gente estivesse resultados positivos, não passar por passar não mas que realmente acontecesse e contemplasse o objetivo da recuperação paralela, então amarramos entre algumas ações para minimizarmos o índice de reprovação e também o índice de abandono que são altos no processo em todas as disciplinas como acabamos de ver recentemente no conselho de classe, então assim essas ações de recuperação do ano letivo e também dessa frequência mais sistemática e mais segura para eles frequentarem porque eles mesmos são alunos também flutuantes independentes até do mercado de trabalho, independente dos interesses deles né, da desesperança também deles porque às vezes eles vem encontram aulas do mesmo jeito na mesma mesmice, ou talvez eles vem encontram a escola sem nenhum atrativo ou talvez eles cheguem e cheguem aqui como nos constatamos também deles chegarem e durante a noite dessas quatro aulas não terem nenhuma porque os professores não estar presente por vários motivos, então assim a gente percebe que eles já trazem um contexto de vida difícil, sofrido muitos deles, para aqueles que estão comprometidos são sérios né, ainda por cima chegam e encontram na unidade escolar todas essas limitações e deficiências eles vão acabar se esfriando se desmotivando, então nos que fizemos uma abordagem de incentiva-los a estarem prontos, começar agora essa questão anunciando a recuperação assim como a necessidade de estarem frequentes, participando e também a criação de projetos como já houve um na primeira unidade não foi tão bem, nem foi tão satisfatório estamos agora caminhando engajando um novo para agora no mês de novembro

que é o final do ano até como um motivo assim de motivação (ficou redundante) até como um meio de motivação para eles se motivarem e aprenderem, ter conhecimento de uma outra forma e estarem interagindo uns com os outros e melhorando os seus conceitos.

ENTREVISTADORA - Assim, a escola recebeu um material didático para trabalhar com essa modalidade?

- Não na verdade o que nos recebemos foram os livros que só contemplam os alunos do eixo IV e V, esses livros chegaram bem depois que o ano letivo já havia começado e ele veio o livro pelo que eu já olhei tanto do eixo IV e do eixo V são dois livros interessantes eles fazem boas abordagens, textos bem pertinentes e tal, mas ainda existe uma resistência por parte da maioria do corpo docente em trabalhar com o livro, então é um livro grosso que os alunos colocam que tem dificuldades em trazê-los por ele ser muito grosso né, assim ele é um livro compacto eu traz todas as disciplinas ali, eu até entendo talvez, eles fizeram dessa forma para evitar tantos livros e até facilitar o vai e vem o ir e voltar vamos assim dizer dos livros através do aluno, tudo bem que eu acho até que o peso é o de menos, mas assim, eles alegam que não trazem porque as vezes só 1 professor usa e os demais não usam, então perde-se o sentido desse menino estar trazendo, este aluno, deste jovem, deste cidadão estar adentrando a escola com aquele livro que já é um livro pesadinho, e que ainda por cima vem e não usa o livro então não tem sentido, então para você ver companheira que ainda tem o livro e mesmo com o livro não é usado que poderia ser um suporte pedagógico fantástico nas salas de aula.

ENTREVISTADORA - Bem sobre o papel do professor, na sua concepção qual seria o papel do professor para o êxito dessa proposta?

- Primeiro ele tem que ser o mediador do conhecimento, primeiramente, segundo ele tem que entender que esse aluno da EJA traz já por si mesmo todo um contexto uma bagagem de vida, esse o que digo sempre a eles, que esses meninos querem da educação de jovens e adultos em especial os alunos do turno noturno eles querem melhorar aquilo que eles já tem, o próprio trabalho que eles já trabalham, vivenciam diariamente às vezes aquelas mulheres que ficaram tanto tempo fora de sala de aula por causa de filhos maridos e por ai vai, às vezes eles querem ter o

conhecimento para eles crescerem intelectualmente de alguma forma melhorarem aquilo que ela já tem na própria sua casa na família, não estão às vezes nem pleiteando o mercado de trabalho e sim melhorar aquilo que já tem, aqueles que estão no mercado de trabalho melhorarem e terem uma ascensão no meio do ambiente que eles estão inseridos e tal e tal. Então eu vejo por esse caminho ai entendeu, então o papel do professor é mediador ele precisa ser mediador desse conhecimento contextualizado certo, esse incentivador porque é uma via de mão dupla . Como tem uma citação: toda aprendizagem demanda sujeitos e conhecimentos, aqueles que aprendem e aqueles que quando aprendem ensinam então é uma via de mão dupla né.

ENTREVISTADORA – Em relação à formação do professor, você já disse que acha importante, que foi uma falha não haver essa formação, mas assim, hoje a proposta ainda esta ai sendo implementada, então no caso de haver formação para o professor quais conteúdos teóricos deveriam ser trabalhados nessas atividades de formação continuada?

- Todos esses textos de Arroio, todos esses textos de Paulo Freire e mais alguns outros autores que trazem muito forte essa necessidade desses jovens e adultos serem capacitados formados né, inseridos no mercado de trabalho, não excluídos, então eles deveriam trabalhar todos esses conteúdos esses textos justamente para talvez assim, acontecesse assim um olhar diferenciado uma sensibilização, talvez eles conhecendo de perto os autores né, e esses textos que embasaram a criação e a necessidade da criação dessa proposta eles poderiam ter um conhecimento melhor do fato de direito para abrir mais a mente, dar um novo olhar, um novo significado né, e ai então eles conseguirem efetivar uma pratica pedagógica mais eficiente.

ENTREVISTADORA - O que ainda é possível fazer para melhorar esse processo que estamos ai vivenciando?

- Eu penso, volto para o mesmo ponto, fazer capacitações constantes, contínuos e eu sei e acredito que a SEC também que é o órgão central deve cuidar disso. Mas sabemos que muitos colegas, poderão ou serão capacitados e continuarão tendo a mesma postura, mas eu aposto naqueles que estão abertos, receptivos. Nos temos

muitos colegas receptivos e sedentos de orientações de suporte para eles melhorarem seus níveis quando ao fazer pedagógico, então eu penso que é dar continuidade a essas capacitações, chama-los e até ter um processo, uma ação que consiga arrumar as classes da EJA com quem realmente que vestir a camisa dessa nova proposta, desse novo olhar, e não ficar apenas no processo porque não tem para onde ir, não tem outra sala de aula essas coisa ou outras, mas para aqueles que realmente ficarem a terem essas capacitações, terem esses cursos preparatórios, a leitura desses textos não é, coordenadores pedagógicos que são essenciais ao processo e num processo de implementação desse porte mais do que nunca é necessário que este profissional esteja também a frente para se encontrar diariamente, quando digo diariamente semanalmente com esses docentes para estarem discutindo, socializando, interagindo, construindo juntos ai sim, mas um processo que inclusive não traz coordenador pedagógico não é nem o processo da implantação da EJA mas as escolas não tem coordenadores pedagógicos.

Os professores quando vem para os AC já vem cheios de compromissos de horários não querem nem parar para se debruçar, para ler, para se pesquisar, para buscar , como aconteceu agora recentemente que a coordenadora do matutino , solicitou que os professores do matutino estivessem buscando algumas ações sobre a própria dimensão que a EJA o que é tempo formativo, o que é que quer dizer, a construir, em construção, e construído, para sua surpresa e minha, do universo só um professor PST foi quem buscou esse tipo de informação, inclusive ele trouxe essa experiência viva da mãe dele que é estudante das quatro DIESE já nesse novo formato no turno noturno. Inclusive a mãe dele pontuou para ele nessa busca; nessa busca para ele chegar a um consenso de entender melhor, ele foi fazer uma pesquisa de campo ao vivo e loco com a mãe dele, e a mãe dele sinalizou que na escola que ela estuda, não trabalha com semana de prova a avaliação é com um processo completamente diferente deste tradicional de semana de prova, de estar preso à nota aquela coisa mesmo que se bote lá c, c, c, tudo isso eu fiquei assim vislumbrada pelo menos meu Deus, alguém esta conseguindo fazer alguma coisa mesmo com toda deficiência que o processo traz, e que a proposta traz, mas alguém esta conseguindo e para sua surpresa e minha somente ele companheira um PST jovem, que esta aqui conosco né que é uma coisa temporária, mas que teve a curiosidade e o compromisso de buscar um sentido uma razão, os demais, ninguém,

então para você ver, que ela solicitou para se ter uma noção melhor do que traz cada conceito, quer dizer como é esse conceito para ser socializado, e compartilhado, e construído naquele momento de conselho de classe, pense bem nos conselhos e fundamentos para de reduzir essa resistência, então olha quanto entrave.

ENTREVISTADORA - E a escola como é que fica, o que ela pode fazer?

- Volto para o mesmo ponto, sensibilizar, chamar até se for o caso advertir, mas para um turno como o nosso noturno, que não temos coordenador pedagógico, como é que ficamos, nos chamamos esses professores colocamos avisos nos murais para que da mesma forma que é chamado o professor do matutino para o AC quinzenal do turno matutino também é chamado para o noturno, nunca eles aparecem independente da figura do coordenador pedagógico isso nós já falamos varias vezes, eles podem estar o aqui juntos, naquelas quatro aulas (horas aulas de AC) o que pontuando situações, compartilhando, construindo, buscando novas alternativas de motivação, porque quando as turmas iniciam, quando elas começam no inicio do ano elas estão até cheias mas ao longo do processo elas vão se esvaziando também por falha de ações da escola.

ENTREVISTADORA - Você saberia dizer qual o percentual de evasão aqui da escola?

- Assim, numericamente eu não sei te precisar mas que é acima de 50%. O índice tanto de reprovação como de evasão esta acima de 50%, houve uma queda da primeira unidade para a segunda assim uma melhoria vamos assim dizer mas, muito tímida muito pouca ainda, e mesmo assim ainda são números altos entendeu, mas é um índice forte de abandono de evasão escolar e também de reprovação, porque aqueles que ficam, os que ficam na sua maioria são reprovados e a função da escola é promover aprendizagem significativa para que eles possam ser agentes transformadores no meio ao qual eles estão inseridos, fazerem mudanças significativas onde eles estão, e o papel da escola é promover, é ter esses alunos aprovados não é uma coisa assim de qualquer forma sem compromisso, passar por passar não mas, o papel da escola é transmitir esse conhecimento e fazer com que esse conhecimento seja absorvido e socializado lá fora, mas isso não esta

acontecendo por todos esses motivos que nos compartilhamos aqui nessa entrevista.

Entrevista com os professores do CELC

ENTREVISTA COM O PROFESSOR (B. M.)

Esta entrevista é para atender a um trabalho de pesquisa que tem como tema a implantação e implementação da proposta pedagógica Tempo Formativo no Colégio Estadual Luís Cabral.

Formação: matemática com especialização em EJA

ENTREVISTADORA -Tempo em que você atua na educação de jovens e adultos?

- Dez anos, nove anos e sete meses.

ENTREVISTADORA -Tempo em que você atua na secretaria de educação?

- Vai fazer dez anos.

ENTREVISTADORA - E o tempo em que você atua nessa escola?

- Vai fazer dez anos dia cinco de março. Fazendo uma correção aqui no Colégio Estadual Luiz Cabral eu faço nove anos, porque um ano eu trabalhei no Colégio Estadual Rui Barbosa.

ENTREVISTADORA - Então sobre os primeiros contatos que você teve com a proposta, quando e como você tomou conhecimento da proposta curricular da EJA?

- Eu trabalhava inicialmente como REDA em dois mil e quatro no Colégio Estadual Rui Barbosa trabalhava com férias regulares, no dia cinco de março do ano de dois mil e cinco vim trabalhar no Colégio Estadual LUIZ Cabral e a escola no turno matutino. Quando eu chequei vinte horas a única modalidade de ensino oferecido era EJA educação de jovens e adultos para mim foi tudo novo, a principio quando ainda não tinha conhecimento da resolução que foi lançado em dois mil e nove eu encarei mais como uma aceleração, alunos que estavam com a idade seria distorcida e que precisavam fazer essa reparação através de um programa que lhe davam ensino médio em dois anos.

ENTREVISTADORA - Então em dois mil e nove você já estava aqui na escola e participou da implementação da proposta.

- Isso, inclusive fui para palestras no Colégio Central.

ENTREVISTADORA – Então assim, você lembra como ocorreu essa entrada e divulgação da proposta nessa escola, quem fez a introdução e quem fez a divulgação?

- A coordenadora do EJA naquela época professora M. mandou um comunicado para coordenação da escola convocando todos os professores a participarem de uma formação durante três dias no Colégio Central.

ENTREVISTADORA - Quando ocorreu isso antes ou depois da implementação?

- Em julho após a implementação foi após dois mil e nove foi em julho de dois mil e dez

ENTREVISTADORA - Antes dessa intervenção da coordenação da EJA houve algum contato dos professores com essa coordenação para a orientação sobre a proposta?

- Não, até então trabalhávamos como se fosse aceleração inclusive com notas numéricas de 0 a 10 com provas àquela questão onde se valorizava apenas um conhecimento científico do aluno.

ENTREVISTADORA - Então professor mesmo depois que foi inserida a proposta na escola isso foi em meados do ano de dois mil e nove a escola não mudou seu trabalho pedagógico ou mudou alguma coisa naquele momento?

- A escola mudou mesmo eu tendo consciência que ainda precisa mudar muita coisa pelo menos o corpo da frente da escola tomou conhecimento desse documento da nova resolução de EJA.

ENTREVISTADORA - Então assim qual foi a mudança a partir da implementação de dois mil e nove, que se estabeleceu de fato naquele momento.

- A mudança foi que a clientela matriculada nessa unidade de ensino exigia de um olhar diferente na transmissão do conhecimento, era um conhecimento que teria que estar trelado ao contexto desse aluno lá.

ENTREVISTADORA - Em relação a esse novo trabalho como você se sentiu qual foi a sua reação?

- A principio foi um choque ate mesmo porque eu era um professor muito continuísta e fiquei tão preocupado que resolvi fazer uma especialização em educação de jovens e adultos.

ENTREVISTADORA - E mudou a partir dai?

- Mudei mais sei que ainda preciso melhorar.

ENTREVISTADORA - Quando foi essa sua especialização?

--Essa especialização foi em dois mil e dez terminei no final de dois mil e dez para inicio de dois mil e onze.

ENTREVISTADORA - E dos colegas, dos outros professores, como foi que você percebeu a reação deles?

- Alguns ficaram chocados com a nova proposta da modalidade de ensino ate mesmo porque estavam acostumados a trabalhar apenas com conteúdo científico, conhecimento científica a trabalhar com nota aquela questão de fazer prova e teste, quando viu tendo a necessidade de avaliar outros aspectos desse educando eles se viram numa situação difícil ate mesmo porque o que reza a legislação de educação de jovens e adultos é algo que exige muito trabalho do corpo docente .

ENTREVISTADORA - Então você conhece assim integralmente a proposta curricular tem por informativo?

- Conheço, conheço a proposta, conheço como são divididos os eixos tenho os informativos conheço.

ENTREVISTADORA - Então assim. Sobre os teóricos que influenciaram essa proposta Piaget, Paulo Freire, Miguel Arrolho, você já acostumava a trabalhar orientado por esses teóricos?

- A abertura da jornada pedagógico do ano lá de dois mil e onze foi quando Miguel Arrolho disse que o educador precisava dar conta daquilo que a família não fazia mais, o educador precisava ultrapassar sua função de mériço transmissor de conhecimento e assumir a de um professor de data um professor educador.

ENTREVISTADORA - Você sabia que foi o professor Miguel Arrolho que subsidiou essa proposta pedagógica que orientou?

- Não.

ENTREVISTADORA -Em relação à educação popular de Paulo Freire você conhece bem?

- Peguei uma disciplina na pós-graduação que falava.

ENTREVISTADORA - Então assim você deve conhecer também que a proposta ela se ressalva naquela atuação de Paulo Freire na sua pedagogia do oprimido naquelas questões, você acha compatível, aquela pedagogia do Paulo Freire para os alunos da educação de jovens e adultos dessa escola?

- Acho. Porque a clientela do EJA é formada por alunos que já trazem um conhecimento de sua vida cotidiana e apenas o que o professor precisa fazer é mediar, é ser um mediador para que eles tentem formalizar o seu conhecimento popular.

ENTREVISTADORA - Vamos falar um pouquinho sobre a percepção que você tem da proposta e seus itens o que você acha desse modelo curricular, quais são as semelhanças que tem com o antigo modelo que vocês trabalhavam aqui na escola, semelhanças e diferenças.

- Bom à semelhança é que existe um programa científico também a ser cumprido jamais à educação de jovens e adultos despreza o conhecimento científico, muito pelo o contrario manda a partir do conhecimento popular do educando você convidalo ao conhecimento científico, mais o que eu percebo não sei se é diferente, o que mim incomoda é justamente que a clientela que esta matriculada para cursar a educação de jovens e adultos nem sempre é uma clientela que tem a ver com a proposta da legislação da educação de jovens e adultos, a matricula é equivocada

em relação à idade, em relação aos jovens que na tentativa de acelerar os seus estudos tentam se matricular nessas unidades que ofertam o EJA então quando o professor chega para dar aula numa turma onde tem jovens que acabaram de sair da oitava série e tem senhoras que tem trinta anos que não vão à sala de aula, - então o educador se sente um pouco ainda confuso sobre o que trabalhar já que ele precisa atender a duas realidades completamente diferentes.

ENTREVISTADORA - Então esses alunos, os adolescentes e essas senhoras e senhores idosos aos quais você se refere nesse momento eles ficam na mesma classe?

- Ficam infelizmente, não há triagem para separar, inclusive na escola que eu trabalho eu tenho uma turma onde estuda o neto e a avó.

ENTREVISTADORA - Então assim em relação ao EJA juvenil que foi uma proposta enviada já em dois mil e dez para que se restabelecesse a questão da idade de série, porque na proposta de dois mil e nove ficou colocado que os alunos do EJA seriam aqueles a partir de dezoito anos.

- Do ensino médio. Tempo formativo três do ensino médio, tempo formativo dois mínimo de quinze anos, só que o que eu vejo é que durante as matrículas na rede estadual não há esse cuidado o que acaba formando turmas heterogêneas com realidades diferentes.

ENTREVISTADORA - Mas com orientação da SESC em dois mil e dez , para que houvesse uma separação desses adolescentes e eles passassem a estudar no EJA juvenil. O EJA juvenil veio formatado com outra proposta, outro caminho outros eixos, então aqui na sua escola houve realmente efetivação de classes de EJA juvenil?

- Tem o EJA juvenil no turno matutino só que essa questão da idade mínima de dezoito anos eu vejo que ainda não foi cem por cento obedecidas temos alunos no ensino médio com dezessete e dezesseis anos, no tempo formativo dois onde a idade mínima é quinze anos, temos alunos com quatorze anos ainda, assim como temos no eixo quatro de EJA juvenil senhoras com mais de sessenta anos.

ENTREVISTADORA - Em relação à carga horaria direcionada para o EJA juvenil a escola obedece?

- Não, a lei diz que o EJA juvenil teria que ter aula no fundamental, ou seja, tempo formativo eixo dois, quatro e cinco teriam os meninos de quinze a dezessete anos teria que estar na escola até as onze e cinquenta, o uso do tempo formativo três no caso ensino médio que teriam cada aula de quarenta minutos, ou seja, eles estariam liberados dez e trinta da manhã. Bom à direção da escola na tentativa de arrumar o horário já que tem professores que lecionam nos dois tempos formativos elas fizeram um horário uniforme, ou seja, um horário de sete e trinta as dez e trinta deixando os alunos do tempo formativo dois na pauta de uma hora e vinte minutos de tempo pedagógico.

ENTREVISTADORA - Então todos durante os turnos matutinos, EJA juvenil tem a carga horária, hora aula de quarenta minutos.

- Todos.

Você consegue como professor de matemática conceder que uma carga horaria de quarenta minutos atenda às oitocentas horas anuais?

- Não, e também tratando-se de EJA juvenil são jovens de quinze, dezesseis, dezessete, dezoito anos, creio que seria bom para eles um tempo maior na unidade.

ENTREVISTADORA - Então assim, de todas essas mudanças que houve na questão da escolha do conteúdo, da questão da avaliação e da metodologia qual de fato você conseguiu efetivar.

- A questão do conteúdo, eu já não chego de uma aula de matemática fria falando apenas de números, de formulas e de regras, eu tento pegar até de uma formula brincando um exemplo da ajuda deles e trago para o conteúdo, sempre começo minha aula com algum exemplo da vida deles para poder a partir daí introduzir o assunto.

ENTREVISTADORA - Bom em meio a essas mudanças houve a introdução de uma disciplina nova a arte laboral na grade curricular do tempo formativo e para que houvesse a introdução de disciplina houve a redução da carga

horaria de disciplinas importantes como português e matemática como é que você ver essa questão?

- Bom eu vejo mais um prejuízo para os educandos da educação jovens e adultos já que as disciplinas artes e atividades laborais até hoje não foi devidamente entendida pelo corpo docente da unidade que eu trabalho, por exemplo, eu sou professor de arte e atividades laborais tenho uma turma de ensino médio então eu tento puxar essa disciplina para a minha disciplina trabalhando com raciocínio lógico, o professor de português que leciona essa disciplina tenta puxar para a disciplina dele, outros professores tentam fazer algum trabalho que apenas preencha essa carga horaria mais que muitas vezes não tem nada de positivo para o crescimento da educando.

ENTREVISTADORA - Então não houve assim uma conformidade, um encaminhamento, um programa, um encaminhamento de conteúdo a serem trabalhados.

- A coordenação da unidade até tenta no início do ano na jornada pedagógica a fazer um programa único para que todos cumpram mais com o passar dos dias esse programa vai se perdendo e cada um vai fazendo o que quer em sala de aula foi uma maneira também que o professor encontrou de preencher a sua carga horaria para que ele também não ficasse excedente.

ENTREVISTADORA – Dessas mudanças todas que foram colocadas quais foram as mais conflituosas em sua opinião, em relação a você e aos seus colegas?

- A mais conflituosa foi ter que levar em consideração também outros aspectos do educando que não fosse à produção de conhecimento, foi bastante conflituoso para eu ter que olhar também os aspectos sócios informativos do educando na hora de determinar a aprovação ou não para eles.

ENTREVISTADORA - Sobre a questão do perfil para o professor que a proposta traz você concorda com aquele perfil?

- Que a proposta traz.

ENTREVISTADORA – Sim, a proposta diz que o professor do EJA tem que ter um perfil e colocou lá qual seria esse perfil. A proposta diz que iria formar esse professor, que iria selecionar esse professor para que fosse o professor da EJA.

- Concordo até mesmo que a proposta exige que seja o professor preparado para trabalhar com alunos da educação de jovens e adultos, só o que acontece é que essa implementação veio para todos, todos nos inclusive eu que tenho apenas dezoito anos de formado saímos de uma graduação onde era supervalorizado o conhecimento científico e não tivemos uma formação com a carga horaria maior que nos preparassem para a sala de aula.

ENTREVISTADORA - Bom então assim da promessa de se formar um processo de informação continuada para aprofundamento e entendimento da proposta a SESC cumpriu essa promessa? Você fez algum curso?

- Não. Eu mesmo fiz a minha pós graduação em EJA por minha conta.

ENTREVISTADORA - Certo. E a escola colaborou para o entendimento e implantação da proposta?

- A coordenadora trouxe os documentos xerocou para cada professor discutiu aos seis fez tudo que era possível para tentar adequar a escola a essa proposta.

ENTREVISTADORA - E quando havia algum desentendimento algum impasse ela recebia apoio da coordenação da EJA para conversar com vocês?

- Não, na verdade a coordenação da EJA sempre foi distante da escola o que sempre até para gente foi estranho já que aqui era a única escola da região e talvez até da DIREC 1A que oferta a educação de jovens e adultos no turno matutino, única escola da DIREC 1A que oferece a EJA como única modalidade de ensino.

ENTREVISTADORA - Bom à proposta diz também que para se trabalhar com esses alunos da EJA há de ter um material didático específico, a escola recebeu algum material didático?

- Tem uns livros para o tempo formativo dois mais os alunos do ensino médio não tem livro.

ENTREVISTADORA - Quando chegaram esses livros?

Em dois mil e nove os livros.

ENTREVISTADORA - Sobre diário de classe que é outro mecanismo para se atuar no tempo formativo quando foi que eles chegaram à escola?

Primeiro que sempre iniciava sem o diário, chegava lá para agosto, setembro até que nos últimos anos dois mil e onze e dois mil e doze nos tivemos que usar a caderneta do modelo antigo porque a coordenação do EJA ainda não tinha mandado a caderneta, o diário no ano de dois mil e treze que estamos agora a coordenação de EJA mandou um comunicado que as escolas tinham que imprimir esses diários.

ENTREVISTADORA - E a sua escola fez essa impressão?

- Não imprimiu e continua trabalhando com o diário antigo.

ENTREVISTADORA - Qual foi a justificativa para que não fosse feita essa impressão?

- Na verdade a escola que eu trabalho não comunga muito com as ideias da coordenadora do EJA.

ENTREVISTADORA - Em que sentido?

- No sentido, por exemplo, que a gente não tocou ainda da questão de que não há repressão entre os eixos.

ENTREVISTADORA - Você conheceu os diários eles chegou mais ou menos no início do ano letivo de 2010 você teve acesso o que você achou desse diário, você achou que era compatível com o curso que atendia as necessidades do curso?

- É um diário completo complicado para o preenchimento no primeiro ano que chegou.

ENTREVISTADORA - Então vocês tiveram que estudar também o diário?

- Tivemos que estudar também o diário para esse estudo do diário tivemos uma formação de dois dias na central.

ENTREVISTADORA - Quem deu essa formação?

- As coordenadoras de EJA a professora Isa, professora Marlene.

Sobre o papel do professor, na sua concepção qual o papel do professor na proposta?

Na implementação?

ENTREVISTADORA - Sim, para que essa implementação seja exitosa para que der certo qual o papel do professor?

- O papel do professor é mediar o conhecimento, é tentar é buscar o conhecimento que esses alunos já trazem e fazer com que eles também se apaixonem pelo conhecimento formal.

ENTREVISTADORA - Quais as dificuldades as incertezas você e seus colegas professores sentiram durante a implantação e implementação da proposta, eu acho que talvez vocês tenham respondido um pouco mais essa é contundente.

As dificuldades?

ENTREVISTADORA - E as incertezas, vocês tiveram na implantação e implementação da proposta, quando eu falo as incertezas é aquilo que você não consegue administrar que você acha que não vai dar certo que não é positivo.

- O que eu acho que não vai dar certo?

ENTREVISTADORA - Seria uma incerteza.

É essa matrícula equivocada, pois os clientes que eu tenho na EJA os educandos que matricularam principalmente no turno matutino são educandos jovens na sua maioria quatorze e vinte anos e que tenham a vida tenham a caminhada toda pela a frente que precisavam também ter o contato com o mínimo do conhecimento científico e o que eu percebo é que o conhecimento científica nessa modalidade a forma como os professores trabalham não que a proposta de EJA seja esta, mais o trabalho dos professores em especial da minha escola é cada vez mais enxugar o

conteúdo então eu creio que essa juventude não saia com uma formação digna de ensino médio para enfrentar o mercado de trabalho lá fora.

ENTREVISTADORA - Então você acredita que os professores necessitam de uma formação continuada?

- Com certeza.

ENTREVISTADORA - E quais conteúdos deveriam ser trabalhados nessa formação?

- Que formação. De educação?

ENTREVISTADORA - Formação para o professor, quais seriam os conteúdos nessa formação para o professor que iria ajudá-lo no trabalho em sala de aula com o jovem e adulto?

- O professor deveria participar de uma formação que tivesse como disciplina chamada didática, mas não a disciplina didática daquela minha graduação da graduação dos meus colegas, uma didática que lhes mostrasse uma forma diferente de administrar essa nova modalidade de ensino.

ENTREVISTADORA – Bom, sobre correção e ajustes a introduzir nesse processo de implementação. Porque a proposta foi implantadas em dois mil e nove, a implementação dessas politica fica por conta das unidades de ensino com o apoio da SEC então assim, se passaram quatro anos e a proposta esta “posta”.

- Esta no documento mais nem sempre na pratica.

ENTREVISTADORA - Mais assim, me parece que enquanto não for implantada uma nova proposta essa que vai ser trabalhada então o que você daria como sugestão para melhorar essa implementação?

- Formação continuada dos professores que atuam nessa modalidade de ensino e uma presença maior da coordenação do EJA nas unidades de ensino, para acompanhar o trabalho desse professor.

ENTREVISTADORA - Em relação aos gestores da escola o que você acha que eles devem e podem fazer para melhorar o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas?

- Tem que trazer a coordenação de EJA para dentro da escola e cobrar mais da coordenação da escola da coordenação pedagógica um acompanhamento mais eficiente dos professores.

ENTREVISTADORA - Então quais sugestões você daria para continuidade e sucesso da proposta. Ai você já entra sugestões para fechar a entrevista.

- Que todos os professores que atuam na educação de jovens e adultos procurassem refletir em cima das suas propostas, isso o Estado à Secretaria de Educação também fizesse o papel de oferecer formação continuada aos professores que trabalham na educação de jovens e adultos, e que os professores vão seguir aquilo que Anton Abala falou aquele espanhol, que os professores procurem já que estão trabalhando com educação de jovens e adultos ultrapassar a sua função de mero transmissor do conhecimento científico e assumem também a função de um professor de data, um professor educador que valoriza tanto os aspectos sócio informativos, que valorizam também os conhecimentos científica e que valorizam também a formação digna de seus educandos.

ENTREVISTA DO PROFESSOR (S. J. G S.)

ENTREVISTADORA – Esta uma entrevista que vai compor a pesquisa, que tem por objetivo analisar o processo de implantação da proposta pedagógica Tempo Formativo, aqui no Colégio Luís Cabral. Então eu vou seguindo o roteiro fazendo algumas perguntas, mas você pode ficar à vontade pra responder.

Formação: Letras com Francês e depois em Artes Industriais e finalmente Filosofia.

Atua no CELC á 10 anos

ENTREVISTADORA – Certo! Então, assim, é sobre os primeiros contatos com a proposta, a proposta curricular da EJA ela foi inserida nas escolas no segundo semestre do ano letivo de 2009, certo? A partir de então foi divulgado aqui na escola entre os professores. Eu gostaria de saber: como foi que você tomou conhecimento?

- Bom, a coordenadora então, a senhorita Vera, senhora Vera ou Everalina sendo o nome completo, me passou todo um arsenal do que seria o EJA ou EJA, daí então ela começou efetivamente a fazer uma leitura de todo artefato, de todo alfarrábio de material do EJA que eu mostrei a ela a absurda contradição entre aquilo que se propunha e aquilo que o próprio EJA se colocava como tal, Argumentando que desde o início o projeto era falho, porque eram duas abordagens distintas, uma acadêmica, né? A teórica e outra prática que chegavam a um determinado patamar que era impossível fechar, porque eram linhas antagônicas como está aí este lixo que é o EJA.

ENTREVISTADORA – Então, assim, esse processo entre a divulgação da proposta na escola o senhor já disse que foi feito pela coordenadora pedagógica. Quais foram as atividades que houveram aqui na escola para conhecimento de todos?

- Para conhecimento de todos, foi exatamente distribuído e encaminhado a leitura do que era o projeto EJA, né? E desde o início, reforço, que a minha leitura apontava para uma discrepância completa entre a estrutura formal do projeto e efetivamente a prática.

ENTREVISTADORA – Então esse estudo que vocês fizeram desse material que foi encaminhado, deu a vocês a condição de conhecer a proposta integralmente?

- No meu caso, em particular, deu pra perceber efetivamente que havia uma discrepância completa, ou seja, o projeto que foi apresentado pela secretaria de educação era falho, era inválido.

ENTREVISTADORA – Por que o senhor diz isso?

- Porque há uma discrepância completa entre o que o projeto aponta, que já é falho em si, porque não fecha, porque não se pode fechar, uma educação que se propõe ensinar para ensinar, educar para educar, aprender por aprender e toda uma relação “conteudísta”.

ENTREVISTADORA – É... Assim, você conhece os teóricos que formataram essa proposta?

- Graças a Deus, não!

ENTREVISTADORA – Então, assim, Qual foi a semelhança ou as diferenças entre essa proposta e o trabalho anterior que o senhor fazia?

- Efetivamente a declaração inequívoca da Secretaria de Educação de aprovação indistinta, ou seja, descarou-se completamente, vamos aprovar todos indistintamente, sabendo ou não.

ENTREVISTADORA – Essa proposta traz inovações na questão dos conteúdos, na questão da avaliação, das metodologias, coloca tudo isso como inovação, assim, na questão da escolha dos conteúdos, no diálogo com os alunos, a questão da avaliação de valorizar o qualitativo, nas metodologias ativas baseadas no diálogo, tudo isso, se efetivou aqui na escola?

- Efetivamente não, porque, acredito eu que 99,9, uma dízima de noventa e nove de profissionais ligados à educação não tiveram a formação específica. Obviamente, o próprio projeto é pífio, falho, errôneo em todos os níveis porque não se fecha. Então o que termina ocorrendo efetivamente nos colégios, já que determinado período do ano passado eu fui para outro colégio também da rede que aplicava, inclusive avaliações pontuais, coisa que efetivamente não cabe no EJA. Desculpe, poderia repetir a pergunta, porque eu acho que eu acabei não respondendo finalmente?

ENTREVISTADORA – Eu Perguntei se das mudanças colocadas pela proposta na questão do conteúdo, na escolha do conteúdo, na questão da avaliação, na questão da metodologia foi efetivado aqui na escola.

- Perfeito, perfeito, perfeito... Não, não foi efetivado porque falta o conhecimento acadêmico, tanto da direção, quanto dos professores em relação ao projeto, DOIS, o projeto é pífio, né? É falho e TERCEIRO, não se pode fazer uma avaliação processual e querer um resultado, que é o problema da secretaria da educação, o do estado, o do país de querer uma aprovação em massa, né? Inclusive com a loucura, né? O surrealismo de aprovar alunos em faixas intermediárias dizendo falsamente que não se pode avaliar o ano porque ele está dentro de um determinado eixo e que aquele eixo não reprova porque ele vai ser recuperado ou aprendido no ano seguinte. Só com LSD para encarar uma coisa dessas. Por isso que eu digo que eu não tenho o mínimo prazer em saber quem criou uma situação

dessas. Quem criou, ótimo, maravilha, deve ter recebido seus milhões pra criar esse projeto, mas efetivamente falta caráter, falta vergonha na cara porque isso é destruição do ensino público efetivado, assinado a ouro em caderno.

ENTREVISTADORA – Dessas inovações todas, qual foi a mais conflituosa entre a equipe pedagógica da escola?

- A avaliação e o conteúdo!

ENTREVISTADORA – É... Sobre a grade curricular, houve uma mudança significativa, né? Porque foi introduzida a matéria “arte laboral”, em detrimento de disciplinas como português, matemática, principalmente. O que é que o senhor acha disso aí?

- Ah, perfeito! Eu acho que faltam drogas para serem distribuídas aos professores e encarar tal situação como lícita e válida. PRIMEIRO: porque não se foi dito efetivamente o que é “Arte Laboral”. DOIS: Todos os professores, pressupostamente estão preparados para ensinar esta matéria que não... é ampla, envolve música, cinema, teatro, dança e tem todo um arsenal lúdico e não há preparo dos profissionais ligados a isso, tanto que não há um profissional, tanto que o que se diz, é: todos os profissionais estão com competência para ensinar essa matéria que não diz efetivamente pra que é que veio e se dá horas a mais de uma coisa que, até então, não se sabe pra quê que é. É uma realidade que não é só desse colégio, como é os demais que eu conheço que as artes laboras são desvirtuadas para o ensino das disciplinas em conformidades com a formação dos professores.

ENTREVISTADORA – A Secretaria da Educação proporcionou o pra você e seus colegas algum curso de formação para trabalhar no EJA?

- Nenhum! Nenhum! Nenhum! É que nem a questão da televisão com o pen drive: instalou-se as televisões à que preço? Deus sabe, ou se sabe se recusa a dar valor à questão moral, porque foi imoral, né? E não se ensinou em nenhum momento aos profissionais de educação a lidar com a aparelhagem, então, efetivamente, todos os colégios estão com televisões a preços absurdos que não tem utilidade alguma, só um ou outro que tem maior interesse em utilização, fora à parte isso, é bem utilizado pelos alunos para colocar, samba e pagode.

ENTREVISTADORA – Então, assim, sobre o perfil que a proposta traça para o professor da EJA...

- Que Proposta?

ENTREVISTADORA – A proposta pedagógica curricular da qual estamos falando.

- Não existe proposta pedagógica! Ela é inexistente! O que existe é uma irrealidade que a coordenadora... Desculpe, “AS” coordenadoras certamente articularam um

processo mental em que não há apoio acadêmico nenhum! Então, o que acontece, elas reproduzem um discurso que não tem fundamentação nenhuma ou se há uma fundamentação, é completamente pífia porque o projeto é falho. É errado. É inconsistente.

ENTREVISTADORA – A proposta, determina que tem que haver um material didático específico para trabalhar com alunos da educação de jovens e adultos e a escola recebeu, segundo já informações de colegas e minha própria observação, recebeu o livro didático para o Fundamental II, O senhor utiliza esse livro?

- Sim.

ENTREVISTADORA – E o que o senhor acha do livro?

- Ele é interessante, ao menos, porque ele busca aquilo que inicialmente o projeto EJA se diz ser, né? O aprender pelo aprender, sem necessariamente fechar-se em conteúdos específicos. Nesse ponto, pelo menos, até onde vai meu domínio na área de humanas eu vejo ele como um material interessante de apoio. Só que ele termina não funcionando porque, ainda, os colégios buscam uma fórmula “conteudista”, que não se aplica ao projeto. Então não se pode avaliar com base no livro, né, quando você busca o aluno abstrair a questão do conhecimento e tornar o conhecimento de uma forma ampla, do conhecimento pelo conhecimento, sem necessariamente prender-se a conteúdo, enquanto todos os colégios buscam ainda, do professor, daquele que efetivamente ensina aquela questão “conteudista”, inclusive aplicando provas.

ENTREVISTADORA – E a escola com os seus gestores, ela colaborou para o entendimento e implantação da proposta ou você acha que ela poderia ter feito mais?

- Não, não! Inquestionavelmente a escola tentou buscar, através da sua distinta coordenadora, o conhecimento do que seria o EJA, né? E, por conseguinte trabalhar efetivamente em cima daquilo que pressupostamente o projeto deveria caminhar. Só que, infelizmente, dentre os vários professores que... existem alguns, como eu, dotados de mais de um neurônio que percebem que o projeto é pífio! Que não caminha, ele não fecha!

ENTREVISTADORA – A escola também recebeu um diário de classe para trabalhar com esses alunos.

- Não, não recebeu! Não recebemos!

ENTREVISTADORA – no ano de 2010, professor, me parece que chegou o diário que bem no meio do ano...

- Não! Não! Não! Não! Não! Não chegou esse diário! Ao contrário, o colégio ainda utiliza um diário antigo porque, um grande problema que a diretora, inclusive, geral apontou e eu sou completamente favorável é que se se criou esse EJA e até hoje, em 2013, a secretaria de Educação ainda não providenciou esse diário específico! O diário que nós utilizamos é o diário da educação regular! Mais uma comprovação que é uma balela!

ENTREVISTADORA – Qual foi a maior dificuldade que você percebeu que a equipe como um todo, seu colegas tiveram em relação a essa proposta?

- A formação “conteudísta”!

ENTREVISTADORA – E você acha que essa formação “conteudísta” prejudica na hora de avaliar, de forma diferente, não considerando não só o conhecimento científico, mas também a questão do qualitativo?

- Olha, a questão em termos práticos se dá da seguinte forma: como, primeiro: o projeto é pífio, é falho, dois: os profissionais da educação não tiveram uma formação, nem a Secretaria de Educação encaminhou de fato nada que dissesse, efetivamente, o quê que o EJA é e como deve ser trabalhado, né? Porque, também não pode né? Ele, mesmo, o projeto não se sustenta. Três: a direção ainda trabalha buscando uma fórmula “conteudísta” com avaliação, a bem de manutenção do aluno. Com avaliações pontuais e por ultimo, o grande absurdo, recuperação ao final do ano, quando todo projeto se pressupõe processual. Por conseguinte, a grande dificuldade é você trabalhar aquilo que já é uma mentira, né? Porque se ele é processual, se ele busca o ensinar pelo ensinar e o aprender pelo aprender, ele não poderia estar preso à questão “conteudísta” e, por conseguinte, as medidas de avaliação seriam outras que não essas que efetivamente acontecem, não só nesse colégio, como nos demais, né? A outra questão é: deveria ser compreendida outra leitura dos duzentos dias letivos já que é um aluno flutuante, cuja realidade não se processa da mesma forma de um aluno regular e ainda se prende a questão dos duzentos dias letivos. Então, a bem de manter uma estatística de aprovação dos alunos, efetivamente chega-se a uma conclusão de segundo grau, alunos, que muitas vezes sequer sabem ler! Perdoe-me se não respondi bem a pergunta, fui claro ou não?

ENTREVISTADORA – Sim, você foi claro! (...) Bom, a política foi aí inserida, foi plantada, está sendo implementada, até que se crie outra é com ela que nós vamos trabalhar e assim, o sucesso do aluno está fadado ao sucesso da proposta hoje. Então, assim, o que ainda seria possível fazer para se melhorar o trabalho pedagógico aqui na escola em relação a esta proposta?

- Uma bomba na Secretaria de Educação!

ENTREVISTADORA – Então qual é a sua sugestão...

- Para melhoria?

ENTREVISTADORA – Para melhoria!

- Uma Bomba na secretaria de Educação!

ENTREVISTADORA – Bom, assim, você conseguiu ver algum ponto positivo na questão desta proposta?

- Sim! Efetivamente alunos que, principalmente estavam alheios à questão da educação, como donas de casa, etc. etc..., essas voltaram a se interessar a ter uma formação acadêmica. O Grande problema é que o projeto, no compito final, não prepara esse indivíduo para absolutamente nada.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA (A.C.B.C)

ENTREVISTADORA – Essa entrevista é para um trabalho de pesquisa que tem como tema a implantação e a implementação da proposta curricular tempo formativo da EJA aqui do Colégio Estadual Luiz Cabral.

formação; licenciada em química

Atua no CELC há 11 anos.

ENTREVISTADORA – Então eu vou fazer as primeiras perguntas relacionadas ao contato que você teve com a proposta pedagógica, curricular que foi inserida aqui no Colégio Luiz Cabral em dois mil e nove. Então quando e como você tomou conhecimento dessa nova proposta?

- Do EJA?

ENTREVISTADORA – Do EJA, a proposta curricular Tempo Formativo, você lembra como foi que ela chegou aqui na escola, como ela foi divulgada, quem fez a introdução e a divulgação?

- Eu prestei concurso em dois mil e um, e quando eu cheguei não sabia como trabalhar, eu vim de escola particular quando me disseram assim: você vai ensinar aceleração, na minha cabeça aceleração é aqueles meninos acelerados, eu imaginava que seriam com idades elevadas, que não fazia parte da minha realidade entendeu? eu fui aprender na prática ao vivo e a cores.

- Mas no início do novo ano vieram às jornadas pedagógicas, também os contatos com as coordenadoras mais ficava muito assim no que eu queria ensinar de química, eu não via muito direcionamento para o EJA, acho que a proposta estava meio perdida era uma coisa parecia nova, só que estava tentando se ajustar conhecer a proposta, então hoje eu já sei que você não tem um conteúdo programático a seguir para o EJA vem muito da necessidade da realidade do aluno que você traz para a disciplina.

ENTREVISTADORA – É assim, em dois mil e nove a secretaria da educação encaminhou para as escolas a proposta do Tempo Formativo, mais a escola trabalhava com o curso de educação de jovens e adultos dividido em área um,

dois, e três, a partir de dois mil e nove é que começou a proposta curricular Tempo Formativo que é uma política de educação, então encaminhou aqui para a escola em dois mil e nove só que a escola só começou a trabalhar em dois mil e dez, e essa proposta trouxe com ela algumas inovações, inovações na forma de avaliar, inovações na metodologia, inovações no conteúdo, então assim, para ser implantada aqui na escola houve um trabalho da coordenação da escola diretamente com os professores, que talvez você não tenha passado por esse processo porque você é professora do noturno.

- É isso. não tive.

ENTREVISTADORA – Como a escola não tem coordenador no turno noturno termina aqui a gente realiza o trabalho de acordo com a orientação que é dada que vem pela manhã, então foi por isso que você não presenciou esse processo de implantação da proposta aqui na escola, mais te atingiu diretamente porque você teve que mudar alguns processos e nos conselhos na semana pedagógica e tudo mais você teve acesso às informações não é isso, e assim sobre o que era colocado para a mudança como foi que você se sentiu em relação a essas mudanças, você se sentiu apta ou você acha que nada mudou?

- Quando o EJA muda a gente procura esta apta, nunca se sente apta totalmente, porque tudo que é novo a gente busca correr atrás para chegar ao objetivo desejado, agente precisa acostumar a correr atrás, porque tem muita gente que ver o novo como algo que está chegando como se fosse mais trabalhoso mais na verdade não é bem por aí, se nega a participar da mudança assim das coisas novas.

- E você se sente como em relação a essa algumas mudanças que você teve que enfrentar, você se sentiu como sentimento mesmo, porque mudança é um processo que não é fácil.

Eu gosto de desafios, eu não gosto muito de ficar na mesmice entendeu, então assim posso falar de outra experiência?

ENTREVISTADORA – Pode.

- Eu trabalho em outra escola que assim, tem desafios toda hora para mim, até por conta do ensino que é profissionalizante, às vezes eu tenho que ir para outra disciplina, mais eu gosto assim, porque na realidade você acaba com a mesmice você ver até o ponto você pode ir, você pode mesmo se você quiser entendeu e você ver que você consegue isso é muito bom, quando você sai da mesmice.

ENTREVISTADORA – Então essa mudança depende da vontade.

- Exatamente, eu gosto.

ENTREVISTADORA – Assim você teve acesso a uma cópia da proposta, alguém te entregou o documento para você estudar? Na jornada pedagógica em dois mil e dez?

- Mais era pra ter entregado vocês são muitos cuidadosos nessa coisa de semana pedagógica de ler e passar para o professor.

ENTREVISTADORA – Então assim você conhece a proposta? Já leu?

- Do EJA, a nova proposta?

ENTREVISTADORA – Do tempo formativo.

Não.

ENTREVISTADORA – Não lembra. Bem a proposta trouxe como eu já disse mudanças no conteúdo, na avaliação, na metodologia, dessas mudanças todas, qual foi a que você conseguiu efetivar na sala de aula, ou nada mudou?

- Eu passei a ver a necessidade dos alunos como, por exemplo, tinha aluno que trabalhava com reciclagem então eu tentava dar conteúdos a partir da realidade dele.

ENTREVISTADORA – Então você aí conseguiu mudar a questão da metodologia e assim nas escolhas dos conteúdos, você consegue dialogar com aluno?

- Sim, então eu me lembro de que uma vez eu estava dando aula de mistura, e separação de mistura à reciclagem, um aluno começou a falar professor seu trabalho com isso aí ele sinalizou, a gente fez um trabalho sobre reciclagem, outro

ano nos trabalhamos com outro aluno que fazia reciclagem de papel, quando eles sinalizam é mais fácil para eu adequar ao conteúdo mais assim, eles tem que ir sinalizar.

ENTREVISTADORA – Bom e a forma de avaliar? Agora tem que se considerar mais na questão do paliativo que a proposta protagoniza isso, você acha que houve algum conflito para você para seus colegas?

- Isso com certeza é porque quando você avalia, o pessoal não este muito acostumado, a gente esta acostumava a ver o cognitivo acima do qualitativo, por mais que se diga que tem que estar o qualitativo acima na pratica a gente não ver muito, e não esta aqui na nossa frente na nossa unidade escolar ,e quando você às vezes eu percebo que você quer que o qualitativo prevaleça parece que você esta passando a mão pela a cabeça do aluno, que quer aprovar o aluno por que quer, que não tem responsabilidade é complicado essa parte.

ENTREVISTADORA – Sobre a grade curricular que houve uma mudança significativa, porque, por exemplo, introduziu a disciplina de artes e atividade laboral em detrimento de disciplina como química, física, matemática que é do eixo sete que é de onde você trabalha então assim, o que você achou dessa mudança na grade curricular?

- Quando introduziu a arte laboral na realidade nos professores não sabíamos do que se tratava até me lembro de que a diretora ficou esperando alguém fosse enviado da SEC para poder dar explicação melhor para gente. E assim ficou, artes e atividades laborais você faz o quer, o que você quiser você pula, você canta, você dança falaram que é uma coisa louca, mais eu percebo assim que hoje em dia já esta sendo, os profissionais estão tentando manter uma confirmação seria em relação à arte, de tornar as aulas mais significativas para o aluno, ver a parte de ortografia, de redação, No eixo seis procuro trabalhar conteúdo que sirva para ele lá fora, fora de química, de física, de biologia algo mais para necessidade deles.

ENTREVISTADORA – É um pouco repetitivo essa questão. Quais mudanças efetivaram de fato, o que mudou na sua rotina de dois mil e dez para cá em relação aos alunos do EJA do Luís Cabral,

- Eu acho assim, cada ano que passa a gente tem que buscar mas, dar aulas mais significativas de forma que eles possam compreender aquilo que a gente fala, que eles não tem que fazer os pré-requisitos necessários para poder acompanhar a sua disciplina. Então quando eu entrei aqui achava que os alunos eram bem melhores em dois mil e um, mais depois não sei o que esta acontecendo que cada vez o nível esta ficando baixo. O conhecimento deixando a desejar.

ENTREVISTADORA – Você já fez algum curso de formação para educação de jovens e adultos?

- Não.

ENTREVISTADORA – Foi convidada pela SESC para algum curso relacionado à proposta pedagógica a Tempo Formativo?

- Se eu fui convidada, não.

ENTREVISTADORA – É ,me parece que você não conhece bem a proposta, mais ela traz um perfil para professor da educação de jovens adultos, diz que professor de jovens e adultos tem um perfil e que iria pesquisar esse perfil dos professores, que iriam formar esses professores, que os professores seriam avaliados para ser professor dessa modalidade, então assim você acha que você e seus colegas têm um perfil para o professor da EJA?

ENTREVISTADORA – Ela diz assim, que o professor tem que ser o mediador do aprendizado, que o professor da EJA tem que considerar que trabalha com alunos trabalhadores, tem que considerar os tempos desses alunos ,tem que reconhecer o conhecimento prévio que esses alunos já tem na vida.

- Com certeza a gente tem que ver o conteúdo que a gente dar aqui no EJA, aquele curso que teve aqui no turno da noite sobre o EJA.

ENTREVISTADORA – Dois mil e onze.

- Foi sobre o EJA, que na realidade ao invés de esclarecer confundiu foi tudo, porque parece que nem eles próprios têm o domínio sobre o EJA, isso ficou muito confuso esse EJA.

ENTREVISTADORA – E a escola, você acha que a escola cumpriu o papel dela direitinho na questão de passar informação sobre a proposta?

- Sim, como eu falei na jornada pedagógica sempre são passadas tudo que tem a ver com o EJA e fico de forma atualizada surgiu alguma coisa nova você sempre procura passar para a gente mudança de conceito, de nota para conceito, o qualitativo repassando acima do quantitativo.

ENTREVISTADORA – Sobre o diário. Quando foi que você teve acesso a esse diário e qual a importância desse instrumento para o seu trabalho pedagógico?

- Foi em dois mil e dez.

ENTREVISTADORA – O que você achou diário?

- Eu não gosto muito da estrutura do diário eu acho ele muito cansativo, muito trabalhoso.

ENTREVISTADORA – Assim essa proposta é parte da política para educação de jovens e adultos, ela foi implantada em dois mil e nove, foi inserida na escola aqui em dois mil e nove, foi implantada aqui na Luiz Cabral em dois mil e dez, já tem quatro anos e ela esta sendo implementada ainda e assim, sobre o papel do professor em relação a isso qual seria o papel do professor para que essa proposta fosse virtuosa, para que ela desse certo?

- Proposta do EJA?

ENTREVISTADORA – Sim.

Eu acho que toda e qualquer proposta para o SEC, que a pessoa tem que se interessar mesmo, como se diz dobrar a camisa vestir a camisa e assumir, porque se não nenhuma proposta quaisquer seja vai dar certo, depende da vontade da pessoa. Arregaçar as mangas como se diz.

ENTREVISTADORA – Assim você acha importante que a SEC der formação para o professor da educação de jovens e adultos, para trabalhar com essa proposta?

- Acho que sim, como eu disse eu nem sabia o que era EJA tive que aprender com o tempo, na sala.

ENTREVISTADORA – Então assim se fosse abrir uma formação para o professor da EJA que conteúdos teóricos deverão ser trabalhados?

- Em relação à EJA.

ENTREVISTADORA – Para que o professor trabalhasse em sala de aula de acordo com que a proposta protagoniza?

- Acho que esse tipo de metodologia utilizada pelo professor, não sei quais conteúdos poderia ser.

ENTREVISTADORA – Num curso de formação para o professor que conteúdo poderia ser trabalhado, Para que o professor ficasse apto para trabalhar numa educação de jovens e adultos, seria trabalhar com os teóricos que formatam essa proposta?

- Eles poderiam fazer um curso teórico e deixar os conteúdos à nossa escolha, para a gente poder ter um embasamento para realizar a nossa pratica de uma maneira mais eficaz na sala de aula, pelo o que você esta dando na pratica.

ENTREVISTADORA – Bom aqui raciocinando sobre a correção e ajuste a introduzir no processo da implementação da proposta, para que houvesse maior engajamento de professores em relação a essa proposta, como ela deveria ter sido implantada?

- Acho que deveria ter esse curso de implantação com os professores e ela poderia ter sido construída junto com os professores, porque os professores é que vivenciam essa realidade, e a secretaria de educação tem um defeito eles colocam a ordem de cima para baixo, geralmente quem não sente quem não vive a realidade, então fica uma coisa meio solta e às vezes eu penso que eles não sabem muito qual a proposta do EJA, para que serve.

ENTREVISTADORA – Então assim, o que os gestores da escola, a direção e a coordenação pedagógica, devem fazer para melhorar o trabalho pedagógico desenvolvido nessa escola.

- A direção, a coordenação faz o que pode de acordo com o que ela tem condição na escola, mas que isso que vou falar não depende da direção e nem da coordenação, acho que deveria investir mais para ter aulas diferentes para ter tecnologia mesmo, para gente trabalhar com os alunos, não só ficar nessa parte de quadro e giz, não depende de vocês ai essa parte.

ENTREVISTADORA – Depende do trabalho do professor na sala de aula?

- Eu quero mudar minha metodologia, eu quero dar aula para crianças a partir de informática para trabalhar comigo, mais eu precisaria de uma sala de computadores você esta entendendo? Nos temos um laboratório que começou a ser construído e tai aguardando a SEC concluir até hoje eles não entregaram.

- Porque assim com poucas de pessoas assim vocês consegue dar aquele apoio que a gente precisa, mais os recursos ainda são poucos, então se a gente quer fazer algo diferente e as vezes fica limitado, e olha que mesmo com as limitações eu consigo fazer milagres , como aquelas aulas de pratica eu fui fazendo com os alunos até reverenciar um pouquinho a expressão do conhecimento.

E você conhece os índices de evasão e retenção aqui na escola?

Na oficina pedagógica você sempre sabe, a gente começa com uma quantidade x de alunos e termina com vinte alunos.

ENTREVISTADORA – Bom assim como professora o que você acha que você e seus colegas ainda podem fazer, já que parece que depende muito mais do professor do que da gestão, em relação aos nossos alunos?

- À noite a nossa realidade. Agente deveria trabalhar mais com projetos com o EJA e eu acho que seria mais motivador e talvez corresse menos risco de evasão, eles já chegam cansados na escola, e não tem nada para oferecer, é difícil trabalhar com questões de projeto eu acredito que poderia mudar torna a escola mais viva.

ENTREVISTADORA – Que sugestões você daria então para a gente ,você já falou que o projeto seria uma boa sugestão para animar a escola dar vida a escola ,pronto então assim o que você aconselharia para que a gente consiga realmente ter êxito no nosso trabalho ,porque a proposta esta ai é essa mesmo

não tem outra ate que a SEC invente outra ainda tem que trabalhar com ela e para que nossos alunos tenham sucesso essa proposta tem que ter êxito.

- Mais não tem nenhum conselho porque assim não é aconselhar, para trabalhar com o projeto tem que ter o desejo.

ENTREVISTADORA – Então você acha que tudo passa da vontade do desejo do professor?

- Então tudo passa desse desejo , se é um desejo de fazer e acontecer. Mas é tudo na mesmice e vai ficando assim um jogando para o outro fica essa bola de neve.

ENTREVISTADORA – Então o sucesso da proposta depende unicamente da vontade do professor?

- Não unicamente, também. Mas assim, se eu não desejo...

Principalmente eu acho.

ENTREVISTA DA PROFESSORA (J.M.)

Esta entrevista vai compor um trabalho de pesquisa, que tem como tema a análise da implantação e implementação da proposta pedagógica Tempo Formativo no Colégio Estadual Luís Cabral.

Função: professora licenciada em matemática (há 12 anos no CELC)

1. SOBRE OS PRIMEIROS CONTATOS COM A PROPOSTA

ENTREVISTADORA- Quando e como tomou conhecimento da proposta da EJA?

- Em 2009. Era funcionária da escola, logo, estava vinculada a esta proposta.

ENTREVISTADORA - Você lembra como ocorreu o processo de entrada e divulgação da proposta na escola? Quem fez a introdução/divulgação? Através de que atividade? Quanto tempo durou essa atividade?

- Encontros nos ACs. A coordenadora passava a proposta nas reuniões de AC.

ENTREVISTADORA - Como você se sentiu? Qual foi a sua reação e a dos outros professores?

- O sentimento é um choque. Mas quando você trabalha com um curso acelerado não tem muito choque, quando muda para EJA. Porque agente já tem esse cliente. O cliente continua o mesmo. Ficou até mais fácil.

ENTREVISTADORA - No momento da introdução/divulgação você conheceu a proposta integralmente?

- Integralmente não, porque até hoje não conheço esta proposta.

ENTREVISTADORA - Você teve acesso a uma cópia integral da proposta para o seu uso ? (para consulta e leitura posterior)

- Agente recebia muito material papeis e mais papeis, nos ACs.

2. SOBRE A PERCEPÇÃO DA PROPOSTA E DOS SEUS DIVERSOS ITENS

ENTREVISTADORA- O que acha do modelo curricular da proposta? Que semelhanças e ou aproximações tem com o modelo de currículo com que vocês trabalhavam antes da proposta? Conhece os fundamentos teóricos da proposta? Piaget / Paulo freire / Miguel Arroyo.

- A proposta curricular continua sendo a mesma, não tem muita mudança da EJA para o curso acelerado. Não na grade curricular. A mudança é que o aluno passou a ser visto de forma diferente. Ficou até mais fácil.

ENTREVISTADORA- Das mudanças colocadas no currículo: conteúdo / avaliação / metodologias quais foram efetivadas.

- A proposta é cumprida mais no turno matutino porque nos temos a coordenação pedagógica. O noturno fica mais solto porque não tem a coordenadora pedagógica para acompanhar.

ENTREVISTADORA- Considerando que 60% dos professores trabalham nos dois turnos, porque isso acontece.

- Porque o aluno do matutino é um e o aluno do noturno é outro. Pela manhã trabalhamos com o EJA juvenil e a noite com jovens e adultos. O cliente que vem para o noturno apesar de ser a mesma serie é completamente diferente.

ENTREVISTADORA - Sobre a grade curricular houve mudança significativa. Quanto à introdução da matéria arte e atividades laborais?

- O estado coloca que a introdução dessa disciplina foi para atender a pedido de alunos, mas não preparou o professor para fazer este trabalho. Para o aluno foi prejudicial. Porque você tirou o horário de outras disciplinas e o professor não sabe o que trabalhar, cada um trabalha de forma diferente.

ENTREVISTADORA – Das mudanças colocadas quais foram mais conflituosas? E quais se efetivaram?

- Creio que é a questão dos conceitos, para o aluno não fica claro se tirou cinco ou seis... A questão dos conceitos é o que tem de mais conflituooso para o professor e para o aluno

ENTREVISTADORA - Você já fez algum curso de formação para EJA. Foi proporcionado pela SEC?

- Sim, fiz mas foi totalmente financiado pela professora.

ENTREVISTADORA- Sobre o perfil para o professor da EJA que o documento traz . Os professores do CELC tem este perfil?

- Creio que não, ninguém veio nos preparar. A SEC não diz para você se vai trabalhar com a EJA ou com outros cursos. Hoje o estado esta fazendo curso e especialização para 1600 professores do curso profissionalizante, é isto que deveria ser feito com o curso da EJA. Até porque o cliente do matutino é um e o do noturno é outro. No matutino agente trabalha para a EJA juvenil e a noite para EJA adulto.

3 SOBRE A IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA

ENTREVISTADORA – Recebeu material didático específico para trabalhar com a nova proposta? Quando? Utiliza este material?

Hoje nós temos o livro, que eu tenho dificuldade, porque o meu aluno não acompanha.

4 SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR

ENTREVISTADORA – Na sua concepção qual o papel do professor na proposta?

- O papel do professor é o papel da escola. Onde deve fazer o ambiente de aprendizagem um ambiente prazeroso. Quando você fala que a proposta está posta, dessa implementação. Que está posta! Mas para quem já trabalhava no curso acelerado não percebeu esta mudança. Não mudou, não mudou... Você não sente esta mudança. Tem muitos que nem perceberam que mudou de aceleração para EJA.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA (L.B.)

Esta entrevista integra uma pesquisa sobre a implementação e a implantação da proposta pedagógica do EJA no colégio estadual Luiz Cabral, então eu tenho um roteiro e vou seguindo esse roteiro e vou estar lhe fazendo as perguntas, mas você esteja á vontade para responder tudo que achar necessário.

Formação: Licenciada em filosofia com especialização em história

(atua no CELC há13 anos)

ENTREVISTADORA - Então vamos levantar aqui algumas questões, sobre o primeiro contato que você teve com a proposta pedagógica do EJA, quando foi que você tomou conhecimento?

- Quando eu vim aqui para Luiz Cabral no ano de 2001.

ENTREVISTADORA – Não, eu me refiro à proposta pedagógica Tempo Formativo, quando ela foi inserida aqui na escola como foi que você tomou conhecimento?

- Através da coordenação, que trouxe todo o material fez leitura discutiu com a gente né, porque antes não era o tempo formativo, más não vejo muita diferença.

ENTREVISTADORA - Então assim, quais foram as atividades que a coordenadora fazia para que vocês tomassem conhecimento da proposta?

- Através de leitura de material enviado pela própria secretaria a gente foi tomando conhecimento.

ENTREVISTADORA - E você achou de fácil absorção, foi fácil conhecer a proposta, compreender a proposta?

- Não vi assim muita dificuldade, porque a gente também já vinha trabalhando com cursos com series de aceleração onde não percebi assim tanta diferença, porque desde o inicio a gente vem já trabalha com os registros então não percebi assim muita diferença.

ENTREVISTADORA - Assim qual foi a sua reação em saber das mudanças que estavam sendo inseridas de que forma você reagiu? Houve assim uma aceitação imediata?

- Eu costumo aceitar mais ou menos essas coisas, não tive muita rejeição à proposta não, sabe.

ENTREVISTADORA - Em relação aos colegas professores qual foi a reação do grupo como um todo?

- O grupo como um todo eu acho que teve assim uma reação que não foi muito boa, não aceitou muito, teve alguns professores bastante resistentes.

ENTREVISTADORA - Você chegou então com esses estudos a conhecer integralmente a proposta, compreende-la completamente?

- Não compreendi totalmente, mas dá gente para ver o que é mais conveniente, o que é mais a nossa realidade, o que mais se adequa a nossa realidade para fazermos os ajustes necessários.

ENTREVISTADORA - Você recebeu uma copia desses documentos?

- Recebemos copia de documento onde foi feita leitura nos ACS, para que a gente tivesse uma compreensão das mudanças.

ENTREVISTADORA - O que você achou desse modelo curricular?

- Na verdade eu não percebo grandes mudanças com essa implantação não vejo muita diferença sabe.

ENTREVISTADORA - Assim a proposta diz que traz inovações, metodológicas em relação à avaliação, em relação aos conteúdos programáticos, então dessa forma o que você mudou na sua pratica?

- Uma das mudanças que eu percebo assim com mais ênfase é não avaliar o aluno usando só cognitivo, e fazer a avaliação sócio formativa também que é importante. Não é só observar o cognitivo a pontuação que ele realmente fez na sua avaliação observando outros aspectos, que também são importantes para serem avaliados,

não observando só o fator nota, quantitativo e sim outros fatores, outros aspectos quantitativos.

ENTREVISTADORA - Então assim dessas mudanças de conteúdo, avaliação da metodologia qual você conseguiu efetivar de fato?

- Eu nunca avaliei o aluno somente pelo quantitativo, o interesse a participação e outros aspectos sempre observei, nunca fui muito de só pontuar o quantitativo. Eu já venho avaliando outros aspectos independentes dessa proposta.

ENTREVISTADORA - E assim em relação à grade curricular sobre a introdução da matéria arte laboral o que foi que você achou?

- Eu não entendi muito bem porque o que se diz é que foi uma solicitação dos alunos que eu nem acredito bem que foi uma solicitação, eu acho que essa arte laboral foi mais no sentido de arrumar o professor na escola, porque desde que qualquer professor pode trabalhar com essa disciplina arte laboral independente de formação ou não, não existia uma preocupação com a arte em si.

ENTREVISTADORA - A secretaria enviou assim algum documento para esclarecer qual seria o conteúdo dado nessa disciplina?

- Há dois anos quando a gente ainda recebia aquelas cadernetas, eram bem claros os saberes necessários o que a gente iria trabalhar em cada disciplina, mas sempre ficou meio perdido porque nunca se teve uma proposta única de arte para toda a escola, cada professor tende mais a voltar para sua disciplina.

ENTREVISTADORA - Você falou ai um pouco do diário onde norteava através dos eixos temáticos, o diário de classe chegou imediatamente a implantação da proposta?

- Não o diário tem dois anos que a gente não recebe, tem dois anos quem a gente não tem esse diário aqui mas como a gente ainda tinha alguns diários antigos, a gente tem mais ou menos né dos ACs se dar uma olhada naqueles saberes necessários para que não fuja totalmente da proposta.

ENTREVISTADORA - E dos teóricos que influenciaram a proposta como Piaget, Paulo Freire, Miguel Arroio você já teve contato com as obras desses autores?

- Já tive mas eu não tenho assim um aprofundamento a respeito desses teóricos.

ENTREVISTADORA - Você já fez algum curso de formação para Educação de Jovens e Adultos?

- Curso mesmo voltado para educação de jovens e adultos não, teve assim que a gente participou acho que já teve algum seminário, teve uma vez no IATE onde teve um seminário, mas foi coisa onde iria dar sequência, esses professores iriam ser chamados em outras datas e realmente não houve.

ENTREVISTADORA - Quando foi assim esse seminário, foi antes de iniciar a proposta ou bem depois como foi o tempo que aconteceu esse seminário aí que você está tentando lembrar?

- Eu lembro que no iate teve um curso onde alguns professores foram e aqui do Luiz Cabral eu estive, foi coisa assim de poucos dias e que iria dar sequência mas não houve não se é que houve a escola aqui não foi contemplada.

ENTREVISTADORA - Quando que a coordenação da EJA esteve aqui na escola diretamente com os professores, foi logo no início da implantação ou foi muito depois?

- Logo no início pouco tempo a diretora solicitou a visita e veio uma técnica aqui da secretaria, em 2010, depois fez aquele curso aquele seminário de poucos dias que a gente teve lá no colégio central você lembra porque você também estava né no Colégio Central.

ENTREVISTADORA - Aí já foi em 2011, no Colégio Central. Assim, entre equipe de professores quais dessas mudanças foi assim mais conflituosas?

- Acho que o maior conflito é que o professor está muito acostumado com o quantitativo, com o fator nota pontuação né quantidade, e quando se passa a observar também outros aspectos qualitativos ali eu acho que entrou um pouco em choque com relação com o que o professor já vem trabalhando a muitos e muitos anos, daí vem um pouco a resistência do professor.

ENTREVISTADORA - Certo, a escola colaborou com o professor para o entendimento e aplicação dessa proposta?

- Tivemos varias reuniões com a coordenadora onde ela tentou da melhor forma deixar as coisas mais claras ela foi bem parceira como é até hoje.

ENTREVISTADORA - Na sua concepção qual o papel do professor nessa proposta, para que ela tenha êxito?

- Eu acho que o papel do professor é realmente entender a proposta, e tentar da melhor forma fazendo seus ajustes para que a coisa realmente funcione.

ENTREVISTADORA - Assim se houvesse um curso de formação dada pela SEC a todos os professores da EJA quais seriam assim os conteúdos que deveriam ser trabalhados?

- Ai haveria uma seleção onde o ideal seria que professores das áreas afins e vice e versa, reunidos para selecionar os conteúdos mais relevantes e que realmente fosse significativo para o aluno né, e que esses conteúdos também fossem de áreas humanas houvesse sempre encontros na escolha de conteúdos relevantes e que houvesse uma participação de todos os professores por área, para que houvesse uma interação maior entre os professores para que houvesse um elo entre os conteúdos para que a coisa não ficasse solta porque a gente ainda percebe onde não há assim um entrosamento, para que a coisa fique realmente mais significativa e o aluno passe a valorizar e perceber a importância da relação que existe entre uma disciplina e outra.

ENTREVISTADORA - E assim quais são os pontos positivos dessa proposta? Você conseguiria eleger alguns?

- Eu acho que é um ponto positivo o aluno não ser observado só no seu quantitativo a forma de avaliar é um ponto positivo, não que a gente dê os conteúdos continuam presentes os conteúdos precisam ser trabalhados. Os conteúdos deveriam estar sendo discutidos com os alunos em sala de aula.

ENTREVISTADORA - Você acha que essa discussão ocorre na sua totalidade?

- Não vejo, uma que não sabe nem se os nossos alunos também estão preparados, se são maduro a ponto de participar dessa seleção dos conteúdos que gostariam mesmo de trabalhar.

ENTREVISTADORA - Ai eles teriam que ter assim alternativas para escolher. Assim e os pontos negativos que você elegeria?

- Ponto negativo, um dos pontos que eu acho mais negativo é com relação à clientela que a gente tem, uma clientela que não é constante, uma clientela muito faltosa não existe sequencia, você faz uma atividade hoje, no outro dia o aluno não vem, eu acho que isso compromete assim uma sequencia ,a gente tem assim uma clientela muito flutuante, acho que isso dificulta demais o trabalho.

ENTREVISTADORA - E sobre a questão do EJA juvenil que chegou em 2011 para ser aplicado na escola, e esse EJA juvenil tem uma carga horaria maior deveria ter uns eixos temáticos diferenciados para o aluno ir ate os 17 anos.

- Quanto ao EJA Juvenil eu acho que quase não se trabalha de maneira diferenciada eu não vejo muito assim certo.

ENTREVISTADORA - Então na verdade o EJA juvenil ele não foi aplicado aqui na escola?

- Ele em parte aplicado, mas na sua totalidade não.

ENTREVISTADORA - Em relação à carga horaria desses meninos que estudam pela manha foi mantida a mesma carga horaria dos jovens e adultos?

- Não a gente para que estivesse menos problemas a gente colocou não obedeceu.

ENTREVISTADORA - O que você acha que os gestores aqui do Luiz Cabral deveriam fazer, que providencias deveriam tomar assim para que a implementação fosse efetivada? Você acha que efetivamente houve mudanças?

- Eu acho que as mudanças foram muito poucas efetivamente, a gente ainda vê por parte de muitos professores muita resistência, eu percebo ate que está vindo aos poucos as mudança más não o que era realmente necessário, eu ache que teria que ter assim os AC por área de conhecimento, o professor de matemática eles deviam estar mais reunidos nos horários de AC assim como professor de química, física, biologia, eu acho que se trabalha muito de maneira isolada precisa mais de unir essas disciplinas para que o aluno perceba o trabalho mais interdisciplinar o trabalho

onde há um elo de ligação entre as disciplinas, eu acho que as coisas são muito soltas ainda, e o próprio professor também tem muita resistência na maioria das vezes esta tão acostumado com que ele já trabalha algum tempo, ele tem muita resistência em mudar. Como a exemplo a gente tem até um livro do fundamental onde esse livro não é usado, o professor na sua maioria se recusa a usar o livro onde eu não consigo conceber o livro pode não ser bom, mas é onde a gente tem uma dificuldade grande dos nossos alunos ler e interpretar eu não consigo entender, até hoje eu vou sair daqui ao próximo ano eu vou mim aposentar e não vou conseguir entender porque tanta resistência, a resistência a mudança porque é mais cômodo para o professor continuar trabalhando os conteúdos como ele já vinham trabalhando em serie regular ou em aceleração,

Tenho dificuldade em função do livro, em função dos outros professores não usarem o livro, e às vezes a gente até percebe que a induz o aluno a dizer esse livro não tem nada, esse livro é muito fraco, isso você percebe pela fala do próprio aluno, além de não usar ainda às vezes até atrapalha quando outro professor quer usar porque ele induz o aluno a que esse livro não tem nada, não tem nada porque ele este tão acostumado, ele não quer mudar, Mas o conteúdo é muito pouco naquele livro, isso a gente não discute tem conteúdo, os exercícios se você for ver é mais voltado aos alunos para pensar, para opinar, as respostas não serão as mesmas dai vem a dificuldade que eu acho, e para a gente não seria tão difícil porque a gente não tem turma, uma turma com 40 alunos seria muito difícil o professor trabalhar com esse livro mas com as turmas como nos temos com poucos alunos daria para o professor trabalhar. Isso ate atrapalha.

ENTREVISTADORA - E o que você acha que a escola pode fazer em relação a isso?

- Eu acho que a resistência é grande, a resistência é grande o pessoal não usa, não usa e acabou, se for contra vai si indispor, vai criar muito problema e ai pede que use, a diretora pede que use, dai ela pede naquele momento. O livro vai para casa e aquele aluno por si só, pelo seu comodismo ele não quer trazer porque é pesado, -- professora eu vou trazer só um professor vai usar_, chego ao ponto de pontuar o aluno que traz o livro, um dia tem problema no braço, mas no dia que Claudiane não vem ela traz o livro, ela sabe que ela precisa da leitura e é importante eu gosto do

aluno que lê porque o aluno que não lê no final eu peço para aqueles alunos que não lê fique aqui para a gente trabalhar mais a leitura o texto esta no quadro eu boto o texto no quadro dai fico mandando-os lerem, faço ate isso fora do meu horário.

ENTREVISTADORA - E a SEC o que a SEC poderia fazer em sua opinião, qual seria ai a intervenção da SEC?

- Eu acho que a SEC não interferi nessas coisas é a escola é o administrativo da escola, não vejo nada sair da SEC, que fosse uma coisa mais do colégio mais cômodo, mas se tem muita resistência.

ENTREVISTADORA - Isso iria gerar muitos conflitos?

- Sim, e como criaria, criaria muitos e muitos conflitos, o professor já ensina há 20 anos ele já tem tudo bonitinho ele não quer mudar, é complicado. Agora mesmo estou selecionando textos, no livro tem o manual onde ele sempre mostras textos voltados para o capítulo que você trabalhou onde você vê que a coisa não fica dai você vai complementando, nenhum livro é 100% em nenhum em serie regular você trabalha tudo, o que você vê que não é pertinente você pula você vai para o outro conteúdo. Eu não entendo.

ENTREVISTADORA - Então quais seriam suas sugestões que você daria ai para a gente?

- Mas é um formato assim de consciência junto a esse pessoal porque tanta resistência, eu tenho certeza que tem muitos textos bons nesses livros.

ENTREVISTADORA - Talvez um trabalho de sensibilização?

- Acredito que não tenham nem lido me pergunte ai, eu vou perguntar quem já pegou esse livro para ler? Quem abriu para ler? Quem abriu aquele manual especifico o manual que da todas as dicas, mostra tudo até como você trabalhar. Ele da varias opções e muitos textos bons mesmo, textos atuais eu não entendo porque tanta resistência onde à gente tem uma clientela com dificuldades de leitura.

ENTREVISTADORA - Necessitada?

- Necessitada, eu não estou trabalhando esse livro? Más eu estou a todo o momento trazendo textos, eu tiro textos de revistas eu pego jornal levo para a sala,

ENTREVISTADORA - Então assim, a sugestão maior seria maior comprometimento de todos?

- Maior comprometimento, o pessoal está muito preso ao tradicional, não quer dizer que eu não faça o exercício que eu já fiz há algum tempo atrás não, eu vou selecionando eu decido o que é pertinente, eu não estou dizendo que eu sou melhor não, é mais assim precisa. É muita, muita resistência eu já desgostei tanto que eu disse: assim meu Deus o que eu ainda quero aqui.

ENTREVISTADORA - Certo professora, eu acho que, eu já terminei aqui o roteiro aqui se você quiser falar mais em relação a essas questões fique a vontade.

- Minha queixa maior é com relação a isso.

ENTREVISTADORA - Nós temos um compromisso, o compromisso da escola e dos professores dessa escola é continuar na implementação dessa proposta, e fazer de tudo para que ela de certo, porque isso é em benefício dos nossos alunos né, assim toda a equipe tem noção dos percentuais de evasão e de retenção do aluno na escola?

- Eu acho que tem porque os números são mostrados, nos conselhos os números são mostrados e quando você ainda vê resistência de pessoas, quando eu digo gente é tão cruel quando a gente vê um numero tão pequeno de alunos e a gente não consegue alfabetizar, mas não é meu trabalho alfabetizar, a gente tem que trabalhar dentro da dificuldade do aluno tem que fazer alguma coisa pelos alunos, eu sei do desinteresse é muito grande.

